

**INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES
CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO**

2014/2015



TII

A VISÃO DOS MEMBROS DAS FORÇAS ARMADAS E DA *GUARDIA CIVIL* SOBRE O FENÓMENO DO TERRORISMO INTERNACIONAL. A PERCEÇÃO DOS FUTUROS OFICIAIS DO EXÉRCITO DE ESPANHA E DA *GUARDIA CIVIL*

O TEXTO CORRESPONDE AO TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IESM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUEAS, DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA, DO EXÉRCITO DE ESPANHA OU DA *GUARDIA CIVIL*



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

A VISÃO DOS MEMBROS DAS FORÇAS ARMADAS E DA *GUARDIA CIVIL* SOBRE O FENÓMENO DO TERRORISMO INTERNACIONAL. A PERCEÇÃO DOS FUTUROS OFICIAIS DO EXÉRCITO DE ESPANHA E DA *GUARDIA CIVIL*

Maj Exe ENG Esp Miguel Parrado Vázquez

Trabalho de Investigação Individual do CEMC 2014/2015

Pedrouços 2015



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**A VISÃO DOS MEMBROS DAS FORÇAS ARMADAS E DA *GUARDIA CIVIL*
SOBRE O FENÓMENO DO TERRORISMO INTERNACIONAL.
A PERCEÇÃO DOS FUTUROS OFICIAIS DO EXÉRCITO DE ESPANHA E DA
*GUARDIA CIVIL***

Maj Exe ENG Esp Miguel Parrado Vázquez

Trabalho de Investigação Individual do CEMC

Orientador: COR CAV Luís Eduardo Saraiva



Pedrouços 2015

Agradecimentos

Ao Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), o meu sincero agradecimento pela oportunidade dada na realização deste trabalho de investigação, no contexto do Curso de Estado Maior Conjunto 2014-2015 (CEMC), sobre um tema atual e de preocupação mundial.

Ao orientador do trabalho, Sr. Cor Saraiva, pela sua permanente disponibilidade, apoio constante e bons conselhos na elaboração do mesmo.

Aos professores do IESM, pelas aulas ministradas no CEMC, em particular ao Sr. Cor Lemos Pires, pela sua orientação e participação na entrevista e pelos seus artigos de referência, ao Sr. TCor Parreira da Silva pelas suas aportações e conselhos metodológicos e ao Sr. Maj Pais dos Santos pelos seus conselhos gerais desde o início do projeto e pela sua prestimosa colaboração com a construção da escala do questionário.

Aos Oficiais superiores e aos camaradas espanhóis das Forças Armadas e da *Guardia Civil* pela sua disponibilidade e participação nas entrevistas deste trabalho.

Aos académicos que participaram nas entrevistas, Dr. Clarence Augustus Martin e Dr. Alonso Pascual, que também são autores de diversos estudos nesta matéria e foram amplamente utilizados no desenvolvimento deste trabalho.

Ao TCor José Moreira pela sua ajuda na correção do trabalho, bem como pelos seus conselhos e sugestões no desenvolvimento do mesmo, especialmente nos momentos de maior dificuldade e incerteza.

Aos Oficiais alunos do Exército e da *Guardia Civil* pela sua participação nos inquéritos propostos e ao pessoal instrutor dos respetivos centros de formação pelas facilidades concedidas na realização dos mesmos.

A todos os militares das Forças Armadas e das Forças de Segurança de Portugal e de Espanha diretamente empenhados na luta contra o terrorismo, que estão na linha da frente no combate a esta ameaça, garantindo a defesa e salvaguarda dos nossos sistemas democráticos e livres.



Índice

Introdução	1
1. A caracterização do Terrorismo Internacional.....	9
a. As definições e limitações do terrorismo internacional	9
b. A caracterização da luta contra o terrorismo.....	12
c. Terrorismo internacional, terrorismo global e terrorismo transnacional	14
d. Terrorismo, <i>media</i> e linguagem	15
2. Síntese histórica do fenómeno terrorista e a visão atual da ameaça em Portugal, Espanha e em algumas Organizações Internacionais.....	18
a. O terrorismo em Portugal	20
(1) Resumo histórico.....	20
(2) A visão atual da ameaça terrorista	20
b. O terrorismo em Espanha	21
(1) Resumo histórico.....	21
(2) A visão atual da ameaça.....	24
c. A visão do terrorismo na UE e na NATO	25
(1) A visão do terrorismo na União Europeia.....	25
(2) A visão do terrorismo na NATO	26
3. Estudo de caso: A perceção dos futuros Oficiais do Exército e da <i>Guardia Civil</i> de Espanha.....	27
a. O inquérito por questionário proposto	27
b. A determinação e descrição da amostra.....	29
c. Apresentação dos dados do inquérito realizado aos alunos do Exército.....	30
d. Apresentação dos dados do inquérito realizado aos alunos da <i>Guardia Civil</i>	33
e. Considerações sobre o objeto de estudo: a perceção	36
f. Síntese conclusiva	37
4. Análise e interpretação dos resultados.....	38
a. Análise quantitativa dos dados obtidos nos questionários	38
b. Análise qualitativa da pergunta aberta do inquérito.....	42
c. Análise qualitativa da perceção dos peritos em terrorismo internacional.....	43
(1) As dimensões de estudo das entrevistas.....	45



(2) Interpretação da análise temática dos peritos e comparação com os resultados do inquérito dos alunos. Síntese conclusiva.....	45
Conclusões, contributos para o conhecimento e propostas.....	47
Bibliografia.....	51

Índice de Apêndices

Apêndice A. Modelo de Análise do trabalho de investigação.....	Apd A-1
Apêndice B. Respostas dos alunos á pergunta aberta do inquérito	Apd B-1
Apêndice C. Modelo de entrevista em língua portuguesa	Apd C-1
Apêndice D. Resumo e sinopses das entrevistas ao pessoal perito	Apd D-1
Apêndice E. Matriz de Análise Categorical ou Temática das entrevistas.....	Apd E-1

Índice de Figuras

Figura nº 1 - Eurobarómetro Especial 371. As maiores preocupações dos europeus.....	1
Figura nº 2 - Política de luta contra o terrorismo de Portugal.....	13
Figura nº 3 - Política de luta contra o terrorismo de Espanha.....	14
Figura nº 4 - Relação n.º de mortos por ações terroristas – notícias no <i>New York Times</i>	16
Figura nº 5 - N.º de mortos em Espanha por ações terroristas de 1968 a 2009.....	22
Figura nº 6 - N.º de pessoas assassinadas por ETA.....	22
Figura nº 7 - N.º de pessoas assassinadas por GRAPO.....	23
Figura nº 8 - N.º de pessoas assassinadas por outros grupos terroristas.....	24
Figura nº 9 - Pirâmide da perceção.....	37

Índice de Tabelas

Tabela nº 1 – Tipos de objetivos, finalidades e hipóteses	4
Tabela nº 2 - Fases e subfases do percurso metodológico da investigação	5
Tabela nº 3 - Critérios de aceitação e rejeição de hipóteses	6
Tabela nº 4 - Tipos de estratégias de investigação / desenho de pesquisa	7
Tabela nº 5 – Frequência de certas palavras nas definições de terrorismo.....	9
Tabela nº 6 – Inquérito por questionário	28
Tabela nº 7 – Respostas integradas dos alunos do Exército	30
Tabela nº 8 - Respostas integradas dos alunos da <i>Guardia Civil</i>	33
Tabela nº 9 – Quadro geral do modelo de análise	Apd A-1



Tabela nº 10 - Quadro modelo de análise da estratégia quantitativa	Apd A-2
Tabela nº 11 – Quadro sinopse da entrevista ao Cor Pires	Apd D-1
Tabela nº 12 – Quadro sinopse da entrevista ao TCor D. Alcalde	Apd D-2
Tabela nº 13 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial Sup da Armada.....	Apd D-3
Tabela nº 14 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial Sup da GC	Apd D-5
Tabela nº 15 – Quadro sinopse da entrevista ao CF Aznar	Apd D-7
Tabela nº 16 – Quadro sinopse da entrevista ao Cor Fuente	Apd D-9
Tabela nº 17 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial Sup Exe de Espanha	Apd D-10
Tabela nº 18 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial da GC (OF GC-1).....	Apd D-11
Tabela nº 19 – Quadro sinopse da entrevista ao Dr. Martin.....	Apd D-12
Tabela nº 20 – Quadro sinopse da entrevista ao Cor Salom.....	Apd D-13
Tabela nº 21 – Quadro sinopse da entrevista ao Dr. Alonso	Apd D-14
Tabela nº 22 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial da GC (OF GC-2).....	Apd D-14
Tabela nº 23 - Matriz da análise categorial das entrevistas	Apd E-1



Resumo

Este trabalho científico estuda a visão dos membros das Forças Armadas Espanholas e da *Guardia Civil* sobre o terrorismo internacional. A investigação realizada, sob a forma de estudo de caso, explora a percepção que os futuros oficiais do Exército e da *Guardia Civil* têm sobre o terrorismo global.

Apesar dos inúmeros estudos sobre a caracterização e análise do terrorismo internacional, pouco se tem investigado sobre o fator humano, daqueles que têm uma destacada responsabilidade na luta contra a violência política. O alvo da investigação são os alunos militares que brevemente serão incorporados nos quadros profissionais. Utilizou-se uma estratégia de investigação mista, aproveitando os benefícios e complementaridade das estratégias quantitativa e qualitativa.

O estudo revela certa continuidade na percepção dos alunos sobre o terrorismo ao longo do tempo, a utilização de diversas fontes de informação e uma alta motivação para, no futuro, envolverem-se na luta contra o terrorismo.

Palavras-chave

Exército, *Guardia Civil*, Percepção, Terrorismo internacional.

Abstract

This investigation work studies the vision of the Spanish Armed Forces and Guardia Civil members about the international terrorism. The investigation accomplished, as a case study, explores the perception of the future Army and Guardia Civil officers about global terrorism.

Besides the huge number of studies made about analysis and categorization of international terrorism, just a few has been about the human factor, the ones who have a prominent responsibility in politic violence fight. The subject of the investigation is the students that soon will become officers. It was used a mixed strategy, gaining benefits and complementarity of quantitative and quality strategies.

The study reveals a kind of continuity of the student's perception about international terrorism today, lots of them use diverse sources of information and have a high motivation to be engaged in the future in the terrorism fight.

Keywords

Army, *Guardia Civil*, International Terrorism, Perception.



Lista de Abreviaturas

A

AC	<i>Alpha de Cronbach</i>
a.C.	Antes de Cristo
ADM	Armas de Destruição Massiva
AGM	<i>Academia General Militar</i> (Espanha)
AM	Academia Militar (Portugal)
ANPAD	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Brasil)
APA	<i>American Psychological Association</i>
APCP	Associação Portuguesa de Ciência Política
Apd	Apêndice
AQ	Al-Qaeda
AR	Armada (Espanha)
ARA	Ação Revolucionária Armada

B

BPC	<i>Building Partnership Capacities</i>
BR	Brigadas Revolucionárias

C

CEDN	Conceito Estratégico de Defesa Nacional
CENATO	Conceito Estratégico da NATO
CESEDEN	<i>Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional</i> (Espanha)
CI	Comunidade Internacional
CS	Conselho de Segurança

E

ECTS	<i>European Credit Transfer System</i>
EEMS	Estratégia Europeia em Matéria de Segurança
e.g.	<i>exempli gratia</i>
EICTIR	Estratégia Integral Contra o Terrorismo Internacional e a Radicalização (Espanha)
ELP	Exército de Libertação de Portugal
ESIUE	Estratégia de Segurança Interna da União Europeia
ESN	<i>Estrategia Española de Seguridad</i> (Espanha)



ETA	<i>Euskadi ta Askatasuna</i> ; Euskadi e Liberdade (Espanha)
EUA	Estados Unidos de América
Exe	Exército
F	
FA	Forças Armadas
FCT	Fundação para a Ciência e Tecnologia
FRAP	Frente Revolucionária Antifascista e Patriota (Espanha)
FS	Forças de Segurança
FUP	Frente de União Popular
G	
GC	<i>Guardia Civil</i>
GRAPO	Grupos de Resistência Antifascista Primeiro de Outubro (Espanha)
H	
Hip	Hipótese
I	
i.e.	<i>id est</i>
IEEE	<i>Instituto Español de Estudios Estratégicos</i> (Espanha)
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
ISCTE-IUL	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (denominação antiga) – Instituto Universitário de Lisboa
ISF	<i>Iraqi Security Forces</i>
L	
LBDF	<i>Livre Blanc</i> da Defesa da França
LUAR	Liga de Unidade e Ação Revolucionária
M	
MADOC	<i>Mando de Doctrina</i> (Espanha)
MDLP	Movimento Democrático de Libertação de Portugal
N	
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NBQ	Nuclear, Biológico e Químico
NYT	<i>New York Times</i>
O	
OE	Objetivo Específico



OG	Objetivo Geral
ONU	Organização das Nações Unidas
OUT	Organização Unitária de Trabalhadores
P	
PCP	Partido Comunista Português
PESD	Política Europeia de Segurança e Defesa
PNR	<i>Passenger Name Record</i>
Q	
QC	Questão Central
QD	Questão Derivada
QREN	Quadro de Referência Estratégico Nacional
S	
Sup	Superior
T	
TI	Terrorismo internacional
TTSRL	<i>Transnational Terrorism, Security, and the Rule of Law</i>
U	
UE	União Europeia
UK	<i>United Kingdom</i>



Introdução

“A variedade das formas de ação vão desde as abertas às clandestinas e secretas, com crescente relevo para formas de atuação irregulares ou heterodoxas, como o terrorismo internacional”

Elementos de Estratégia (Cabral Couto, 1988, p. 109).

O terrorismo, junto à crise económica, é um dos principais motivos de preocupação da população europeia. O Eurobarómetro Especial de 2011 sobre a Segurança Interna na União Europeia (UE)¹ já refletia que os europeus consideravam a crise económica e financeira e o terrorismo no topo dos desafios à segurança na UE, acima de outras questões como o crime organizado e a pobreza (Comissão Europeia, 2011).

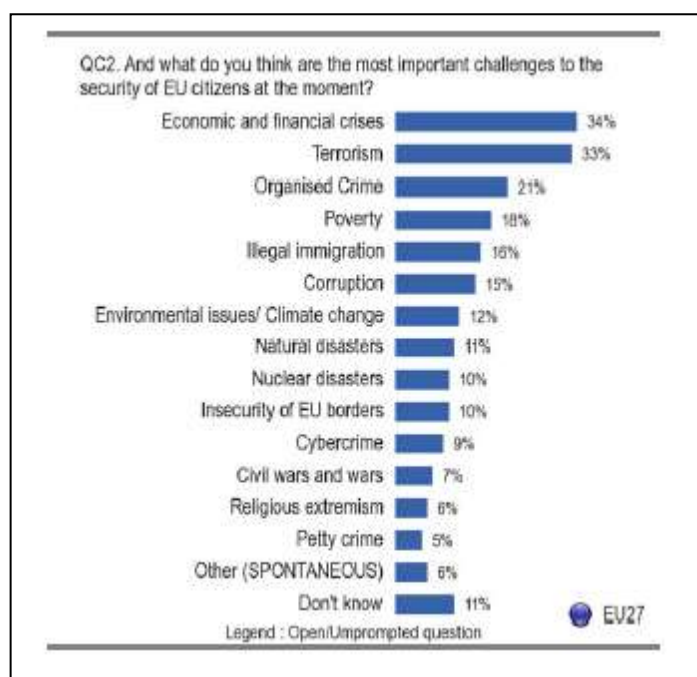


Figura nº 1 – Eurobarómetro Especial 371. As maiores preocupações dos europeus

Fonte: (Comissão Europeia, 2011, p. 10)

A Estratégia Europeia em Matéria de Segurança (EEMS) de 2003 salienta que “atualmente é improvável que algum Estado-Membro venha a sofrer uma agressão em larga escala. Contudo, a Europa enfrenta agora novas ameaças que são mais diversificadas,

¹ O estudo foi publicado em Novembro de 2011, participaram 26.840 cidadãos maiores de 15 anos dos 27 Países Membros da UE. Não há outro estudo oficial posterior. Não obstante, é possível que os recentes ataques terroristas de Janeiro deste ano em França tenham aumentado o grau de importância dada ao terrorismo como uma ameaça à segurança da UE. O Eurobarómetro Especial 371 foi feito em relação à publicação da Estratégia de Segurança Interna da UE de 2010.



menos visíveis e menos previsíveis”. Entre as ameaças apresentadas na EEMS, está o terrorismo. A EEMS qualifica o terrorismo como uma “crescente ameaça estratégica para toda a Europa” (UE, 2003, p. 3). Esta multiplicidade de ameaças vai levar de forma inevitável, de acordo com Proença Garcia (2010, pp. 270-271), a um maior emprego das Forças Armadas (FA), admitindo que esta possibilidade apresente algumas controvérsias.

Os dois documentos estratégicos de maior nível de Segurança e Defesa de Portugal e Espanha consideram o terrorismo uma ameaça de primeira ordem. O Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN) (Conselho de Ministros, 2013, p. 16) considera o terrorismo como uma ameaça global e que Portugal pode ser alvo do terrorismo internacional (TI). A *Estrategia Española de Seguridad* (ESN) salienta o terrorismo como ameaça vital e estratégica e que “existem elementos que fazem nosso país alvo do TI” (Presidência do Governo de Espanha, 2013, p. 25). Também as duas estratégias concordam na eventual utilização de todos os instrumentos do Estado na luta contra o terrorismo, entre outros, as FA e as Forças de Segurança (FS).

Os alunos do Exército que participaram no estudo pertencem aos centros de formação dependentes do Comando de Doutrina do Exército (MADOC²). Os da *Guardia Civil* são alunos do último ano do curso na Academia da *Guardia Civil* de Aranjuez (Espanha). Os dois cursos frequentaram um período de formação conjunta na Academia Geral Militar, continuando o seu percurso académico nos centros referidos, completando assim um intenso programa de cinco anos de estudos civis e militares³.

O TI é uma ameaça perene, salienta-nos Lemos Pires (2012a) e acrescenta: “terrorismo sempre houve, desde a antiguidade. Provavelmente continuará sempre a existir” (2012a, p. 666). Praticamente todos os autores concordam com esta visão. Isto permite-nos inferir que o TI é um fenómeno que se vai manter no futuro. De acordo com as

² MADOC: em espanhol: *Mando de Doctrina* - é o organismo de mais alto nível responsável pela Formação e pela Doutrina no Exército de Espanha. O MADOC tem uma Direção de Formação da qual dependem todos os centros de ensino do Exército: Academia Geral Militar, Academia de Formação de Sargentos, Academia de Infantaria (com o Centro de Formação Física), Academia de Cavalaria, Academia de Artilharia, Academia de Engenharia Militar e Transmissões (com o Centro de Formação em Defesa NBQ), Academia de Logística, Escola de Guerra, Escola Politécnica, Centro de Formação de Helicópteros, Escola de Montanha e Operações Especiais e os Centros de Ensino de Praças.

³ Os Oficiais do Exército têm que estudar 364 créditos ECTS (*European Credit Transfer System*), dos quais, 126 ECTS são específicos para obter o título de Grau Universitário em Engenharia da Organização Industrial, além de outros 114 ECTS de carácter militar geral e outros 124 ECTS em exclusividade para atingir a licenciatura militar (Governo de Espanha. Ministério de Defesa, 2014). Os Oficiais da *Guardia Civil* devem cursar 380 ECTS, dos quais 240 ECTS são para obter o Grau Universitário em Engenharia da Segurança e os outros 140 ECTS são de carácter militar e da *Guardia Civil* para sua formação profissional (Governo de Espanha. Ministério de Interior, 2014).



referências estratégicas mencionadas acima, as FA e as FS têm, e vão ter, um papel destacado na luta contra o terrorismo.

Muito está escrito sobre a categorização, as causas, a evolução do TI e da necessidade de adotar estratégias integrais de afrontamento. No entanto, o interesse deste trabalho está noutro foco: as pessoas das FA e das FS. Estas forças, constituídas, como elemento chave, por homens e mulheres com uma alta preparação, estão a enfrentar uma ameaça cada vez mais complexa (Aznar, 2015, pp. Apd D-6), (Alonso, 2015, pp. Apd D-16) e difusa (Alcalde, 24, pp. Apd D-1).

Alguns dos nossos jovens, após um exigente período de formação, integrarão, em breve, estas forças como Oficiais. Que perceção têm eles agora do TI? O que pensam? Como perspetivam a sua evolução?

Se não existem dúvidas de que o combate ao terrorismo é uma missão, ainda que não exclusiva, das FA e das FS, então, é fundamental saber o que pensam e qual o grau de conhecimento que os futuros Oficiais destas Forças têm deste fenómeno.

O objeto de estudo deste trabalho de investigação é a perceção que os futuros oficiais do Corpo Geral do Exército de Espanha e da *Guardia Civil* têm do fenómeno do terrorismo internacional. Estes futuros oficiais serão promovidos a Tenentes no início de Julho, data planeada para a sua primeira colocação nas Unidades operacionais. Para isso, desenvolveu-se um estudo de carácter exploratório, na modalidade de estudo de caso.

Delimitou-se o estudo aos alunos que em breve vão pertencer aos quadros profissionais, excluindo-se, portanto, os alunos dos primeiros cursos de formação. Os aspetos particulares sobre o processo de amostragem serão descritos nos capítulos quatro deste trabalho.

O objetivo geral (OG) da investigação é: Caraterizar a visão dos futuros oficiais do Exército de Espanha e da *Guardia Civil* face ao fenómeno do TI.

As Orientações Metodológicas do IESM (2014, pp. 41 - 42), citando os estudos de Vilelas (2009), expõem as relações de associação a existir entre os objetivos, as finalidades, os tipos de estudos e as hipóteses. No quadro pode ver-se tal associação, a ser seguida neste trabalho:



Tabela nº 1 – Tipos de objetivos, finalidades e hipóteses

Fonte: (Vilelas, 2009 cit. por IESM, 2014, p. 42)

Objetivo	Finalidade	Estudo	Hipóteses
Identificar Descrever	Identificar e descrever as variáveis	(...)	Não tem
Explorar	Caracterizar as variáveis	(...)	Pode ter, de correlação
Explicar	Testar relações de associação e dependência entre as variáveis	(...)	Tem hipóteses de correlação
Predizer	Procurar relações de causa-efeito	(...)	Tem hipóteses que testam a causa-efeito

Do OG decorrem os seguintes seis objetivos específicos (OE):

OE-1: Explorar o grau de importância que atribuem ao TI.

OE-2: Explorar o nível de importância que lhe davam no passado e o que lhe outorgam para o futuro.

OE-3: Explorar o grau de conhecimento que possuem sobre o fenómeno do TI.

OE-4: Explorar a diversidade das fontes que utilizam para obter informação sobre o TI.

OE-5: Explorar se consideram que as FA/GC (*Guardia Civil*) têm de ter um papel relevante na luta contra o TI.

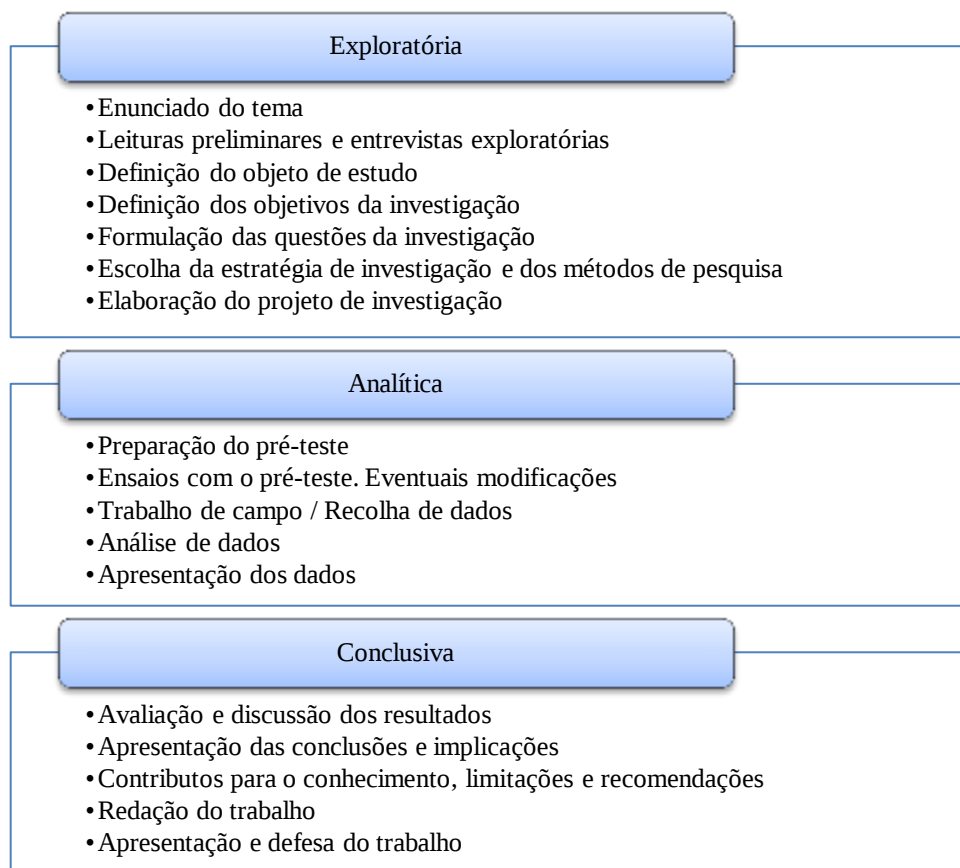
OE-6: Explorar o nível de motivação para estarem envolvidos profissionalmente em tarefas de luta contra o TI.

Para a elaboração deste trabalho empregou-se o procedimento metodológico estabelecido nas “Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação” do IESM, percorrendo as três fases previstas neste procedimento: exploratória, analítica e conclusiva (Santos, et al., 2014). O modelo de análise desenvolvido pode consultar-se no apêndice A.



Tabela nº 2 - Fases e subfases do percurso metodológico da investigação

Fonte: (IESM, 2014, adaptada pelo autor)



Utilizou-se uma estratégia de investigação mista, combinando uma abordagem quantitativa e outra qualitativa. Desta forma pretende-se “capitalizar as potencialidades e colmatar as vulnerabilidades” de cada uma destas estratégias, com vista a atingir o objeto de estudo de uma forma mais abrangente (IESM, 2014, pp. 20-21, 118). As ditas estratégias vão ser expostas de forma sequencial: em primeiro termo a estratégia quantitativa e depois a estratégia qualitativa⁴.

Com esta estratégia de investigação mista pretende-se dar resposta à Questão Central (QC) deste trabalho:

“Qual é a perceção que têm os futuros Oficiais do Exército de Espanha e da *Guardia Civil* sobre o fenómeno do TI?”.

Dentro da abordagem quantitativa, após o desenvolvimento dos conceitos, dimensões e variáveis estudados no modelo de análise, estabeleceram-se seis Questões Derivadas

⁴ No desenvolvimento do trabalho, depois de fazer o desenho, as tarefas associadas às duas estratégias correram, necessariamente, em paralelo.



(QD) concorrentes com a QC apresentada, com as suas respetivas Hipóteses (Hip) e critérios de verificação. Para a recolha de dados elaborou-se um inquérito por questionário (IESM, 2014, pp. 86-91) a alunos de centros de formação de Oficiais do Exército e da *Guardia Civil* de Espanha. Dentro da própria dinâmica quantitativa, fez-se uma análise estatística dos dados obtidos. Para a verificação das Hip elencadas, seguir-se-á a categorização sugerida pelas Orientações Metodológicas do IESM:

Tabela nº 3 - Critérios de aceitação e rejeição de hipóteses

Fonte: (Sarmento, 2013 cit. por IESM 2014, p. 133)

Valor da variável	Hipótese
$x=100\%$	Totalmente verificada
$80\% \leq x < 100\%$	Verificada
$50\% \leq x < 80\%$	Parcialmente verificada
$0\% < x < 50\%$	Não verificada
$x=0\%$	Totalmente não verificada

Dentro desta estratégia quantitativa, foram levantadas as seguintes QD e Hip de carácter correlacional⁵ associadas a cada uma das QD⁶.

QD-1: Que importância atribuem ao TI?

Hip-1: Os futuros Oficiais atribuem uma grande importância ao TI.

QD-2: Existe alguma continuidade ao longo do tempo, quanto ao nível de importância atribuído?

Hip-2: Sim, existe continuidade.

QD-3: Qual é o grau de conhecimento que eles consideram ter sobre o TI?

Hip-3: Eles consideram ter um elevado conhecimento sobre o TI.

QD-4: Utilizam fontes diversificadas de informação para ter conhecimento do TI?

Hip-4: Sim, utilizam fontes diversificadas de informação.

⁵ Como já foi descrito no parágrafo anterior, de acordo com as Orientações Metodológicas do IESM, para um estudo com objetivos exploratórios pode colocar-se hipóteses correlacionais, não de tipo causal.

⁶ Embora os critérios de valoração, para a aceitação ou rejeição das hipóteses propostas, tenham sido estabelecidos na fase exploratória, vão ser expostos e utilizados no capítulo cinco, dedicado à análise.



QD-5: Consideram que as FA/GC devem ter um papel relevante na luta contra o TI?

Hip-5: Sim, consideram que as FA/GC devem ter um papel relevante.

QD-6: Qual o grau de motivação dos futuros Oficiais para estarem envolvidos na luta contra o TI?

Hip-6: O grau de motivação é alto.

Simultaneamente, utilizou-se uma estratégia qualitativa para aprofundar o estudo das dimensões analisadas com a estratégia anterior. Nesta estratégia qualitativa mantem-se, logicamente, a QC, mas não se estabelecem QD e Hip, sendo apenas estudadas as dimensões que se relatam no capítulo quatro, dedicado à análise.

De acordo com as Orientações Metodológicas, as duas estratégias de investigação, quantitativa e qualitativa, são aceitáveis, do ponto de vista metodológico, para um estudo de caso:

Tabela nº 4 - Tipos de estratégias de investigação / desenho de pesquisa

Fonte: (Bryman, 2012 cit por IESM, 2014, p. 81)

<i>Design da Pesquisa</i>	<i>Estratégia de Investigação</i>	
	<i>Quantitativa</i>	<i>Qualitativa</i>
Experimental	X	-
“Transversal” (<i>cross-sectional</i>)	X	X
Longitudinal	X	X
Estudo de caso (<i>case study</i>)	X	X
Comparativo	X	X
Histórico	-	X
<i>Grounded Theory</i>	-	X

Quanto à estrutura e de uma forma geral, o trabalho tem dois blocos de conteúdos, para além da introdução. Os três primeiros capítulos são dedicados à contextualização do TI e os capítulos quatro e cinco, o bloco empírico do trabalho dedicado ao estudo de caso da perceção dos futuros Oficiais do Exército e da *Guardia Civil* de Espanha sobre o TI. O trabalho termina com umas conclusões e propostas.



No seu todo, o trabalho distribui-se da seguinte forma:

O capítulo primeiro está dedicado à caracterização do terrorismo, apresentando algumas definições e limitações dos conceitos.

No capítulo segundo faz-se uma síntese histórica do terrorismo e em particular do seu cadastro em Portugal e Espanha. Também contém uma breve descrição dos documentos doutrinários sobre a ameaça terrorista em Portugal Espanha e a visão da UE e da NATO; organizações internacionais das quais os dois países fazem parte.

No capítulo terceiro são expostos os resultados obtidos no estudo de caso. Apresentam-se os dados do inquérito por questionário realizado a quase uma centena de alunos de formação de Oficiais do Exército e da *Guardia Civil*.

No capítulo quatro, o capítulo central do trabalho, é feita a análise e interpretação dos dados expostos anteriormente e a aceitação ou rejeição das Hip. Seguindo com a abordagem proposta, foi realizado um estudo estatístico de acordo com a estratégia quantitativa, tendo ainda sido realizada uma análise qualitativa em duas vertentes⁷ para completar o estudo sobre a perceção que os alunos têm sobre o TI.

⁷ Uma análise em relação à pergunta aberta realizada aos alunos e outra, muito mais abrangente, comparando as dimensões estudadas nos inquéritos, com as que o pessoal perito na matéria considerou relevantes, aquando das entrevistas efetuadas.



1. A caracterização do Terrorismo Internacional

“O terrorismo está sempre a reinventar-se e quando se estagna atinge novas formas.

Não há nada novo debaixo do Sol”.

CF Aznar (2015, p. Apd D-7)

a. As definições e limitações do terrorismo internacional

Podemos dizer que há certo consenso entre os especialistas, mas não unanimidade, para estabelecer que tipo de violência pode ser considerada como atos de terrorismo. “Esta falta de unanimidade, que existe nos setores público e privado, assume-se como uma realidade no estudo da violência política” (Martin, 2003, p. 31). Existem mais de 100 definições de terrorismo. Galito (2013, pp. 5-6) propõe uma visão longitudinal sobre a caracterização do terrorismo baseada no estudo de Schmid e Jongman em 1984 com 109 definições e no de Schmid em 2004 com 165. A autora analisou a frequência com que certas palavras surgiam como elementos definidores, que podem ser vistos na seguinte tabela:

Tabela nº 5 – Frequência de certas palavras nas definições de terrorismo

Fonte: (Schmid e Jongman, 1984 e Schmid, 2004 cit. por Galito, 2013)

Frequência (%)		Frequência (%)	
1	Violência e Força (83,5)		Carácter político (68)
2	Razões Políticas (65)		Terror (população) (59)
3	Medo, terror enfatizado (51)		Ameaça (42)
4	Ameaça (47)		Coerção (38)
5	Efeitos (psicológicos) e reacções (antecipadas) (41,5)		Civis (36)
6	Diferenciação vítima/alvo (37,5)		Táctica, Estratégia (35)
7	Acção intencional, planeada, sistemática e organizada (32)		Ilegal, Criminal (30)
8	Método de combate, estratégica, táctica (30,5)		Uso demonstrativo (28)
9	Sem restrições humanitárias (30)		Comunicação (27)
10	Coerção, extorsão, induzir comprimento (28)		Guerra Psicológica (12)

Algumas das dificuldades em encontrar uma definição universalmente aceite residem no facto das diferentes perspetivas dos atores envolvidos em atos terroristas. Por exemplo, podemos encontrar grupos que se autodenominam lutadores pela liberdade de um povo ou



uma região. Outro exemplo é a denominação de terrorismo de guerra da violência executada por grupos dissidentes ou até mesmo o terrorismo praticado por alguns Estados⁸.

O Grupo de Alto Nível da ONU contra o Terrorismo salienta que “a falta de consenso sobre uma definição clara e bem conhecida (do terrorismo) coloca em risco a posição normativa e moral contra o terrorismo e tem manchado a imagem da ONU. A adoção de uma convenção global sobre o terrorismo, com uma definição clara, é uma necessidade política imperativa” (ONU, 2014, p. art. 159). O Grupo de Alto Nível propõe a seguinte “descrição” do terrorismo:

"qualquer ato, além de ações já especificadas nas convenções existentes sobre aspetos específicos do terrorismo, as convenções de Genebra e a resolução 1566⁹, projetado para causar a morte ou lesões corporais graves a um civil ou a um não-combatente, quando a finalidade de tal ato, por sua natureza ou contexto é para intimidar a população ou compelir um governo ou uma organização internacional para realizar um ato ou a abster-se de fazê-lo” (ONU, 2014, p. art. 164.d).

As características definidoras do terrorismo, que têm um maior grau de consenso, são:

- O uso de ilegal da força.
- Atores subnacionais.
- Métodos não convencionais.
- Motivação política.
- Ataques contra civis vulneráveis ou militares que não estão em serviço.
- Atos que visam propositadamente afetar a uma audiência.

Quem instiga ou executa o terrorismo procura condicionar as atitudes e os comportamentos de populações e governos (Reinares, 2005). Um ato de violência é terrorista se o impacto psíquico que provoca numa sociedade, ou algum segmento da mesma, excede amplamente suas consequências pessoais ou/e materiais provocadas. A

⁸ O terrorismo de guerra é uma variante do terrorismo de Estado, que dirige o aparelho militar contra a população civil. Pretende-se um grande número de baixas e manter uma muito forte pressão contra a população considerada dissidente com o objeto de quebrar a sua vontade de resistência. Foi utilizado na Bósnia e no Kosovo e agora acontece em Ucrânia, Síria ou Iraque (Fuente Cobo, 2015, pp. Apd D-8).

⁹ O Conselho de Segurança (CS) da ONU aprovou a Resolução 1566 em 2004. Esta resolução determinou a criação de um Grupo de Trabalho responsável por determinar as medidas práticas que têm de ser impostas contra as pessoas e entidades envolvidas no terrorismo ou associados a ele, além do já definido pelo Comité de Sanções contra o Al-Qaeda e os Taliban (CS da ONU, 2004). Por outro lado, a Resolução 1373, aprovada em 2001, serviu como plataforma para dar um amplo mandato à Comunidade Internacional (CI) na luta contra o terrorismo e estabeleceu o Comité de Luta Contra o Terrorismo (CS da ONU, 2001).



população transforma-se em objetivo da estratégia indireta dos grupos terroristas quando a identificação dela como vítima, seja potencial ou real, pode influenciar nas decisões dos líderes. A noção que, nas sociedades ocidentais, a população tem uma influência decisiva na liderança política é uma suposição contemporânea completamente aceite (Chaliand e Blin, 2007, pp. 7-12).

Na caracterização do terrorismo é necessário sublinhar, tendo em conta os efeitos diretos que produzem, a limitada capacidade de geração de violência face aos conflitos armados. Isto contrasta com a sua influência política desproporcional e o impacto nos media, nomeadamente nas sociedades ocidentais.

Há autores que classificam o fenómeno do terrorismo como uma modalidade da guerra irregular ou subversiva. Neste trabalho, isso não está em causa, nem é objeto de estudo. Visacro (2009), por exemplo, considera os movimentos de resistência, a insurreição, a guerrilha, o terrorismo, o combate não convencional e o denominado conflito assimétrico dentro do conceito mais abrangente de guerra irregular. Também expõe que a guerra irregular é a forma mais antiga de luta e que vai predominar nas primeiras décadas deste século.

Quanto à tipologia do terrorismo, também há certo grau de acordo entre os peritos académicos. O doutor Martin (2003, pp. 33, 34 e 53) menciona vários estudos, que são de certa forma, complementares:

- Terrorismo de Estado, transnacional, insurgente e o denominado vigilante (Barkan, Steven E. e Snowden, Lynne L., *Collective Violence*, Boston, Estados Unidos de América (EUA), 2001).
- Terrorismo etno-nacionalista/separatista, internacional, religioso e o patrocinado pelo Estado (Hoffman, Bruce, *Inside Terrorism*, Nova Iorque, EUA, 1998).
- Terrorismo criminal, exótico, de extrema-direita, de Estado, religioso (Laqueur, Walter, *The New Terrorism: Fanaticism and the Arms of Mass Destruction*, Nova Iorque, EUA, 1999)
- Narco-terrorismo (Ehrenfeld, Rachel, *Narco Terrorism* (1990), terrorismo tóxico (Tucker, Jonathan B., *Assessing Terrorist Use of Chemical and Biological Weapons*, 2000) e a guerra em rede, outros autores).

Outras referências fazem menção ao denominado neo-terrorismo, cujo ponto de início é marcado pelo primeiro atentado ao *World Trade Center* de Nova Iorque, EUA, em 1993 (Ausier da Costa, et al., 2015). É a chamada quarta onda do TI.



Há uma certa unanimidade entre os autores em apontar o 11 de Setembro de 2001, data dos atentados de Al-Qaeda em Nova Iorque, como o momento no qual mudou a atenção mundial ao Terrorismo Transnacional (Brandão, et al., 2011, p. 9)¹⁰. Até essa data, embora se tivessem produzido atentados que poderiam ser classificados dentro do conceito de Terrorismo Internacional, só nessa altura o fenómeno atingiu um interesse mundial (Vieira Borges, 2013, p. 76). Surgiu a convicção no âmbito político e científico de se estar a viver uma mudança de paradigma; que a ameaça do terrorismo se tornou um “conflito internacional” (Galito, 2013, p. 13).

b. A caracterização da luta contra o terrorismo

A luta contra o terrorismo é de grande complexidade, como salientam Pires e Telo (2013, p. 66): “O terrorismo é uma tática que pode ser moralmente condenada, mas não passa de uma forma de atuação. Transformar a luta contra uma forma de atuação no centro da estratégia do maior poder militar do planeta¹¹ só revela o simplismo de quem o faz e a distração de quem o aceita”

Todas as nações ocidentais têm um modelo de luta contra o terrorismo baseado em várias componentes de ação. O modelo do projeto *Transnational Terrorism, Security, and the Rule of Law* (TTSRL) estabelece as seguintes componentes: prevenir, proteger, responder e perseguir (Institute for Security, Safety and Crisis Management, 2009). De acordo com o dito modelo é possível classificar a política de luta contra o terrorismo dos países dependendo da primazia em alguns dos ditos componentes. Nas figuras seguintes podem ver-se a classificação outorgada para Portugal e para Espanha.

¹⁰ Trata-se de uma publicação que reúne as quatro palestras apresentadas em dois painéis subordinados ao tema “A UE e o Terrorismo Transnacional” do V Congresso da Associação Portuguesa de Ciência Política (APCP, Aveiro, Março de 2010). Os autores integram a equipa de investigação do Projeto “A Coordenação Europeia Multinível na Luta contra o Terrorismo Transnacional: o Caso de Portugal e Espanha” (PTDC/CPO/6435/2006) financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) (Editorial Almedina, 2010).

¹¹ Os autores referem-se aos EUA na sua guerra global contra o terrorismo (*War on Terror*), decretada pelo Presidente dos EUA, George W. Bush, conceito que foi considerado um erro, pela legitimidade implícita que outorga aos grupos terroristas como atores com um importante grau de interlocução com os Estados. No entanto, o Primeiro-ministro da França, M. Valls retomou o dito conceito, após os ataques terroristas de janeiro de 2015: “*Nous sommes en guerre contre le terrorisme, pas contre une religion*” (nós estamos em guerra contra o terrorismo, não contra uma religião) (TF1; Télévision Française1, 2015).

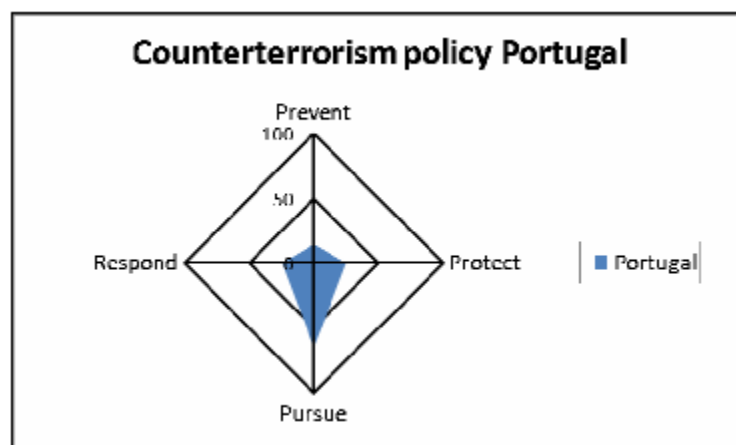


Figura nº 2 – Política de luta contra o terrorismo de Portugal

Fonte: (Institute for Security, Safety and Crisis Management, 2009, p. 4)

Portugal, tem um modelo de abordagem de confronto baseado em políticas de perseguição, estando as outras três componentes muito pouco desenvolvidas. É um modelo similar ao de França, país que sofreu os atentados terroristas mais graves deste ano na Europa. França mantém a sua estratégia refletida no seu *Livre Blanc* da Defesa (LBDF) de 2013, onde se refere à ameaça nos seguintes termos: “o terrorismo converteu-se num modo de atuação (...) para atingir objetivos políticos. Atacando, sem discernimento, os civis, a violência que eles praticam pretende aproveitar o seu brutal impacto nas opiniões públicas para obrigar os governos (Presidência da República Francesa, 2013, p. 43)”¹².

França está a introduzir algumas ações na sua luta contra o terrorismo e a radicalização. O governo francês lançou em Janeiro deste ano uma web¹³ (*stopdjihadisme*) dedicada à prevenção e combate ao terrorismo para o público geral. O objetivo é ajudar a compreender a ameaça terrorista, informar sobre os meios de luta, prevenir a radicalização e sensibilizar os cidadãos (*Gabinete Técnico. Centro de Análisis y Prospectiva de la Guardia Civil*, 2015, pp. 1, 9-10). Esta ação está na tradicional linha estratégica francesa de atenção à prevenção e à resiliência da população.

¹² Tradução livre do autor. No original: “Le terrorisme est devenu un mode d’action (...) pour atteindre leurs objectifs politiques. Frappant sans discernement des civils, la violence qu’ils déploient vise d’abord à tirer parti des effets que son irruption brutale produit sur les opinions publiques pour contraindre des gouvernements”.

¹³ Este sítio é um dispositivo integrado na ação de luta do governo francês contra o terrorismo, que também inclui dispositivos de reforço legislativo, o plano *Vigipirate* é um plano para combate da radicalização nas prisões (*Gabinete Técnico. Centro de Análisis y Prospectiva de la Guardia Civil*, 2015, pp. 9-10).

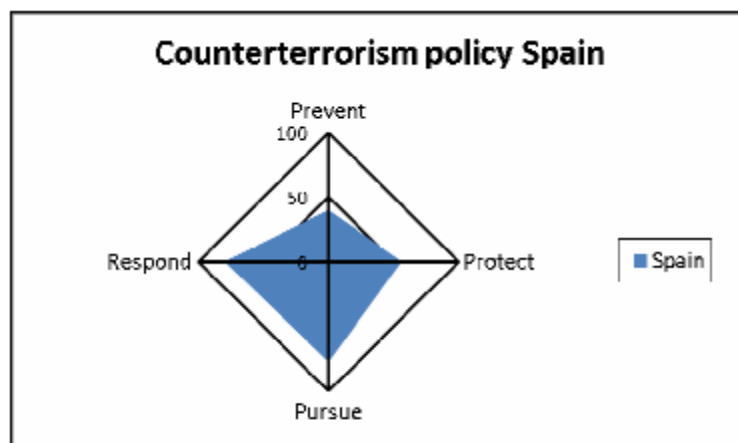


Figura nº 3. Política de luta contra o terrorismo de Espanha

Fonte: (*Institute for Security, Safety and Crisis Management*, 2009, p. 5)

Espanha é um exemplo de abordagem antagónica, com umas componentes muito fortes em resposta e perseguição, forte em proteção, mas pouco desenvolvida na atividade de prevenção.

c. Terrorismo internacional, terrorismo global e terrorismo transnacional

Devido à globalização, à permeabilidade de fronteiras e à interdependência estatal, a internacionalização do terrorismo e de outras formas de violência política é um facto (Schmid, 2004, p. 201). As delimitações espaciais do terrorismo são feitas seguindo, nomeadamente dois critérios: o alcance dos objetivos pretendidos e o alcance da própria atividade criminal do grupo terrorista. O fenómeno da delimitação e alcance do terrorismo é possível que tenha uma notável influência na perceção que têm os *media*, a opinião pública, os especialistas académicos ou as elites políticas das nossas sociedades, e que pode afetar até mesmo a tomada de decisões governamentais. Muitos autores também caracterizam o terrorismo, que não tem um carácter doméstico tendo em conta o seu grau de externalização.

É geralmente aceite que o TI é aquele que tem, em primeiro lugar, a intenção deliberada de afetar a estrutura e a distribuição do poder em regiões inteiras do planeta ou até mesmo no conjunto da sociedade mundial. Em segundo lugar, estendem a sua atividade criminosa para um número significativo de países ou áreas geopolíticas, em consonância com o alcance dos propósitos declarados. Por outro lado, o terrorismo transnacional seria aquele que cruza as fronteiras de um país, basicamente porque os autores do terrorismo executam noutra ou noutros países as suas atividades terroristas, ou porque mantêm



estruturas organizacionais em mais de um país. Isto significa que os atos de violência envolvem mais do que um país e frequentemente indivíduos de duas ou mais nacionalidades, tanto no que se refere aos terroristas, como às suas vítimas (Reinares, 2005, pp. 1-5).

No entanto, há autores que descrevem o terrorismo transnacional como aquele de objetivos e alcance global, considerando o fenómeno como uma ação subversiva de carácter global (Proença Garcia, 2010, pp. 189-220). O autor também descreve as dificuldades para atingir uma definição mundialmente aceite de terrorismo e destaca a sua estrutura global de financiamento, de recrutamento e as ligações com outras atividades criminosas. O próprio Ministério de Negócios Estrangeiros e da Cooperação de Espanha (2015) realça, ao descrever a ameaça terrorista como uma das ameaças mais sérias para a paz e a segurança internacionais, a cooperação entre os grupos terroristas e os grupos transnacionais criminais.

O TI adota, nesta época, uma orientação islamita, isto é, uma característica própria do que foi definido como a quarta onda do terrorismo moderno insurgente (Reinares, 2005).

A EEMS não faz uma distinção entre terrorismo internacional, transnacional ou nacional, simplesmente diz que é um fenómeno de carácter global. Também reflete a ligação da mais recente vaga do terrorismo aos extremismos religiosos violentos. Salienta que é fundamental uma atuação concertada a nível europeu. Os termos internacional, transnacional ou global têm mais uns efeitos académicos que práticos, além de que os limites entre eles são cada vez mais difusos e mutáveis. Para efeito deste trabalho vão considerar-se termos equivalentes, adotando a primeira categorização: terrorismo internacional.

d. Terrorismo, *media* e linguagem

Atualmente, inúmeros autores analisam o fenómeno do terrorismo conjuntamente com a utilização dos *media*. Alguns deles qualificam esta ligação como uma relação de reciprocidade (Buesa, et al., 2015). Na seguinte figura pode-se ver a correlação entre o número de mortos por ações terroristas e a cobertura mediática efetuada por um meio de comunicação social:

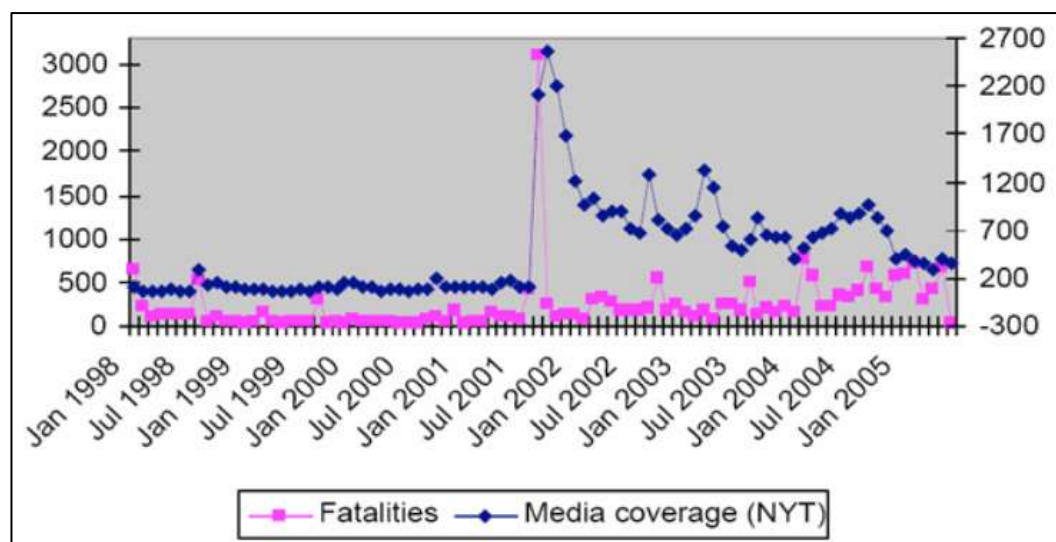


Figura nº 4 – Relação nº de mortos por ações terroristas - cobertura do jornal *New York Times* (NYT)

Fonte: (Frey e Rhoner, 2006 cit. por Buesa, et al., 2015)

No entanto, esta utilização dos *media* por parte dos terroristas não é uma novidade e continua a ser um debate aberto. Já na segunda metade do século XIX, as ações terroristas anarquistas (a propaganda pelo facto) tiveram um grande impacto nos países ocidentais. Para isto muito contribuiu uma novidade tecnológica: a dinamite (Schmid, 2004, p. 205) e o aparecimento do chamado "novo jornalismo", que com páginas sensacionalistas, começou a interessar-se mais por criar notícias para o consumo de massas e para o entretenimento, do que numa análise profunda do fenómeno (Jensen, 2004). Lemos Pires (2012, p. 2) salienta que, e.g., se os atentados do 11 de Setembro de 2001 tivessem ocorrido em 1940, os efeitos não teriam sido os mesmos. Também Galito (2013, p. 14) destaca que a cobertura mediática destes “novos atentados” pode ter amplificado o poder dos extremistas e agravado a própria situação. Moreira (2007, pp. 22-27), citando o trabalho de Jean Baudrillard “O espírito do terrorismo”¹⁴, destaca a complicada relação dos *media* com o terrorismo: “os *media* fazem parte do acontecimento, fazem parte do terror”.

Atualmente podemos estabelecer uma ligação entre a linguagem, os *media* e as instituições sobre a denominação de um grupo terrorista, o “Daesh”, conhecido comumente como o “Estado Islâmico”.

É frequente ler nas notícias e também nas palestras de peritos em matéria de TI referir-se ao grupo terrorista “Daesh” como o “Estado Islâmico”. Laurent Fabius, Ministro de Negócios Estrangeiros da França, instigou, claramente, à utilização do termo Daesh: “ É

¹⁴ Jean Baudrillard, filósofo e sociólogo francês (1929-2007).



um grupo terrorista, não é um estado. Ele querê-lo-ia ser, mas não é. Chamá-lo de estado é dar-lhe um presente. Da mesma maneira, eu recomendo não usar o qualificativo islâmico porque isto causa uma confusão entre Islão, Islamismo e muçulmano"¹⁵ (France Info, 2014). Nos mesmos termos expressou-se o Secretário de Estado e Segurança de Espanha na sessão de encerramento do II Fórum sobre Terrorismo Global: “A expressão Daesh em árabe tem semelhança fonética a “algo que espremer ou espezinhar”, é um significado que seus inimigos usam e que ofende o grupo terrorista”. Por isso, eu quero começar minha intervenção pedindo a todos os peritos *media* presentes, a vossa colaboração para deixar de chamar-lhes Estado Islâmico e designá-los como o que são: Daesh (2014). Outras administrações também estão a utilizar cada vez mais o termo Daesh, como a dos EUA (Agência de notícias EFE, 2014). No entanto, basta ver as notícias diárias para perceber que a denominação deste grupo nos *media* continua a ser “Estado Islâmico”. Esta “batalha da linguagem” é um exemplo mais das múltiplas facetas que o fenómeno do TI tem hoje em dia.

¹⁵ Tradução livre do autor. No original: “*Le groupe terroriste dont il s’agit n’est pas un état. Il voudrait l’être, il ne l’est pas et c’est lui faire un cadeau que de l’appeler état. De la même façon, je recommande de ne pas utiliser l’expression Etat islamique car cela occasionne une confusion islam, islamisme, musulman*”



2. Síntese histórica do fenómeno terrorista e a visão atual da ameaça em Portugal, Espanha e em algumas Organizações Internacionais

“A perspetiva histórica é muito relevante para conhecer
a evolução do fenómeno terrorista”
(Alonso, 2015, p. Apd D-14)

Desde a antiguidade o uso da violência política foi uma prática comum. A própria Bíblia fala-nos de atos de assassinato e aniquilação em nome da fé (Martin, 2003, p. 4).

A primeira referência escrita de atos de terrorismo é do ano 48 a.C. (Galito, 2013, p. 8). Uma seita judaica, denominada dos Zelotes, levava a cabo atos terroristas na Judeia para obrigar à insurreição contra o Império Romano. Esses atos eram cometidos pelos chamados “sicários” (os *sicarii* eram os homens da sica - punhal). Os sicários dirigiam suas ações contra os romanos e contra os judeus que colaboravam com eles. A justificação dos Zelotes para matar outros judeus era porque estavam a cometer atos de imoralidade e também para demonstrar que os romanos não eram capazes de protegê-los. Essas ações não foram uma nova tática (Hudson, 1999, p. 12), já tenham sido utilizadas anteriormente.

No século XI na Pérsia, foi fundada a Ordem dos Assassinos por Hasan ibn Al-Sabbah, califa da seita Ismaelita do Islão. Seus seguidores defenderam uma interpretação radical da sua fé, em cujo nome realizaram inúmeros assassinatos seletivos, nomeadamente contra sunitas e cristãos nos atuais Irão, Iraque, Síria e nos territórios palestinos ocupados pelos cruzados cristãos. Acredita-se que a origem da palavra “assassino” vem da droga haxixe. Alguns historiadores relatam que os seguidores de Al-Sabbah consumiam esta droga antes de cometerem os seus crimes, e que eles próprios autodenominavam-se de *hashashins* ou *hashishis*, ou seja, os consumidores de haxixe (Martin, 2003, p. 16).

Durante a Revolução Francesa foi criado o chamado Regime de Terror (*Régime de la Terreur*, em francês) entre Junho de 1793 e Julho de 1794 ou Terror de Robespierre. Esta é a origem da palavra terrorismo. O Regime de Terror foi um tipo de terrorismo organizado pelo Estado, em concreto, pelo governo jacobino radical. Estas ações de terror estavam dirigidas contra qualquer tipo de oposição. Montaram o Tribunal Revolucionário e os que eram acusados como inimigos da Revolução eram trazidos perante o novo instrumento de execução pública: a guilhotina (Galito, 2013), (Martin, 2003, p. 5). O próprio Robespierre foi guilhotinado em 1794.



O terrorismo moderno, assim como o uso comum do termo, tem a sua origem nas últimas décadas do século XIX (Vieira Borges, 2013, pp. 76-77) quando a organização terrorista russa *Narodnaya Volya* (Vontade do Povo) desdobrou uma importante campanha contra o Czar e o seu regime entre 1878 e 1881. Tratava-se de um movimento de ideologia niilista e anarquista. O francês Pierre-Joseph Proudhon é considerado o pai ideológico do anarquismo. Mais à frente, os russos Mikhail Bakunin, Sergei Nechayev e Petr Kropotkin optaram pela radicalização das ideias anarquistas contra o capitalismo e pela violência revolucionária. Desta época, surgiu a estratégia conhecida pela propaganda pelo facto. Outros grupos terroristas desta ideologia anarquista violenta espalharam-se pelos países ocidentais. Grupos anarquistas assassinaram ao Czar Alexandre II (1881), Marie François Sadi Carnot, Presidente da França (1894), a Imperatriz Austro-húngara Elizabeth (1898), o Rei de Itália Umberto I (1900). Também um suposto anarquista matou ao Presidente dos EUA, William McKinley em 1901. Atualmente alguns grupos de extrema-esquerda mantêm ideologias anarquistas (Martin, 2003, pp. 38-39, 112-116).

No século XIX e nos inícios do XX o terrorismo foi praticado por grupos marginais que não tinham objetivos políticos claramente definidos e com ideologias diversas: anarquismo, niilismo, populismo, marxismo, fascismo, racismo e outras. A componente religiosa não estava presente. Durante a Segunda Guerra Mundial o terrorismo foi utilizado pelos movimentos de resistência. Depois da Guerra, foram desenvolvidos inúmeros movimentos de independência contra as potências coloniais, o uso da guerra de guerrilhas e o terrorismo foram de utilização comum. Os poderes estatais utilizaram, ao longo da história, a violência política contra os seus opositores, ficando conhecido como o terrorismo de Estado. Um exemplo disto é o regime de terror de Lenine e do seu sucessor Estaline. O modelo deles foi também utilizado na China e no Camboja (Chaliand e Blin, 2007, pp. 96-107).

Para muitos autores, os ataques do 11 de Setembro de 2001 marcaram o início do chamado novo terrorismo. Um terrorismo que faz da violência a sua estratégia política (Fuente Cobo, Apd-D 9). Um terrorismo que utiliza eficazmente os *media* para potenciar os efeitos de suas ações e as suas mensagens a nível global (Pires, 2012a, pp. 663-665).



a. O terrorismo em Portugal

(1) Resumo histórico

A história recente do terrorismo em Portugal tem, como principal marco no século XX, a data do 1 de Fevereiro de 1908, quando o Rei D. Carlos I e o Príncipe herdeiro D. Luís Filipe foram assassinados por anarquistas em Lisboa (Galito, 2013, p. 9).

Tendo como referência a revolução do 25 de Abril de 1974, podemos destacar a existência de diversos grupos terroristas de extrema-esquerda e de extrema-direita. Beleza Pereira da Silva e Machado (2012) incluem: a Ação Revolucionária Armada (ARA), a Liga de Unidade e Ação Revolucionária (LUAR) e as Brigadas Revolucionárias (BR). Após do 25 de Abril surgiram as Forças Populares 25 de Abril (FP-25).

A ARA foi considerada como o braço armado do Partido Comunista Português (PCP) apesar de no seu início ter-se mantido como uma organização semiautónoma. O LUAR foi, por vezes, apontado como o braço armado do Partido Socialista (PS), o qual sempre recusou veementemente, por considerar que nas fileiras daquele grupo conviviam elementos provenientes de diferentes contextos partidários. A criação das BR assenta, desde logo, na rutura com o PCP e com a sua forma de luta (Antunes, 1974; Carmo, 1974; Júnior, 1999). Por último, as FP-25 são consideradas uma organização posicionada na extrema-esquerda radical, pertencentes ao Projeto Global, o qual integrava inicialmente a Organização Unitária de Trabalhadores (OUT) e posteriormente a Frente de União Popular (FUP) (Beleza Pereira da Silva e Machado, 2012).

Quanto aos grupos de extrema-direita, podemos mencionar o Exército de Libertação de Portugal (ELP) e o Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP). A sua forma de atuação era o lançamento de engenhos explosivos contra os seus opositores políticos de esquerda (Sánchez Cervelló, 1994).

Podemos dizer que a recente história do terrorismo em Portugal está ligada à luta ideológica política entre a esquerda e a direita numa altura de enorme incerteza e com o objetivo de anular a capacidade do adversário de atingir o poder. Nenhum dos grupos citados está ativo atualmente.

(2) A visão atual da ameaça terrorista

O CEDN, aprovado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2013, de 5 de Abril, estabelece o terrorismo transnacional como a primeira das ameaças e riscos no



ambiente de segurança global: “O terrorismo transnacional e outras formas de extremismo violento, com impacto altamente desestabilizador” (Conselho de Ministros, 2013, p. 1989).

O CEDN aprofunda ainda a valorização do TI¹⁶ como ameaça de natureza global para Portugal: “Portugal depara-se com ameaças de natureza global que podem pôr diretamente em causa a sua segurança, como sejam: o terrorismo, uma vez que a liberdade de acesso e a identidade de Portugal como uma democracia ocidental podem tornar o país um alvo do TI”, (Conselho de Ministros, 2013, p. 1990)

Entre outras medidas de resposta face ao terrorismo transnacional, o CEDN estabelece: “Para responder eficazmente à ameaça das redes terroristas, Portugal deve desenvolver uma estratégia nacional e integrada que articule medidas diplomáticas, de controlo financeiro, judiciais, de informação pública e de informações policiais e militares” (Conselho de Ministros, 2013, p. 2013). Para fazer frente às novas ameaças mais difusas, assimétricas e globais, (entre elas o terrorismo), o CEDN, de acordo com Proença Garcia (2010, p. 271) aumenta a competência das FA com as Missões Específicas das FA, de maneira complementar e supletiva das FS, faltando ainda um desenvolvimento legislativo adequado.

b. O terrorismo em Espanha

(1) Resumo histórico

No final do século XIX e até ao primeiro terço do século XX o terrorismo foi de carácter anarquista em Espanha, dirigido nomeadamente contra as autoridades políticas e religiosas. Como consequência de atentados anarquistas, foram mortos os Presidentes do Conselho de Ministros: António Cánovas Del Castillo (1897), José Canalejas (1912) e Eduardo Dato (1921). A estratégia empregada pelos grupos anarquistas era conhecida como a “propaganda pela ação”¹⁷ (Avilés, 2009).

Espanha tem uma recente e trágica história de luta contra o terrorismo. O grupo terrorista etno-nacionalista ETA¹⁸ é o grupo que causou o maior número de vítimas. Começou a sua atividade criminosa na década dos anos 1960. Em 2004 deu-se em Madrid

¹⁶ Os conceitos de terrorismo transnacional, internacional ou global, são conceitos ainda não concordados na CI para fazer referência a um tipo de terrorismo que se estende para além das fronteiras dos países.

¹⁷ A estratégia da propaganda pela ação justifica os ataques individuais a autoridades em termos de valorização do impacto nos media, como o melhor meio de difusão da propaganda revolucionária.

¹⁸ ETA: *Euskadi ta Askatasuna* significa, na língua basca, *Euskadi* (o território basco) e Liberdade.



o maior atentado islamista no solo europeu. Na figura seguinte pode ver-se a mortalidade causada por ações terroristas em Espanha:

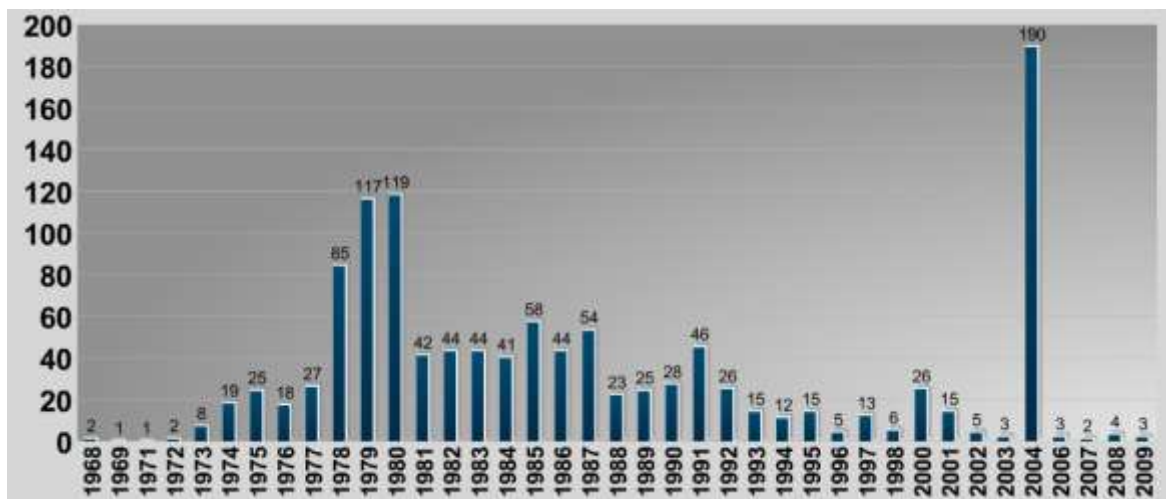


Figura nº 5 – Nº de mortos em Espanha por ações terroristas de 1968 a 2009

Fonte: (*Fundación Víctimas del Terrorismo*, 2014)

ETA) é um grupo terrorista de carácter etno-nacionalista separatista¹⁹ responsável pelo maior número de mortos em Espanha: 829. O primeiro atentado aconteceu em 1968 causando a morte de um *Guardia Civil*²⁰ e o último foi um polícia francês em 2010. Em 2011, o grupo terrorista anunciou a “cessação definitiva da atividade armada” sem condições (*Jornal El País*, 2011).



Figura nº 6 – Nº de pessoas assassinadas por ETA

Fonte: (*Fundación Víctimas del Terrorismo*, 2014)

¹⁹ ETA: É utilizado de forma consciente o tempo verbal no presente porque ainda não foi verificada a dissolução completa do grupo terrorista.

²⁰ A *Guardia Civil*, fundada em 1844, é o maior corpo espanhol de segurança pública.



O grupo terrorista GRAPO (Grupos de Resistência Antifascista Primeiro de Outubro)²¹ matou 85 pessoas durante a sua atividade criminosa. Em 1975 assassinou um *Guardia Civil* e em 2006 cometeu o último atentado em que morreu uma empresária. Era um grupo comunista-leninista de extrema-esquerda.

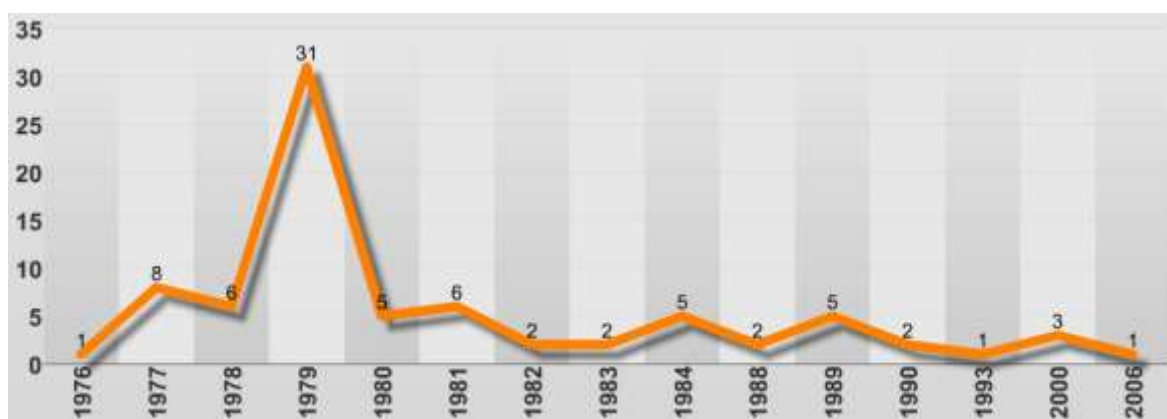


Figura nº 7 – Nº de pessoas assassinadas por GRAPO

Fonte: (*Fundación Víctimas del Terrorismo*, 2014)

O maior atentado na história de Espanha aconteceu o 11 de Março de 2004 quando morreram 192 pessoas e resultaram mais de 1600 feridos no ataque com explosivos na rede de comboios e metro de Madrid. O atentado foi atribuído a uma célula terrorista islâmica (Acórdão do Tribunal Nacional de Espanha (Divisão Criminal), 2007).

Outros grupos terroristas de menor relevo causaram um total de 118 vítimas mortais. Alguns deles de ideologia nacionalista separatista, como o grupo Terra Lliure²² (Catalunha) e o Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceibe²³ (Galiza). Outros de ideologia política extrema, seja da direita ou da esquerda, como o grupo FRAP²⁴. Na figura seguinte podem ser vistas as mortes causadas por tais grupos.

²¹ A designação GRAPO ficou a dever-se à data de 1 de outubro de 1975 quando matou 4 polícias nacionais, ainda que este não fosse o primeiro atentado com vítimas mortais que cometeram.

²² *Terra Lliure* quer dizer Terra Livre na língua catalã.

²³ Exército Guerrilheiro do Povo Galego Livre.

²⁴ FRAP: *Frente Revolucionario Antifascista y Patriota* foi um grupo terrorista criado em 1971 pelo *Partido Comunista de España (marxista-leninista)*. O grupo foi dissolvido em 1978 (*Frente Revolucionario Antifascista y Patriota*, 2008).



Figura nº 8 – Nº de pessoas assassinadas por outros grupos terroristas

Fonte: (Fundación Víctimas del Terrorismo, 2014)

Dois anos foram especialmente graves: 1980 e 1985. 1980 pela atividade terrorista dos *Comandos Autónomos Anticapitalistas*²⁵ e dos grupos de extrema-direita. O ano de 1985 foi também um ano extremamente sangrento, devido essencialmente à ação terrorista do 12 de abril de 1985, um ato quase esquecido pelo público em geral. Tratou-se de um atentado perpetrado por um grupo islamista, grupo Jihad Islâmica, que colocou uma bomba num restaurante de Madrid e causou a morte de 18 pessoas. Tornou-se, deste modo, no terceiro ataque mais sangrento na história de Espanha (Jiménez Martín, 2005). Esta ação não foi o primeiro ato criminal islamista praticado em Espanha provocando mortes. Estes começaram em 1979 com uma ação do grupo *Al-Fatah* e a própria Jihad Islâmica já tinha iniciado as suas ações mortais em Marbella (Espanha) em 1984 (Fundación Víctimas del Terrorismo, 2014).

É preciso sublinhar que, nos últimos tempos, Espanha mantém uma luta e perseguição ao terrorismo jihadista. Desde 1996, ano em que foi condenado em Espanha o primeiro indivíduo detido por atividades relacionadas com o terrorismo Jihadista, até finais de 2012, foram detidos outros 77 mais (Reinares e García-Calvo, 2012).

(2) A visão atual da ameaça

Espanha tem diferenciado nos últimos anos a caracterização da ameaça terrorista doméstica, do terrorismo de caráter internacional, no qual se enquadra o terrorismo Jihadista.

²⁵ Os *Comandos Autónomos Anticapitalistas* foram um grupo terrorista ativo entre 1978 e 1985, era formado por dissidentes da própria ETA e outros elementos sindicalistas e de extrema-esquerda. Causaram 31 assassinatos (Agencia de Noticias del País Vasco, 2014).



Já este ano, 2015, foi lançado o Plano Estratégico Nacional contra a Radicalização Violenta dirigido para combater o fenómeno de radicalização interna na sociedade. Espanha aprovou a Estratégia Integral contra o Terrorismo Internacional e a Radicalização (EICTIR) em 2010 e foi ratificada em 2012 (Governo de Espanha. Ministério de Interior, 2015). Esta EICTIR foi estabelecida para fornecer uma resposta específica espanhola, dentro dos compromissos europeus, na luta coordenada e global contra o terrorismo. Pretende a implicação de todas as administrações, mas também da própria sociedade.

c. A visão do terrorismo na UE e na NATO

(1) A visão do terrorismo na União Europeia

Os ataques terroristas de Madrid em 2004 e de Londres em 2005 expandiram a “tendência de securitização expansiva” no uso das ferramentas da luta contra o terrorismo que trouxe três mudanças sucessivas na Política Europeia de Segurança e Defesa (PESD): expansão prematura do calendário da própria PESD, ativação de uma política de visão externa e uma especificidade quanto à luta contra o terrorismo (Brandão, et al., 2010, p. 34).

A revisão e avaliação da EEMS feita em 2008 junta o terrorismo e a criminalidade organizada como ameaças à segurança da UE. A UE elaborou, também em 2005, a Estratégia de Luta contra o Terrorismo (Conselho da UE, 2005). Esta estratégia segue uma abordagem em quatro vertentes: 1) prevenção da radicalização e do recrutamento; 2) proteção de potenciais alvos; 3) perseguição dos terroristas; e 4) reação a atentados e suas consequências. Embora as medidas tomadas a nível nacional sejam essenciais, a nomeação de um Coordenador da Luta Antiterrorista representou um importante avanço ao nível europeu.

A Estratégia de Segurança Interna da UE (ESIUE) foi aprovada em 2010. Esta estratégia salientava que a supressão dos controlos nas fronteiras internas do Espaço Schengen é um importante passo em frente para a Europa. Além disso, os avanços tecnológicos e das comunicações conseguiram uma maior abertura das sociedades europeias. Também reflete a diversidade, como um valor europeu (CE, 2010, p. 7).

A ESIUE estabelece um nível de ambição nos seguintes termos: “O «risco zero» não existe, mas, apesar disso, a União deve criar um ambiente seguro em que as pessoas na Europa se sintam protegidas. Concomitantemente, devem ser criados os mecanismos necessários para manter elevados níveis de segurança dos cidadãos europeus noutros países



ou na Internet” (CE, 2010, p. 12 e 13). A ESIUE apresenta o terrorismo, sob qualquer forma, como uma ameaça global em constante evolução.

Após os atentados de Janeiro deste ano em França, a UE adotou uma série de medidas para melhorar a luta contra o terrorismo, incluindo a elaboração de uma nova estratégia (a Comissão Europeia anunciou que em Maio vai ser apresentada uma nova Estratégia de Segurança). Algumas das medidas concretas já foram adotadas em diversas áreas: prevenção (radicalização e conteúdos ilegais na Internet), partilha de informação, controlo das armas, vigilância de viajantes: aprovou-se o Sistema de Registo de Passageiros (em inglês PNR: *Passenger Name Record*) (*Gabinete Técnico. Centro de Análisis y Prospectiva de la Guardia Civil*, 2015, pp. 4-5).

(2) A visão do terrorismo na NATO

O Conceito Estratégico da NATO (CENATO) (NATO, 2015), aprovado pelos Chefes de Estado e de Governo na cimeira de Lisboa de Novembro de 2010, considerou que o terrorismo é uma “ameaça direta” para a segurança da sociedade e para a estabilidade internacional. Estes grupos extremistas continuam a “espalhar-se em áreas estratégicas para a Aliança” e o uso das tecnologias atuais aumentam a sua capacidade destrutiva, nomeadamente se pudessem obter Armas de Destruição Massiva (ADM).

O Almirante Silva Ribeiro, na sua comunicação apresentada sobre o CENATO, na Escola Naval em 11 de Janeiro (2011), destacou que: “o efeito cumulativo da internacionalização do terrorismo, das campanhas militares no Iraque e no Afeganistão (...), entre outros problemas, levaram à adoção, em Lisboa, de um novo conceito estratégico”. Como principais ameaças destacou a proliferação de armas nucleares e de outras ADM e o terrorismo.



3. Estudo de caso: A percepção dos futuros Oficiais do Exército e da *Guardia Civil* de Espanha

“*Sapere Aude*” (em latim)

“Ousa saber”

Epístola II de Horácio (século I a.C.)

a. O inquérito por questionário proposto

As perguntas do inquérito foram elaboradas após o estudo dos conceitos, dimensões e variáveis concordantes com as questões do trabalho. Para isso elaborou-se uma escala de várias opções de resposta (itens) seguindo os critérios das escalas de Likert²⁶ (McClelland, 1976). Segundo esses critérios, cada pergunta deve ter os itens, mais uma opção para quem quiser não responder à mesma. Decidiu-se que cada pergunta tivesse cinco itens de resposta atendendo ao critério de fiabilidade relacionado com a estatística da *Alpha de Cronbach* (AC)²⁷, que avalia a extensão em que os itens formam uma escala internamente consistente. Segundo Mendes Vieira e Dalmoro (2008, p. 8) nesta estatística, em inquéritos destas características, a AC toma um valor de 0,66 quando se utilizam 3 itens; AC vale 0,77 quando são utilizados 5 itens e AC toma o valor de 0,8 quando são utilizados sete itens. Segundo os autores, a AC para cinco itens invertidos oferece um valor de 0,78²⁸. Então, decidiu-se levar a cabo os inquéritos com cinco itens, um deles de opção central neutra, além da já referida opção de decidir não responder.

No mês de Dezembro de 2014 preparou-se um pré-teste com 9 perguntas fechadas com cinco opções de resposta a cada uma delas. Além dessas cinco opções de resposta, todas as perguntas tiveram a possibilidade de responder “não sabe / não deseja responder”.

No mês de Janeiro fizeram-se os ensaios do pré-teste, primeiro com alguns camaradas do Exército e da *Guardia Civil* e, depois com alguns alunos que depois não fizeram o inquérito. Como consequência destes ensaios, ficou a maior parte da redação inicial, mas foram introduzidas as seguintes modificações:

²⁶ A Escala de Likert é uma escala psicométrica geralmente usada em questionários e pesquisas de investigação, principalmente em ciências sociais. Quando se responde a um questionário elaborado com a técnica de Likert, é especificado, nomeadamente, o nível de acordo ou discordância com uma declaração. Já os trabalhos de Likert descreveram as escalas com cinco itens.

²⁷ Em Psicometria a *Alpha de Cronbach* é um coeficiente que permite avaliar a fiabilidade de uma escala de medida. O valor máximo que pode ter é “1”. Nos estudos sociais uma Alpha de Cronbach por cima de 0,7 é considerada aceitável (Mendes Vieira e Dalmoro, 2008, p. 8).

²⁸ Os autores Mendes Vieira e Dalmoro encontraram uma diferença muito pequena quanto ao valor de AC, seja com os itens ordenados (0,77) ou não ordenados, invertidos, (0,78), além do que a criação de um único instrumento com escalas invertidas pode confundir os entrevistados (2008, pp. 6-13).



- Na pergunta número sete ofereceu-se mais uma opção de resposta.

- Adicionar uma pergunta, número dez, aberta, que ofereça ao aluno inquirido a possibilidade de acrescentar algum comentário final²⁹. Esta pergunta aberta, permite, de uma maneira não condicionada pela estrutura fechada do restante inquérito, um maior aprofundamento na matéria. Por outro lado, esta pergunta aumenta a complexidade da análise, porque obriga a fazer um estudo além dos aspetos quantitativos do inquérito, tendo em conta aspetos de carácter qualitativo. No entanto, decidiu-se adicionar esta pergunta para explorar a possibilidade de ter uma abordagem mais abrangente da visão dos alunos sobre o TI.

As perguntas sete e dez não seguem os critérios da Escala de Likert. O inquérito por questionário ficou estabelecido como se mostra seguidamente:

Tabela nº 6 – Inquérito por questionário

Fonte: (autor, 2014)

1ª Pergunta: Qual o grau de importância que concede ao terrorismo internacional como ameaça para a segurança mundial?

2ª Pergunta: Idem, para a segurança de União Europeia?

3ª Pergunta: Idem, para a segurança de Espanha?

4ª Pergunta: Qual o grau de importância que agora concede ao terrorismo internacional, considerando o que lhe outorgava há dois ou três anos atrás?

5ª Pergunta: Como acredita que o fenómeno do terrorismo internacional vai evoluir no futuro?

6ª Pergunta: Como qualificaria o seu grau de conhecimento sobre o terrorismo internacional?

7ª Pergunta: Quais são as suas fontes principais de conhecimento sobre o terrorismo internacional?

8ª Pergunta: Acredita que as Forças Armadas devem ter um papel relevante na luta contra o terrorismo internacional?

9ª Pergunta: No seu desempenho profissional futuro, está disposto a participar em atividades relacionadas com a luta contra o terrorismo internacional?

10ª Pergunta: Pretende adicionar qualquer comentário, explicação ou informação que considere oportuno?

²⁹ As perguntas fechadas permitem uma análise mais fácil, mas, por outro lado, podem levar à simplificação (Observatório do Quadro de Referência Estratégico Nacional -QREN-, 2014, p. 9).



b. A determinação e descrição da amostra

Para o processo de amostragem da população alvo do estudo de caso seguiram-se as Orientações Metodológicas do IESM (2014, p. 67). O universo estabelecido para o caso de estudo foi o de os Oficiais alunos do Corpo Geral do Exército e da *Guardia Civil* de Espanha que este ano vão atingir a sua primeira qualificação profissional: o cargo de Tenente. Devido a critérios de acessibilidade as amostras do Exército e da *Guardia Civil* foram selecionados de forma diferente.

A amostra do Exército foi selecionada de forma não probabilística ou empírica³⁰, nomeada intencional, e ficou composta por 35 alunos dos centros de formação dependentes do Comando de Doutrina do Exército. De acordo com a fórmula de cálculo das amostras das Orientações Metodológicas (IESM, 2014, p. 61), a amostra assim selecionada apresenta um erro de 0,14 para um nível de confiança de 95%.

Por outro lado, como já foi dito, a amostra dos 57 alunos do último curso da *Guardia Civil* coincide com o universo populacional para o caso de estudo, pelo qual o erro da amostra é 0 para o mesmo nível de confiança de 95%.

Se considerarmos as duas amostras juntas, os alunos do Exército e os da *Guardia Civil* teríamos um erro de amostra de 6,8% para o mesmo nível de confiança de 95%.

Embora, de uma forma geral, nos estudos de caso a validade externa é reduzida, pelo qual é difícil estabelecer generalizações dos resultados (Freixo, 2011 cit. por IESM, 2014, p. 25), deve tentar atingir-se o máximo rigor na investigação³¹. Nesse sentido o erro de amostra apresentado nas Orientações Metodológicas (IESM, 2014, p. 61), e comum em muitas investigações, é de 0,1 ou 10%.

Os inquéritos³² foram administrados aos alunos da *Guardia Civil* nos dias 24 e 25 de Março e aos alunos do Exército no dia sete de Abril. Foram submetidos por um instrutor do respetivo centro de formação, seguindo as instruções dadas pelo autor deste trabalho³³,

³⁰ Recebem o nome de amostras probabilísticas ou aleatórias aquelas cujos elementos populacionais têm a mesma probabilidade de serem selecionados para formar parte da amostra. Em caso contrário a amostra é não probabilística ou empírica (IESM, 2014, p. 57).

³¹ Embora o autor descreva que a natureza empírica dos estudos de caso põem em dificuldade o controlo, reconhece, não poderia ser de outra forma, a ampla utilidade em ciência política, economia, psicologia, sociologia ou administração pública (IESM, 2014, pp. 25-26).

³² Os inquéritos respondidos pelos alunos estão na posse do autor do trabalho, num total de 276 páginas. Não tem interesse colocá-los num apêndice, tendo em conta que toda a informação está refletida no trabalho.

³³ Estabeleceu-se contato com o Oficial responsável por administrar os inquéritos para fornecer aos alunos o contexto académico do estudo, as condições necessárias para a administração do inquérito e muito especialmente a voluntariedade na participação. Os alunos da *Guardia Civil* preencheram o inquérito em papel no seu tempo livre e devolveram-no ao Oficial no dia seguinte. Os alunos do Exército responderam ao inquérito, também em papel, numa aula do centro de formação.



nomeadamente nos seguintes aspetos: autorização do responsável do centro de formação, total voluntariedade para responder, deixar em branco ou não preencher o inquérito, manutenção do anonimato dos alunos, salientar a valorização da sua participação.

Por outro lado, a amostra da *Guardia Civil* corresponde ao universo populacional de estudo, uma vez que engloba todos os alunos do quinto curso.

No capítulo dedicado à análise serão apresentadas as estatísticas de cada amostra, e da amostra conjunta, e as considerações sobre uma eventual generalização dos resultados obtidos.

c. Apresentação dos dados do inquérito realizado aos alunos do Exército

A seguir, vão ser apresentados, na forma de tabela integrada, os resultados obtidos da amostra do Exército.

Tabela nº 7 - Respostas integradas dos alunos do Exército

Fonte: (autor, 2015)

1ª Pergunta:

RESPOSTA	Nº	%
Não tem importância	0	0
Tem pouca importância	0	0
Tem importância	2	5,71
Tem muita importância	24	68,57
Tem a maior importância	9	25,72

2ª Pergunta:

RESPOSTA	Nº	%
Não tem importância	1	2,86
Tem pouca importância	1	2,86
Tem importância	2	5,71
Tem muita importância	23	65,71
Tem a maior importância	8	22,86



3ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Não tem importância	1	2,86
Tem pouca importância	1	2,86
Tem importância	1	2,86
Tem muita importância	20	57,14
Tem a maior importância	12	34,28

4ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Tem muito menos importância	1	2,86
Tem menos importância	2	5,71
Tem a mesma importância	3	8,57
Tem mais importância	14	40,00
Tem muito mais importância	15	42,86

5ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Acho que vai diminuir muito	1	2,86
Acho que vai diminuir um pouco	1	2,86
Acho que se vai manter no mesmo nível	3	8,57
Acho que vai aumentar um pouco	14	40,00
Acho que vai aumentar muito	16	45,71

6ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Nulo	1	2,86
Baixo	1	2,86
Meio	23	65,71
Alto	8	22,86
Muito alto	2	5,71



7ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Nenhuma	1	2,86
Formação militar recebida / Documentos militares regulamentários	18	51,43
Documentação oficial (NATO, UE ou nacional)	4	11,43
Publicações e estudos de centros especializados	7	20,00
Meios de comunicação e redes sociais	26	74,29

8ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Não	2	5,71
Só em determinados casos	1	2,86
Sim, mais não como o meio principal de intervenção	1	2,86
Sim, na maioria dos casos	12	34,28
Sim, sempre	19	54,29

9ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Não	1	2,86
Só ocasionalmente	1	2,86
Sim, como em qualquer outra atividade relacionada com a minha profissão	6	17,14
Sim, preferencialmente	18	51,43
Sim, é prioritário para mim	9	25,71

10ª Pergunta: Quatro dos 35 alunos (11,43%) fizeram uso da possibilidade de responder à esta pergunta aberta, com os comentários que aparecem no apêndice B e a análise qualitativa feita no capítulo seguinte.

Todas as perguntas tiveram a opção “não sabe ou não deseja responder”, nenhum aluno escolheu essa resposta.



d. Apresentação dos dados do inquérito realizado aos alunos da *Guardia Civil*

Tabela nº 8 - Respostas integradas dos alunos da *Guardia Civil*

Fonte: (autor, 2015)

1ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Não tem importância	0	0
Tem pouca importância	0	0
Tem alguma importância	2	3,50
Tem muita importância	29	50,88
Tem a maior importância	13	22,81
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81

2ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Não tem importância	0	0
Tem pouca importância	0	0
Tem alguma importância	0	0
Tem muita importância	33	57,89
Tem a maior importância	11	19,30
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81

3ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Não tem importância	0	0
Tem pouca importância	0	0
Tem alguma importância	3	5,26
Tem muita importância	25	43,86
Tem a maior importância	16	28,07
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81



4ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Tem muito menos importância	0	0
Tem menos importância	2	3,50
Tem a mesma importância	4	7,02
Tem mais importância	18	31,58
Tem muito mais importância	20	35,09
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81

5ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Acho que vai diminuir muito	0	0
Acho que vai diminuir um pouco	4	7,02
Acho que vai se manter no mesmo nível	6	10,52
Acho que vai aumentar um pouco	12	21,05
Acho que vai aumentar muito	22	38,60
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81

6ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Nulo	0	0
Baixo	4	7,02
Meio	33	57,89
Alto	5	8,77
Muito alto	2	3,51
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81



7ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Nenhuma	0	0
Formação militar recebida / Documentos militares regulamentários	17	29,82
Documentação oficial (NATO, UE ou nacional)	1	1,75
Publicações e estudos de centros especializados	4	7,02
Meios de comunicação e redes sociais	22	38,60
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81

8ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Não	0	0
Só em determinados casos	0	0
Sim, mas não como o meio principal de intervenção	2	3,51
Sim, na maioria dos casos	14	24,56
Sim, sempre	28	49,12
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81

9ª Pergunta:

RESPOSTAS	Nº	%
Não	1	1,75
Só ocasionalmente	2	3,51
Sim, como em qualquer outra atividade relacionada com a minha profissão	3	5,26
Sim, preferencialmente	20	35,09
Sim, é prioritário para mim	18	31,58
Não sabe ou não deseja responder	13	22,81



10ª Pergunta:

Seis dos 57 alunos da *Guardia Civil* (10,53%) fizeram uso da possibilidade de responder à pergunta aberta. As suas apreciações aparecem no apêndice B e no capítulo seguinte a análise qualitativa das dimensões salientadas.

e. Considerações sobre o objeto de estudo: a percepção

O interesse do estudo é explorar a percepção do grupo de alunos sobre o fenómeno do TI. De acordo com a Associação Americana de Psicologia (APA) a definição geral de percepção psicológica é o processo que organiza a informação em imagem sensorial e a sua interpretação que produzem as propriedades de objetos e eventos no mundo externo³⁴. Além do anterior, há autores que salientam a subjetividade do processo e é comum considerar a percepção também como o resultado do processo (Universidade de Jaén (Espanha), 2012). Para o objetivo deste trabalho não é de interesse conhecer como é que os alunos fazem essa construção da imagem do fenómeno³⁵.

A percepção compreende dois processos: uma recodificação ou seleção dos dados que chegam do exterior e uma inferência que visa ir além dos dados recebidos. No campo da Psicologia Social a percepção social tem características comuns com a percepção de pessoas, uma vez que ambas estão estruturadas (categorização), formam esquemas invariantes, e têm um significado. Seguindo as investigações de S. Asch³⁶, o objeto fundamental da percepção social é o processo de formação de impressões; processo pelo qual certas características são seleccionadas e organizadas de maneira coerente (Morales, et al., 1995, pp. 93-119).

Neste trabalho a percepção vai ser estudada de acordo com as respostas que os futuros Oficiais fizeram sobre o TI. Seguindo a teoria e a pirâmide percetiva de David Armano³⁷,

³⁴ A APA aprofunda em alguns termos específicos de percepções, como e.g. a percepção social, que é definida como o processo pelo qual uma pessoa conhece ou percebe atributos pessoais de ela mesma ou de outras pessoas (American Psychological Association, 2015).

³⁵ Segundo as teorias psicológicas construtivistas, uma das abordagens contemporâneas da Psicologia, a construção das estruturas cognitivas é elaborada pelo indivíduo no decorrer do seu desenvolvimento. “O tipo de conhecimento depende da estrutura do conhecedor. Ao contrário da fórmula empirista clássica, que sustenta que a ação é guiada pela percepção, autores construtivistas (...) inverterão a referida fórmula e dirão que a percepção será guiada pela ação do indivíduo no contexto” (Arendt, 2003, p. 10).

³⁶ Solomon Eliot Asch, psicólogo estado-unidense (1907- 1996 Haverford). Asch é considerado um dos pioneiros da Psicologia Social e da Psicologia da *Gestalt*. É conhecido do público em geral pelas suas experiências sobre conformidade social.

³⁷ David Armano é o vice-presidente executivo de inovação global e integração de *Edelman Digital*, uma empresa norte-americana de assessoria estratégica e comercial.



estariámos no segundo nível da pirâmide, i.e., no nível da produção linguística do que os alunos descrevem da sua própria percepção:



Figura nº 9 Pirâmide da percepção

Fonte: (Armano, 2008)

f. Síntese conclusiva

Para o objetivo deste trabalho entende-se o conceito de percepção como a descrição que fazem os alunos, neste caso de maneira escrita, do resultado de um processo de formação de impressões relativas ao fenómeno do TI.

Os inquéritos, depois do processo de elaboração e comprovação do seu ajustamento aos objetivos da investigação, foram realizados a 92 alunos: 35 do Exército e 57 da *Guardia Civil*. Todos os alunos aceitaram participar no inquérito. Todos os alunos do Exército responderam às questões. No entanto, 22,81% dos alunos da *Guardia Civil* deixaram o inquérito em branco.

10,87% dos alunos fizeram uso da pergunta aberta (11,43% dos alunos do Exército e 10,53% dos alunos da *Guardia Civil*) e salientaram as seguintes dimensões principais: a visão multifacetada da segurança nacional e global, a necessidade de cooperação internacional e o desejo de ter mais informação de qualidade sobre o TI.



4. Análise e interpretação dos resultados

“Uma maior consciência sobre o conceito de segurança integral e global é um dos fatores fundamentais na luta contra o terrorismo internacional”

Um dos alunos que participou no inquérito (2015)

Seguindo o modelo de análise estabelecido no apêndice A, neste capítulo vai desenvolver-se a análise e interpretação dos resultados obtidos. Primeiramente vai realizar-se a análise quantitativa dos dados das perguntas fechadas dos inquéritos (validação ou rejeição de hipóteses). Depois vai desenvolver-se a análise qualitativa, primeiro a da pergunta aberta dos inquéritos (estudo descritivo) e termina a análise qualitativa com uma confrontação das dimensões analisadas nas perguntas fechadas dos inquéritos com as mesmas dimensões estudadas em 12 entrevistas realizadas a pessoal perito em TI (estudo categorial e de relações).

a. Análise quantitativa dos dados obtidos nos questionários

A seguir serão analisados de uma forma quantitativa os dados obtidos nos inquéritos aos alunos para tentar obter resposta a cada uma das seis QD levantadas, de acordo com as Hip e os critérios de aceitação que se estabelecem.

QD-1: Que importância atribuem ao terrorismo internacional?

Hip-1	Os futuros Oficiais atribuem uma grande importância ao terrorismo internacional.
Critério de aceitação	A Hip-1 será aceite quando se cumpra a seguinte condição: 80% ou mais dos alunos responderam que tem “muita importância” ou “a maior importância” às perguntas: um (a nível global), dois (na UE) e três (a nível nacional). Caso se obtenha um valor entre 80 – 50% será aceite parcialmente, sendo rejeitada para valores inferiores a 50%.

Análise e interpretação da QD-1:

Os alunos do Exército consideram que o TI tem “muita importância” ou “a maior importância” nas seguintes percentagens: 94,29% a nível global, 88, 57% para a UE e



91,42% a nível nacional. Portanto, na amostra dos alunos do Exército aceita-se a Hip-1, de que dão uma grande importância ao TI.

Os alunos da *Guardia Civil*, (22,81% deixaram o questionário em branco) consideram que o TI tem “muita importância” ou “a maior importância” nas seguintes percentagens: 73,69% a nível global, 77,19% para a UE e 71,93% a nível nacional. Portanto, aceita-se parcialmente a Hip-1 para a amostra da *Guardia Civil*. É preciso salientar que os valores obtidos estão muito próximos do 80% e que não contabilizando as respostas em branco, a validação de aceitação da Hip-1 seria atingida.

Quanto à amostra conjunta dos alunos do Exército e da *Guardia Civil*: aceita-se diretamente a Hip-1, por estar acima dos 80%. Há homogeneidade quanto aos três níveis de análise (global, UE, nacional) nas três amostras.

QD-2: Existe alguma continuidade ao longo do tempo, quanto ao nível de importância atribuído?

Hip-2:	Sim, existe continuidade.
Critério de aceitação:	A Hip-2 será aceite quando se cumpra que o 80% ou mais dos alunos responderam simultaneamente nas perguntas quatro e cinco alguma das seguintes agrupações de opções de resposta: i) Opções primeira e segunda ou ii) Opção central ou iii) Opções quarta e quinta. Com um valor entre o 50 e o 80% a Hip será aceite parcialmente.

Análise e interpretação da QD-2:

80,00% dos alunos do Exército responderam de acordo com o critério de aceitação. A Hip-2 foi verificada (26 responderam a opção “iii” e só dois a “ii”). Na amostra da *Guardia Civil* o 56,14% responderam de acordo com o critério. A Hip-2 é verificada parcialmente.

A Hip-2 foi verificada parcialmente para o conjunto da amostra do Exército e da *Guardia Civil*, atingindo-se 69,56% de respostas aceitáveis para o critério. A maior parte das amostras considerou que o TI vai piorar (85,71% do Exe), (59,65% da *Guardia Civil*).



QD-3: Qual o grau de conhecimento que eles consideram ter sobre o terrorismo internacional?

Hip-3:	Eles consideram ter um elevado conhecimento sobre o terrorismo internacional.
<u>Critério de aceitação:</u>	A Hip-3 será aceite quando se cumpra a seguinte condição: 80 % ou mais dos alunos responderam à pergunta seis dizendo que têm um conhecimento “alto” ou “muito alto”.

Análise e interpretação da QD-3:

Dos alunos do Exército, 28,57% responderam ter um conhecimento “alto” ou “muito alto” do TI. Uma vez que o resultado não está entre 0 e 50%. A Hip-3 não foi verificada.

Na amostra da *Guardia Civil*, 12,28% responderam ter um conhecimento “alto” ou “muito alto”. A Hip-3 também não foi verificada.

A Hip-3 não foi verificada para o conjunto da amostra do Exército e da *Guardia Civil*.

No entanto, os resultados obtidos permitem aprofundar na análise: 23 alunos do Exército (65,71%) responderam ter um conhecimento médio do TI e 33 alunos da *Guardia Civil* (57,89%) responderam da mesma forma. Para a amostra conjunta os valores são: 56 alunos (60,87%). Com isto, podemos concluir que nas três amostras, a maioria considera ter um conhecimento médio sobre o TI.

QD-4: Utilizam fontes diversificadas de informação para ter conhecimento do TI?

Hip-4:	Sim, utilizam fontes diversificadas de informação.
<u>Critério de aceitação:</u>	A Hip-4 será aceite quando 80% ou mais dos alunos responderam a mais de uma das opções de resposta propostas. Valores entre 50 – 80% indicam uma aceitação parcial.

Análise e interpretação da QD-4:

51,43% dos alunos do Exército responderam utilizar mais de uma fonte de informação. A Hip-4 foi verificada parcialmente.



Na amostra da *Guardia Civil* nenhum aluno respondeu que utiliza mais de uma fonte de informação. É possível que isto aconteça por causa das instruções fornecidas aos alunos durante a administração do inquérito. Não pode ser avaliada esta Hip.

A Hip-4 não pode ser verificada para o conjunto da amostra do Exército e da *Guardia Civil*.

QD-5: **Consideram que as FA/GC devem ter um papel relevante na luta contra o TI?**

Hip-5:	Sim, consideram que as FA/GC devem ter um papel relevante.
Critério de aceitação:	A Hip-5 será aceite quando 80% ou mais da amostra responda à pergunta oito com “sim, na maioria dos casos” ou “sim, sempre”. Uma aceitação parcial será obtida com valores entre os 50 – 80% das respostas.

Análise e interpretação da QD-5:

88,57% dos alunos do Exército responderam a uma das opções descritas no critério de aceitação. A Hip-5 foi verificada.

Na amostra da *Guardia Civil*, 73,68% responderam de acordo com o critério. A Hip-5 foi verificada parcialmente. Todavia, caso fossem desconsiderados aqueles que não responderam, a percentagem seria de 95,45%, pelo que a Hip-5 teria sido aceite. Considera-se que a Hip-5 foi verificada para a amostra conjunta do Exército e *Guardia Civil* por atingir-se uma percentagem muito próxima ao limite do critério: 79,35%.

QD-6: **Qual o grau de motivação dos futuros Oficiais para estarem envolvidos na luta contra o terrorismo internacional?**

Hip-6:	O grau de motivação é alto.
Critério de aceitação:	A Hip será aceite se o 80%, ou mais da amostra responderam à pergunta nove com “sim, preferencialmente” ou “sim, é prioritário para mim”. Se responderem entre o 50 e o 80% a Hip será aceite parcialmente.



Análise e interpretação da QD-6 :

77,14% dos alunos do Exército responderam à pergunta nove com as respostas do critério de seleção. Deve-se salientar que o resultado está muito próximo do critério de aceitação (80%).

66,67% dos alunos da *Guardia Civil* responderam às respostas do critério de aceitação. Aceita-se parcialmente a Hip-6. Uma vez mais, caso contabilizássemos apenas os alunos que responderam ao questionário, essa percentagem atingiria os 86,37%.

Para o conjunto dos alunos obtém-se 70,65% de respostas do critério de aceitação. Aceita-se parcialmente a Hip-6. Uma percentagem muito baixa, 17,14% do Exe, 5,26 da *Guardia Civil*, considera que é indiferente no futuro estar envolvido na luta contra o terrorismo ou em outras tarefas.

b. Análise qualitativa da pergunta aberta do inquérito

Alguns dos alunos responderam à décima pergunta aberta sobre a possibilidade de acrescentar algum comentário. A seguir vão ser expostas as dimensões identificadas nas suas respostas, o qual permite acrescentar o aspeto descritivo deste trabalho. De salientar que estas dimensões não foram previamente estabelecidas no objeto de estudo, i.e. trata-se de uma análise de dimensões não intencionais. As respostas dos alunos podem ser consultadas no apêndice B. Seguidamente, expõem-se as dimensões refletidas por eles.

Os alunos do Exército:

- i) A ligação do terrorismo internacional com as grandes potências;
- ii) A participação das FA no combate exterior ao terrorismo;
- iii) A assumida necessidade de ter mais informação sobre o terrorismo internacional;
- iv) A avaliação multifacetada da Segurança Nacional.

Alunos da *Guardia Civil*:

- i) A avaliação multifacetada da Segurança Global (destacou-se por dois alunos);
- ii) A cooperação internacional na luta contra o terrorismo (destacou-se por dois alunos);
- iii) O carácter difuso da ameaça;
- iv) A assumida necessidade de ter mais informação de qualidade sobre o terrorismo internacional (destacou-se por três alunos);
- v) A assumida necessidade de compreensão da evolução histórica do fenómeno (destacou-se por dois alunos);



vi) A necessidade de conectividade e alinhamento com a sociedade nesta matéria.

Pode concluir-se que este grupo de alunos, 11,43% do Exército, 10,53% da *Guardia Civil*, perfazendo 10,87% do total da amostra, apresentam uma visão multifacetada do TI, além de aspetos operacionais, a sua perceção contempla aspetos relacionados com a política externa e interna, a sociedade e a história.

c. Análise qualitativa da perceção dos peritos em terrorismo internacional

Com o objetivo de realizar uma análise aprofundada dos inquéritos, foram efetuadas várias entrevistas a entidades consideradas peritas no TI. A maior parte das pessoas entrevistadas é espanhola, salientando-se, no entanto, o prestimoso contributo dado por um autor de nacionalidade portuguesa e outro dos EUA.

Muitos dos entrevistados são militares que tiveram, ou ainda têm, responsabilidades na luta contra o TI. Também há membros da *Guardia Civil* espanhola, que estiveram, alguns ainda estão, com responsabilidades de combate ao terrorismo doméstico e, ultimamente, ao terrorismo de carácter internacional. Outros militares espanhóis formam atualmente parte da equipa do *Instituto Español de Estudios Estratégicos*³⁸ (IEEE), o qual tem uma relevante produção de artigos e publicações em matéria de estratégia e também em questões de segurança. Alguns deles são frequentemente solicitados pelos *media* de Espanha como pessoal especialista nestes tópicos. O autor português é militar e autor de diversas obras. O autor dos EUA é um académico de referência, tendo sido uma das suas publicações utilizada neste trabalho.

Para cada entrevistado apresenta-se no apêndice D, uma nota breve da sua atividade principal e um resumo dos aspetos principais da entrevista. Houve situações em que foi solicitado, por razões diversas, para permanecerem no anonimato. Deste modo, a identidade de algumas destas entidades será preservada.

Nos meses de Fevereiro, Março e Abril, fizeram-se, via correio eletrónico, um total de 12 entrevistas ao pessoal perito na matéria objeto de estudo. A todos eles foi explicado o contexto e os objetivos do trabalho. Seguindo as Orientações Metodológicas (Flick, 2005 cit. por IESM, 2014, p. 94): “Quando o objetivo da recolha de dados são as afirmações concretas sobre um assunto, o meio mais eficiente é a entrevista semiestruturada”, decidiu-se um modelo de entrevista semiestruturada com seis perguntas abertas, alguma delas com

³⁸ O IEEE é um organismo do Ministério de Defesa de Espanha dependente do *Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional* (CESEDEN) e do Secretariado Geral de Política de Defesa, que tem como missão desenvolver atividades de investigação e difusão da cultura de Segurança e Defesa.



vários aspetos³⁹. As questões foram feitas na língua materna dos entrevistados. No apêndice C aparece o modelo de entrevista em língua portuguesa. No apêndice D estão os resumos das entrevistas na língua materna dos entrevistados: português, espanhol e inglês e o quadro sinopse de cada uma delas. Os 12 peritos que participaram na entrevista são:

- Coronel de Infantaria do Exército de Portugal Nuno Lemos Pires (Cor Pires).
- Tenente Coronel de Artilharia do Exército de Espanha Jesús Díez Alcalde (TCor D. Alcalde).
- Um Oficial da *Guardia Civil* (OF GC-1).
- Capitão-de-fragata da Armada Espanhola Federico Aznar Fernández-Montesinos (CF Aznar).
- Rogelio Alonso Pascual (Prof Alonso).
- Um Oficial Superior da *Guardia Civil* (Of Sup GC).
- Coronel de Artillería do Exército de Espanha Ignacio Fuente Cobo (Cor Fuente).
- Um Oficial Superior da Armada Espanhola (Of Sup AR).
- Coronel de Infantaria do Exército Espanhol Julio Salom Herrera (Cor Salom).
- Clarence Augustus Martin (Prof Martin).
- Um Oficial da *Guardia Civil* (OF GC-2).
- Um Oficial Superior do Exército de Espanha (Of Sup Exe).

No apêndice E figura a matriz de Análise Temática ou Categorical, de acordo com as Orientações Metodológicas (Guerra, 2006 cit. por IESM, 2014, p. 115).

De acordo com as Orientações Metodológicas (2014, pp. 110-117), primeiro realizou-se uma análise do conteúdo das entrevistas de temática ou categorial até chegar à análise das relações, onde foram estudadas as concorrências e as estruturas dos relatos dos entrevistados. Seguiu-se o processo de cinco etapas aconselhado nas Orientações, adaptado à modalidade de entrevista realizada. Depois, analisaram-se estes resultados com os das dimensões estudadas nos inquéritos dos alunos.

³⁹ No mês de Janeiro fizeram-se algumas entrevistas exploratórias a pessoal das FA e da GC sobre o terrorismo internacional com o objeto de afinar o estudo e validar o modelo de entrevista inicial. O modelo de entrevista sofreu pequenas modificações. A principal mudança foi a inclusão da pergunta final genérica porque alguns dos entrevistados na fase exploratória manifestaram que o modelo limitava, em certa forma, a espontaneidade e a possibilidade de salientar outras dimensões. O dito pessoal não participou depois nas entrevistas analisadas.



(1) As dimensões de estudo das entrevistas

As dimensões estudadas nas entrevistas para, posteriormente, fazer a comparação com a caracterização das mesmas dimensões obtidas nos inquéritos aos alunos são:

- 1) Grau de importância do terrorismo internacional para a segurança mundial. Id. para a UE. Id. a nível nacional (pergunta 1);
- 2) Evolução temporal do terrorismo nos últimos anos⁴⁰ (pergunta 2);
- 3) Grau de relevância das Forças Armadas e/o da *Guardia Civil*⁴¹ na luta contra o terrorismo internacional (perguntas 3 e 4)⁴²;
- 4) Grau de abrangência da formação em terrorismo internacional dos futuros Oficiais (pergunta 5).

É necessário salientar que cada entrevistado teve a possibilidade de responder a uma última pergunta aberta para fazer qualquer comentário. A maioria deles utilizou esta possibilidade.

(2) Interpretação da análise temática dos peritos e comparação com os resultados do inquérito dos alunos.

Para fazer a análise e comparação das dimensões salientadas nas entrevistas com as dos inquéritos, utilizaram-se os quadros sinopse feitos para cada uma das entrevistas e a matriz de análise categorial que aparecem nos apêndices D e E respectivamente. As conclusões apresentam-se da seguinte forma:

Importância do terrorismo internacional: a maioria dos peritos concorda em atribuir-lhe uma importância alta. Só um deles, o CF Aznar, salienta que é uma ameaça sobrevalorizada. No seu relato argumenta que, para países como os nossos, não é uma ameaça vital ou estratégica.

Como já foi analisado, os alunos também atribuíram uma alta importância ao TI, pelo qual há concordância com os peritos.

Evolução temporal: as dimensões destacadas neste tema são: manutenção do nível de importância de acordo com o relato dos peritos, certo grau de associação do TI atual com o

⁴⁰ Diferentemente dos inquéritos, não foi estabelecido uma limitação específica, para fornecer aos entrevistados a liberdade de elaborar o seu próprio discurso e estabelecer as limitações que considerarem.

⁴¹ A cada autor foi-lhe perguntado pelo papel das FA e/ou a *Guardia Civil* dependendo da sua competência.

⁴² A pergunta 3 pretende introduzir o eventual enquadramento que poderiam ter as FA e a *Guardia Civil* junto a outras capacidades do Estado e a pergunta 4 já é uma questão direta sobre o papel deles.



terrorismo jihadista (outras formas têm menor relevância), a componente religiosa atual e, em particular, a constante evolução e a complexidade atual.

Para os alunos do Exército foi aceite a Hip de manter a importância do terrorismo ao longo do tempo. Por outro lado, para as amostras de alunos da *Guardia Civil* e conjunta verificou-se a Hip só parcialmente. Pode-se então aceitar certo grau de concordância quanto à evolução temporal.

Relevância das FA/GC na luta contra o terrorismo: é a dimensão com a maior disparidade, pois uma parte importante dos peritos considera que as FA/GC não são atores relevantes na luta contra o terrorismo e que tem que ser a última opção ou só atuar em circunstâncias muito concretas. Há argumentos que apontam para as FA terem o papel principal, porque se trata de uma guerra subversiva (Salom Herrera, 2015, p. Apd D-12), ou que devem ter a mesma relevância que outros atores (Pires, 2015, p. Apd D-1).

A Hip para este tema na análise quantitativa foi aceite para os alunos do Exército com uma alta percentagem (88,57%), para os alunos da *Guardia Civil* também foi aceite, parcialmente se considerarmos toda a amostra (73,68%), ou de maneira total se excluirmos aqueles que não responderam. Neste caso, os alunos da *Guardia Civil* atingiriam os 95,45%. Portanto, este é o maior ponto de discrepância comparativa com os peritos.

Abrangência na formação dos Oficiais: destacaram a necessidade de uma formação muito abrangente em matérias como a história do terrorismo, a geopolítica ou aspetos sociais. A maioria dos alunos, 65,71% do Exército e 57,89 % da *Guardia Civil*, manifestou possuir um conhecimento médio sobre o TI. As percentagens que indicam um conhecimento nulo ou baixo são mínimas: 5,72% e 7,02% respetivamente. Além disso, na análise qualitativa da pergunta aberta, alguns alunos salientaram a necessidade de ter maior conhecimento nesta matéria. Portanto, embora não fosse estudado o currículo formativo, poder-se-ia avaliar a conveniência de aprofundar aspetos do mesmo.

Esta interpretação dos peritos é consistente com os resultados dos alunos que avaliam o seu próprio grau de conhecimento sobre o terrorismo. A maioria considera que tem um nível médio de conhecimento. Só uma percentagem marginal considera que tem um conhecimento alto ou muito alto. Além disso, na análise qualitativa da pergunta aberta do inquérito, também surgiu a questão de dispor de uma formação mais abrangente.



Conclusões, contributos para o conhecimento e propostas

“A luta contra o terrorismo internacional
é uma responsabilidade de todos”

(Cor Nuno Lemos Pires, 2015, p. Apd D-1)

O TI é uma das maiores preocupações das nossas sociedades democráticas, considerada uma das ameaças que pretendem atacar o nosso regime de liberdades. Há inúmeros estudos sobre a génese, causas, caracterização e evolução do fenómeno terrorista. Não obstante, o fator humano e o caminho explorado neste trabalho, das pessoas que compõem as Forças Armadas e as Forças de Segurança, é um lado do terrorismo ainda pouco desenvolvido. Este trabalho de investigação pretende ser um modesto contributo nesse sentido, na linha de sair da análise documental e explorar de maneira empírica o aspeto da componente humana dos que estão neste lado da colina.

O caminho não foi fácil por diversas questões, a mais importante porque estamos a tratar de um tema de grande sensibilidade, do qual não é habitual expressarem-se perceções ou visões pessoais sobre esta matéria.

O alvo do trabalho foram os futuros Oficiais espanhóis do Exército e da *Guardia Civil*, ainda alunos nos centros de formação dependentes do Comando de Doutrina do Exército e da Academia da *Guardia Civil* em Aranjuez (Espanha). O objetivo é conhecer a perceção que eles têm sobre o TI.

Do objetivo geral do trabalho que consistia em explorar a visão destes futuros Oficiais face ao fenómeno do TI, foram retirados seis objetivos específicos:

OE-1: Explorar o grau de importância que atribuem ao TI.

OE-2: Explorar o nível de importância que lhe davam no passado e o que lhe outorgam para o futuro.

OE-3: Explorar o grau de conhecimento que possuem sobre o fenómeno do TI.

OE-4: Explorar a diversidade das principais fontes que utilizam para obter informação sobre o TI.

OE-5: Explorar se consideram que as FA/GC têm que ter um papel relevante na luta contra o TI.

OE-6: Explorar o nível de motivação para estarem envolvidos profissionalmente em tarefas de luta contra o TI.



Na elaboração do trabalho seguiu-se o percurso metodológico refletido nas Orientações Metodológicas do Instituto de Estudos Superiores Militares. Este estudo de caso desenvolveu-se segundo uma estratégia de investigação mista, que combinasse as vantagens e complementaridade das estratégias quantitativa e qualitativa. As duas estratégias foram desenvolvidas de maneira paralela.

Utilizando uma estratégia quantitativa elaborou-se um inquérito por questionário dirigido aos Oficiais alunos. Para a administração deste inquérito contou-se com a inestimável colaboração dos instrutores dos centros de formação. O questionário tinha dez perguntas: nove fechadas para a análise quantitativa e outra preparada sob uma estratégia qualitativa.

Seguindo a estratégia qualitativa também se elaborou uma entrevista na qual se exploraram as mesmas dimensões que foram estudadas com a estratégia quantitativa. Na entrevista participaram 12 pessoas bem conhecedoras deste fenómeno da violência política e com amplos conhecimentos em TI. Alguns deles procedem do âmbito académico, outros pertencem às Forças Armadas e às Forças de Segurança e tiveram, alguns ainda têm, elevadas responsabilidades na luta contra o terrorismo. Por motivos diversos, foi solicitado o anonimato por parte de alguns deles.

Como já foi referido, os inquéritos foram realizados com a mediação de outro pessoal. As entrevistas realizaram-se mediante correio eletrónico, atendendo à localização dispersa dos entrevistados: Portugal, Espanha, Estados Unidos, Iraque e outros países de Europa e África.

O início deste trabalho, a fase exploratória, começou em Novembro de 2014 com as tarefas iniciais e os primeiros contatos para avaliar as possibilidades reais de desenvolvimento. O projeto inicial realizou-se em Dezembro e os primeiros ensaios começaram no mês de Janeiro. A fase analítica iniciou-se em Fevereiro e prolongou-se até a fase conclusiva assumir o papel principal.

A Questão Central a qual se pretendeu dar resposta durante o desenvolvimento do trabalho foi: “Qual é a perceção que têm os futuros Oficiais do Exército de Espanha e da *Guardia Civil* sobre o fenómeno do TI?”.

Do ponto de vista da metodologia quantitativa empregada, desta Questão Central decorreram seis Questões Derivadas com as suas Hipóteses associadas. No entanto, também se realizou uma abordagem qualitativa para aprofundar no conhecimento da perceção dos alunos.



As Questões Derivadas (QD), as Hipóteses (Hip) e a sua aceitação ou rejeição demonstrada, são:

QD-1: Que importância atribuem ao TI?

Hip-1: Os futuros Oficiais atribuem uma grande importância ao TI.

A Hip-1 foi aceite para as amostras do Exército e para a conjunta do Exército e da *Guardia Civil*. Para a amostra da *Guardia Civil* foi aceite parcialmente, com valores muito próximos do critério de aceitação geral (80%).

QD-2: Existe alguma continuidade ao longo do tempo, quanto ao nível de importância atribuído?

Hip-2: Sim, existe continuidade.

A Hip-2 foi aceite para a amostra do Exército e foi aceite parcialmente para as amostras da *Guardia Civil* e para a conjunta. A maioria dos alunos acredita que o fenómeno do TI vai piorar.

QD-3: Qual o grau de conhecimento que eles consideram ter sobre o TI?

Hip-3: Eles consideram ter um elevado conhecimento sobre o TI.

Esta Hip-3 não foi aceite para nenhuma das três amostras consideradas. A maioria dos alunos considerou ter um conhecimento de nível médio sobre o TI (60,87% da amostra conjunta).

QD-4: Utilizam fontes diversificadas de informação para ter conhecimento do TI?

Hip-4: Sim, utilizam fontes diversificadas de informação.

A Hip-4 foi verificada parcialmente para a amostra do Exército, mas não se podem obter conclusões da amostra da *Guardia Civil* nem da conjunta uma vez que nenhum aluno respondeu a mais de uma opção. Considerou-se um defeito na administração do inquérito.

QD-5: Consideram que as FA/GC devem ter um papel relevante na luta contra o TI?

Hip-5: Sim, consideram que as FA/GC devem ter um papel relevante.

A Hip-5 foi aceite para a amostra do Exército e para a amostra conjunta. Para a amostra da *Guardia Civil* foi aceite parcialmente, mas o critério de aceitação geral seria amplamente alcançado (80%) se não fossem contabilizados os 22,81% dos alunos da *Guardia Civil* que deixaram o questionário em branco em todas as perguntas. Para a amostra conjunta foi aceite a Hip-5.

QD-6: Qual o grau de motivação dos futuros Oficiais para estarem envolvidos na luta contra o TI?

Hip-6: O grau de motivação é alto.



Esta Hip-6 foi aceite parcialmente para as três amostras. Nas três amostras, uma percentagem muito baixa respondeu que, no seu entendimento, estar ou não envolvido na luta contra o terrorismo e irrelevante.

A percentagem significativa de alunos da *Guardia Civil* que deixaram o questionário em branco, comparativamente aos alunos do Exército, que responderam a todas as questões, ficou, provavelmente, a dever-se a dois aspetos: à própria decisão de escolher essa opção ou às condições de administração do inquérito.

Um aspeto descritivo do estudo foi analisado qualitativamente a partir da pergunta aberta do inquérito por questionário. Esta pergunta foi incorporada após as sugestões feitas pelo pessoal submetido ao pré-teste no mês de Janeiro deste ano, os quais sublinharam a possibilidade dos alunos poderem salientar dimensões não dirigidas nas outras perguntas. Um total de 10,87% da amostra conjunta dos alunos respondeu a esta pergunta aberta, 11,43% do Exército, 10,53% da *Guardia Civil*. Estas percentagens de participação podem considerar-se aceitáveis. Convém referir que nas instruções remetidas para a administração do inquérito estava determinada uma duração de resposta não superior a cinco minutos. O que mais sobressai das dimensões expostas pelos alunos é a abrangência da sua visão do fenómeno do TI, que vai além de aspetos operacionais. A sua percepção contempla aspetos relacionados com a política e a cooperação internacionais, a política interior, a história e evolução do terrorismo e ainda o seu entendimento com a sociedade.

O pessoal perito praticamente concorda com a necessidade de uma formação abrangente no estudo do TI, com conhecimentos de geopolítica e geoestratégia, históricos e sociais. A maioria dos alunos, 65,71% do Exército e 57,89% da *Guardia Civil*, manifestou ter um conhecimento mediano sobre o TI (somente percentagens mínimas indicaram ter um conhecimento baixo). Além disso, na análise qualitativa da pergunta aberta, alguns alunos salientaram a necessidade de ter maior conhecimento nesta matéria. Portanto, embora não fosse estudado o currículo formativo, poder-se-ia avaliar a conveniência de aprofundar aspetos do mesmo.

Podemos dizer então que a questão central, origem deste trabalho, fica satisfatoriamente respondida com a abordagem da estratégia mista desenvolvida. A estratégia qualitativa empregada aportou os dados da categorização da amostra. Com a estratégia qualitativa explorou-se mais em profundidade a percepção que os alunos têm sobre o TI.



As Orientações Metodológicas (Freixo, 2011, cit. por IESM, 2014, p. 25) salientam que os estudos de caso são investigações que podem pôr em causa uma determinada situação ou originar novas teorias ou novos problemas de investigação. Como é frequente nos estudos de caso, uma eventual generalização dos resultados tem que ser feita com cautela, sendo recomendável um aprofundamento no processo de seleção das amostras para futuros estudos.

O estudo poderia ampliar-se a outros grupos sociais, como por exemplo, o resto dos alunos dos Ramos da Marinha e da Força Aérea. Com isto poderia atingir-se o objetivo de ter um conhecimento mais completo da visão que têm os futuros Oficiais das Forças Armadas e, por outro lado, conhecer as especificidades, se houver, entre os Ramos. Outra possibilidade é desenvolver este tipo de estudos em Forças Armadas de outros países.

Outra proposta de avançar nos estudos ficaria na linha dos estudos longitudinais. Poderia estudar-se uma eventual mudança na percepção dos alunos objecto do estudo em anos posteriores: cinco ou dez anos e aprofundar a sua visão, já como consequência do seu desempenho profissional e do desenvolvimento do fenómeno do terrorismo a nível internacional.

O trabalho realizado, além da percepção dos alunos do fenómeno do TI, também fornece uma introdução às atitudes deles. A atitude é definida como a associação entre um determinado objeto e uma avaliação (Fazio, 1989 cit. por Morales, et al., 1995, p. 497). As situações sociais, as pessoas e os problemas sociais são os objetos de estudo na avaliação das atitudes. Uma avaliação relacionada com a afeição, as emoções, as lembranças ou as crenças sobre os objetos. Na intensidade dessa associação estão envolvidos processos cognitivos, afetivos e de conduta (Morales, et al., 1995, pp. 495-524). Uma provável linha de trabalho poderia estar relacionada com o aprofundamento nas atitudes face ao fenómeno do TI.

Por último, é opinião do autor deste trabalho que as entrevistas realizadas são de valor notável, pela preparação, experiência e atividade profissional e académica dos entrevistados. Estes, nas suas respostas, analisaram várias dimensões que extravasam os objetivos deste trabalho. Por conseguinte, o material agora existente, oferece mais possibilidades de estudo, especialmente como elementos de análise de novas perspetivas sobre fenómeno do TI.



Bibliografia

Acórdão do Tribunal Nacional de Espanha (Divisão Criminal) (2007) Gómez Bermúdez, Javier.

Alcalde, J. D., 24. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (24 03 2015).

Agência de notícias EFE, 2014. *EFE*. [Em linha] Disponível em: <http://www.efe.com> [Consult.: 10 12 2014].

Agência de notícias *VascoPress*, 2014. *VascoPress*. [Em linha] Disponível em: <http://www.vasopress.com> [Consult.: 17 02 2015].

Alonso, R., Domínguez, Florencio e García Rey, M., 2010. *Vidas rotas. Historias de hombres, mujeres y niños víctimas de ETA*. 1ª ed. Barcelona: Espasa.

Alonso, R. P., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (17 03 2015).

American Psychological Association, 2015. *American Psychological Association*. [Em linha] Disponível em: www.apa.org [Consult.: 20 3 2015].

Arendt, R. J. J., 2003. Construtivismo ou construcionismo? Contribuições deste debate para a Psicologia Social. *Estudos de Psicologia*. Universidade de Rio de Janeiro, 8 (1), pp. 5-13.

Armano, D., 2008. *Logic + Emotion*. [Em linha] Disponível em: http://darmano.typepad.com/logic_emotion/2008/10/perception-pyra.html [Consult.: 23 12 2014].

Ausier da Costa, J., Lessa, P., Medeiros, P. e Gregório, G., 2015. *Revista Eletrônica Tempo Presente*. Rede de Estudos Tempo Presente (Brasil). [Em linha] Disponível em: <http://www.tempopresente.org> [Consult.: 12 1 2015].



Avilés, J., 2009. *El Terrorismo Anarquista como la propaganda por el hecho: de la formulación teórica a los atentados de París (1877-1894). Proyecto de investigación «Terrorismo anarquista y terrorismo yihadí: un análisis comparativo» (HUM 2007-62394/HIST)*, Issue 21, pp. 169-190.

Aznar, F. F.-M., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (17 03 2015).

Baylis, John ed. *Strategy in the Contemporary World*. Oxford (UK): *Oxford University Press*, pp. 20-41.

Beleza Pereira da Silva, R. e Machado, C., 2012. O envolvimento na luta armada política em Portugal: A perspectiva dos seus actores. *Análise Psicológica*, XXX(1-2), pp. 193-213.

Brandão, A. P., Freire, M. R., Guedes Valente, M. e Ferreira Oliveira, D., 2010. A União Europeia e o Terrorismo Transnacional. 1ª ed. Coimbra: ICPOL. Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

Brandão, A. P. e outros, 2011. A Luta Contra o Terrorismo Transnacional. 1ª ed. Coimbra: ICPOL, Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. Almedina.

Buesa, M. y otros, 2015. *La Ilustración Liberal. Revista Española y Americana*. [Em linha] Disponível em: <http://www.ilustracionliberal.com> [Consult.: 23 1 2015].

Cabral Couto, A., 1988. Elementos de Estratégia. Primeira ed. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

Calduch Cervera, R., 2009. Diferentes perceções sobre o fenómeno do terrorismo - o terrorismo em Espanha. Em: *Terrorismo Transnacional. Estratégias de Prevenção e Resposta*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares, pp. 69-75.

Chaliand, G. e Blin, A., 2007. *The History of Terrorism: from Antiquity to Al Qaeda*. 1ª ed. Berkeley (EUA), California (EUA), Londres (UK): *University of California Press*.



Comissão Europeia, 2010. *Estratégia de Segurança Interna da União Europeia*, Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.

Comissão Europeia, 2011. *Special Eurobarometer 371. Internal Security*, Bruxelas: Comissão Europeia.

Conselho da UE, 2005. *Estratégia da UE de Luta contra o Terrorismo*, Bruxelas: UE.

Conselho da UE, 2008. *Estratégia Europeia em Matéria de Segurança*, Bruxelas: Serviço das Publicações da União Europeia.

Conselho de Ministros, 2013. *Conceito Estratégico de Defesa Nacional*. Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2013, de 5 de abril. Lisboa.

Conselho de Segurança da ONU, 2001. Resolução 1373 aprovada pelo CS em sua 4385ª sessão, Nova Iorque (EUA): ONU.

Conselho de Segurança da ONU, 2004. Resolução 1566 aprovada pelo CS da ONU em sua 5053ª sessão, Nova Iorque (EUA): ONU.

Edelman Digital, 2015. *Edelman Digital*. [Em linha] Disponível em: www.edelmandigital.com [Consult.: 12 01 2015].

Editora Almedina, 2015. *Almedina*. [Em linha] Disponível em: <http://www.almedina.net> [Consult.: 11 1 2015].

Empresa da Revista Militar, 2014. *Revista Militar*. [Em linha] Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt> [Consult.: 22 12 2014].

France Info, 2014. *France Info*. [Em linha] Disponível em: <http://www.franceinfo.fr> [Consult.: 20 12 2014].



Frente Revolucionario Antifascista y Patriota. FRAP, 2008. *FRAP*. [Em linha] Disponível em: <http://www.frap.es> [Consult.: 10 03 2015].

Fuente Cobo, I., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (07 04 2015).

Fundación Víctimas del Terrorismo, 2014. *Fundación Víctimas del Terrorismo*. [Em linha] Disponível em: <http://www.fundacionvt.org> [Consult.: 03 12 2014].

Gabinete Técnico. Centro de Análisis y Prospectiva de la Guardia Civil, 2015. *Boletín UE. Enero 2015*, Madrid: *Guardia Civil*.

Galito, S. M., 2013. Terrorismo. Conceptualização do fenómeno *Working Paper 117*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão.

Galtung, J., Webel, C. e outros, 2007. *Handbook of peace and conflict studies*. 1st ed. Abingdon (UK): Routledge.

Garnett, J., 2010. *The Causes of War and the Conditions of Peace*. En: J. W. a.C. S. G.

Governo de Espanha. Ministério da Administração Interna, 2014. *Guardia Civil*. [Em linha] Disponível em: <http://www.guardiacivil.es> [Consult.: 22 12 2014].

Governo de Espanha. Ministério da Administração Interna, 2015. *Plan Estratégico de Lucha contra la Radicalización Violenta*, Madrid: Governo de Espanha. Ministério de Negócios Estrangeiros e da Cooperação, 2015.

Governo de Espanha. Ministério da Defesa, 2014. *Dirección General de Reclutamiento y Enseñanza Militar (DIGEREM)*. [Em linha] Disponível em: <http://www.reclutamiento.defensa.gob.es> [Consult.: 22 12 2014].

Governo de França, 2015. *Stop Djihadisme*. [Em linha] Disponível em: <http://www.gouvernement.fr/en/stopjihadism> [Consult.: 22 03 2015].



Hudson, R. A., 1999. *The Sociology and Psychology of Terrorism: Who Becomes a Terrorist and Why?*, Washington (EUA): *The Library of Congress, Federal Research Division*.

IESM, 2014. NEP ACA-10 Normas para os Trabalhos de Investigação SEP 2014, Lisboa: IESM.

IESM, 2014. NEP ACA-18 Regras de Apresentação e Referenciação para os Trabalhos Escritos a realizar no IESM SEP 2014, Lisboa: IESM.

IESM, 2014. Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação, NOV 2014, Lisboa: IESM.

Institute for Security, Safety and Crisis Management, 2009. *Transnational Terrorism, Security and the Rule of Law. Second Executive Summary*, Haia (Holanda): *Institute for Security, Safety and Crisis Management*.

Institute for Security, Safety and Crisis Management, 2009. *Resumo da Conferência do FP6-project Transnational Terrorism, Security and rule of Law*, Bruxelas: *Institute for Security, Safety and Crisis Management*.

Jackson, B. A. e Frelinger, D. R., 2009. *Understanding Why Terrorist Operations Succeed or Fail*. 1ª ed. Brian A. Jackson, David R. Frelinger: RAND Corporation.

Jensen, R. B., 2004. *Daggers, Rifles and Dynamite: anarchist terrorism in nineteenth century Europe*. Em: *Terrorism and Political Violence*. Natchitoches (Lousiana, EUA): Taylor e Francis Group, pp. 116-124.

Jiménez Martín, D., 2005. *Acciones de grupos terroristas del Próximo Oriente en España, 1975-1985*. Em: UNED, ed. *Espacio, Tiempo y Forma, Serie V, Historia Contemporánea*. Madrid: *Universidad de Educación a Distancia*, pp. 325-344.



Jornal *El País*, 2011. *El País*. [Em linha] Disponível em: <http://elpais.com> [Consult.: 11 12 2014].

Martin, C. A., 2003. *Understanding Terrorism. Challenges, Perspectives and Issues*. 1ª ed. Thousand Oaks, California (EUA): SAGE Publications. *International and Professional Publisher*.

Martin, C. A., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (25 03 2015).

Martínez Vázquez, F., 2014. *Clausura del II Foro Elcano sobre terrorismo global*. Madrid, *Real Instituto Elcano*.

McClelland, J. A. G., 1976. Técnica de Questionário para Pesquisa. *Revista Brasileira de Física, Especial* (1), pp. 93-101.

Mendes Vieira, K. e Dalmoro, M., 2008. Dilemas na Construção de Escalas Tipo Likert: o Número de Itens e a Disposição Influenciam nos Resultados?. En: A. (. N. d. P. e. P. e. A. Brasil, ed. *XXXII Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro (Brasil): Kelmara Mendes Vieira, Marlon Dalmoro, pp. 1-16.

Ministerio de Asuntos Exteriores y Cooperación (Espanha). [Em linha] Disponível em: <http://www.exteriores.gob.es> [Consult.: 03 02 2015].

Ministério da Presidência de Espanha, 2015. *Centro de Estudos Políticos e Constitucionais*. [Em linha] Disponível em: <http://www.cepc.gob.es> [Consult.: 5 1 2015].

Morales, F. e outros, 1995. *Psicologia Social*. 1ª ed. Aravaca (Madrid, Espanha): McGraw Hill Interamericana de España, S.A.

Moreira, D. J., 2007. Pseudo-evento e terror mediático. *Communicare. Revista de pesquisa*, 7(2), pp. 19-29.

NATO, 2015. *NATO*. [Em linha] Disponível em: <http://www.nato.int/> [Consult.: 3 1 2015].



Observatório do Quadro de Referência Estratégico Nacional -QREN-, 2014. Manual Técnico II: Métodos e Técnicas de Avaliação, Lisboa: Observatório do QREN.

Of Exe, O. S. d. E. d. E. S., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (14 02 2015).

Of GC (GC-1), O. d. G. C., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (06 04 2015).

Of GC (GC-2), O. d. G. C., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (06 04 2015).

Of Sup AR, O. S. d. A. E. S., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (25 03 2015).

Of Sup GC, O. S. d. I. G. C. S., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (17 03 2015).

ONU, 2014. As ações da ONU contra o Terrorismo. [Em linha] Disponível em: <http://www.un.org/es/terrorism/highlevelpanel.shtml> [Consult.: 28 12 2014].

OODA Loop Group LLC, 2014. *Terrorism. Watch e Warning*. [Em linha] Disponível em: <http://www.terrorism.com/> [Consult.: 22 11 2014].

Organization for Security and Co-operation in Europe, 2015. *OSCE*. [Em linha] Disponível em: <http://www.osce.org/> [Consult.: 4 1 2015].

Paris Match, 2015. *Paris Match*. [Em linha] Disponível em: <http://www.parismatch.com> [Consult.: 20 1 2015].

Parlamento Europeu, 2015. Parlamento Europeu. [Em linha] Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu> [Consult.: 29 1 2015].



Pires, N. L., 2012a. Terrorismo, uma ameaça perene. *Revista Militar*, 64 (2525-2526 (Junho-Julho)), pp. 663-680.

Pires, N. L., 2012b. Terrorismo, uma tecnologia “*off the shelf*”. “Dragões d’Entre Douro e Minho” do Regimento de Cavalaria, - (Nº 33), pp. 1-7.

Pires, N. L. e Telo, A. J., 2013. Conflitos e Arte Militar na Idade da Informação 1973-2013. 1ª ed. Cascais: Tribuna da História.

Pires, N. L., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (26 03 2015).

Presidência da República Francesa, 2013. *Livre Blanc. Défense e Sécurité Nationale 2013*. 1ª ed. Paris (França): *Direction de l’information légale et administrative*.

Presidência do Governo de Espanha, 2013. *Estrategia de Seguridad Nacional*, Madrid: Presidência do Governo.

Proença Garcia, F., 2010. Da Guerra e da Estratégia. *A Nova Polemologia*. 1ª ed. Lisboa: Prefácio.

Quivy, R. e Campenhout, L. V., 1998. Manual de investigação em ciências sociais. 2ª edição de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria de Carvalho ed. Lisboa: Gradiva.

Reinares, F., 2005. *Conceptualizando el terrorismo internacional. Análisis del Real Instituto Elcano*, ARI 2005(82), pp. 1-6.

Reinares, F. e García-Calvo, C., 2012. *Los yihadistas en España: perfil sociodemográfico de condenados por actividades terroristas o muertos en actos de terrorismo suicida entre 1996 y 2012*. 1ª ed. Madrid (Espanha): *Real Instituto Elcano* (Documento de Trabalho).

Ribeiro, A. D. S., 2011. O novo Conceito Estratégico da NATO. Escola Naval. Lisboa, s.n.



Salom Herrera, J., 2015. Sobre o Terrorismo Internacional [Entrevista] (26 02 2015).

Sánchez Cervelló, J., 1994. Cronologia das organizações de direita, Coimbra: s.n.

Schmid, A. P., 2004. *Frameworks for Conceptualising Terrorism. Terrorism and Political Violence*, Vienna (Austria): *Taylor and Francis Group*, pp. 197-221.

TF1; *Télévision Française*¹, 2015. *MyTF1 News*. [Em linha] Disponível em: <http://lci.tf1.fr> [Consult.: 12 1 2015].

União Europeia, 2003. *Estratégia Europeia em Matéria de Segurança*, Bruxelas: União Europeia.

União Europeia, 2010. *Estratégia de Segurança Interna da União Europeia*, Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.

União Europeia, 2015. *Comissão Europeia*. [Em linha] Disponível em: <http://europa.eu/about-eu/institutions-bodies/european-commission> [Consult.: 02 02 2015].

União Europeia, 2015. Europa. *Síntese da Legislação da União Europeia*. [Em linha] Disponível em: http://europa.eu/legislation_summaries [Consult.: 20 02 2015].

Universidade de Jaén (Espanha), 2012. *Introducción al Estudio de la Percepción*. Em: *Percepción, Atención y Memoria*. Jaén: Universidade de Jaén, pp. 1-23.

Vieira Borges, J., 2013. *O Terrorismo Transnacional e o planeamento estratégico de segurança nacional dos Estados Unidos de América*. 1ª ed. Porto: Fronteira do caos.

Visacro, A., 2009. *Guerra Irregular: Terrorismo, Guerrilha e Movimentos de Resistência ao longo da História*. 1ª ed. São Paulo (Brasil): Editora Contexto (Editoria Pinsky Ltda.).



Apêndice A. Modelo de Análise do trabalho de investigação

Tabela nº 9 – Quadro geral do modelo de análise

Fonte: (autor, 2015)

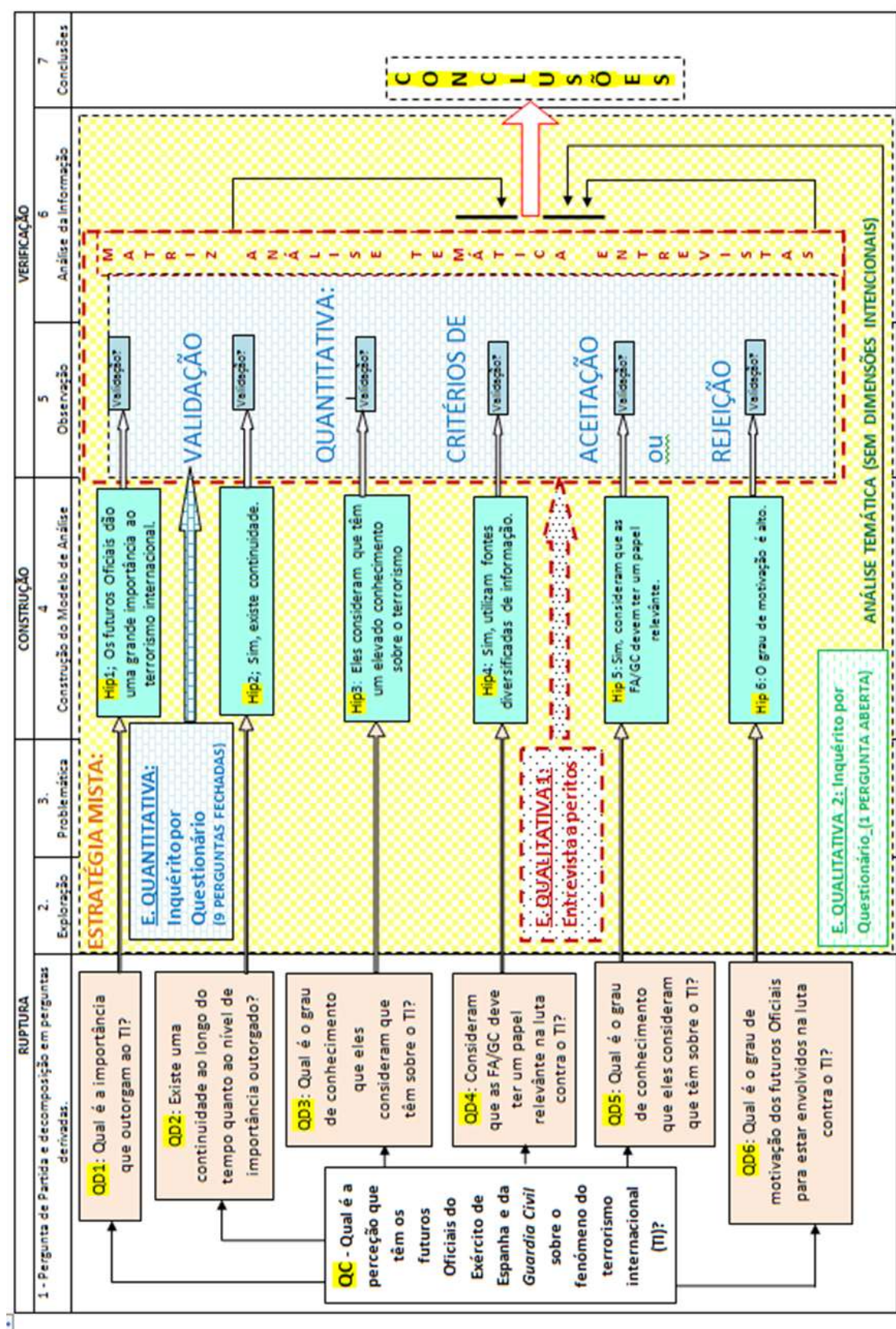




Tabela nº 10 - Quadro modelo de análise da estratégia quantitativa

(Fonte: autor, 2015)

CONCEITOS		DIMENSÕES- COMPONENTES		INDICADORES	VARIÁVEIS	PERGUNTAS DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO
QD-1 Hip-1	Importância outorgada ao TI	A importância outorgada em competência com outros âmbitos de atuação	A nível mundial	Grau de importância	Ordinal: 5 graus, de menor a maior importância. Escala de Likert	P.1. Qual é o grau de importância que concede ao terrorismo internacional como ameaça para a segurança mundial?
			A nível europeu			
			Em Espanha			
QD-2 Hip-2	Perceção da evolução temporal	Relação importância passada-atual		Idem	Idem	P.4. Qual o grau de importância que agora concede ao terrorismo internacional, considerando o que lhe outorgava há dois ou três anos atrás?
		Relação importância atual-futura		Grau de evolução		
QD-3 Hip-3	Autoperceção do conhecimento	Competência com outros campos de conhecimento		Grau de conhecimento	Idem	P.6. Como qualificaria o seu grau de conhecimento sobre o terrorismo internacional?
QD-4 Hip-4	Fontes de informação	Diversidade das fontes		Variabilidade	Categórica	P.7. Quais são as suas fontes principais de conhecimento sobre o terrorismo internacional?
QD-5 Hip-5	Perceção do grupo	Avaliação do grupo de pertença em relação ao TI		Nível de relevância face a outros atores	Ordinal: 5. E. de Likert	P.8. Acredita que as FA/GC devem ter um papel relevante na luta contra o terrorismo internacional?
QD-6 Hip-6	Motivação	Motivação para estar envolvido na luta contra o TI		Manifestação da disponibilidade	Idem	P.9. No seu desempenho profissional futuro, está disposto a participar em atividades relacionadas com a luta contra o terrorismo internacional?



Apêndice B. Respostas dos alunos à pergunta aberta do inquérito

Alunos do Exército:

- i) O terrorismo internacional é promovido pelas grandes potências.
- ii) Acho muito importante a participação das Forças Armadas nas missões internacionais, mas respeitando as considerações da Defesa Nacional e o cumprimento dos tratados internacionais, não para obter benefícios secundários ou interesse político.
- iii) Eu gostaria de ter mais informação sobre o terrorismo internacional.
- iv) É necessário acrescentar a cultura de Defesa para aumentar a eficiência na Segurança Nacional.

Alunos da *Guardia Civil*:

- i) Acho que uma maior consciência sobre o conceito de segurança integral e global é um dos fatores fundamentais na luta contra o terrorismo internacional. Além disso, deve continuar a melhoria da cooperação internacional, adotando medidas que permitam uma maior colaboração entre os países para lutar de maneira mais eficaz contra o terrorismo (P. ex. a partilha de bases de dados de viajantes internacionais).
- ii) O terrorismo internacional tem cada vez mais importância porque está a aumentar a sua capacidade económica (obtida de maneira ilegal, devido a seu relacionamento com redes criminosas internacionais) e a sua expansão nas redes sociais. É uma questão problemática, do ponto de vista operacional, porque muitos indivíduos isolados podem autoproclamar-se terroristas e atuar de maneira muito pouco previsível.
- iii) O terrorismo internacional é, sem dúvida, um problema de segurança da primeira ordem, sobretudo pela sensação de insegurança que provoca na população. No entanto, o conhecimento é, nomeadamente, através dos media, que nem sempre são objetivos. Do ponto de vista académico, dever-se-ia pôr a atenção na evolução do fenómeno.
- iv) Considero que as ameaças terroristas atuais para Espanha estão a mudar ao âmbito internacional. Por isso, deve acrescentar-se a formação no conhecimento dos mesmos, como e.g. os grupos de trabalho dos quais Espanha faz parte sobre terrorismo internacional e crime organizado. Também é necessária potenciar o ensino de línguas e a criação de cursos de formação combinados com outros corpos de segurança europeus.
- v) Gostaria de receber mais formação sobre o terrorismo internacional. Muita da informação provém dos media, e não é a melhor fonte de informação.
- vi) Acho que teriam de ser aumentados os efetivos nas Forças e Corpos de Segurança do Estado, tendo em conta a sua eficácia e profissionalismo demonstrado durante anos na luta contra o terrorismo. Também é importante fazer tarefas de divulgação à sociedade por parte das administrações competentes e que não sejam somente os *media* porque, às vezes, não é uma informação de qualidade.



Apêndice C. Modelo de entrevista em língua portuguesa

1. Acredita que o terrorismo internacional é a ameaça principal à segurança global? Para a União Europeia? Para países como Portugal ou Espanha?
2. Qual a sua opinião sobre a forma como o fenómeno do terrorismo internacional tem evoluído nos últimos anos?
3. Quais devem ser as linhas de ação a aplicar pelos países democráticos na luta contra o terrorismo internacional?
4. Do ponto de vista das ações no exterior, considera que as Forças Armadas devem ter um papel relevante na luta contra o terrorismo internacional? E relativamente às Forças de Segurança (Guarda Nacional Republicana ou *Guardia Civil*)
5. Considera que o ensino dos futuros Oficiais (futuros Tenentes) nas academias sobre o terrorismo internacional deveria ser exclusivamente operacional militar ou deveria incluir aspetos mais abrangentes?
6. Se entender adicionar mais algum comentário final, agradeço.



Apêndice D. Resumo e sinopses das entrevistas ao pessoal perito

(26-03-2015) Coronel de Infantaria do Exército de Portugal Nuno Lemos Pires (Cor Pires) Professor na Academia Militar (AM) e no IESM. Doutor em História, Defesa e Relações Internacionais pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) em parceria com a AM. Participou em missões em África, no Paquistão e Afeganistão. Tem várias obras publicadas, inúmeros artigos e capítulos em livros, escritos nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola.

1. Devia ser, mas em Portugal assim não é considerado.
2. Está pior, mais alargado, sem uma estratégia global para com ele lidar.
3. Devem incluir todas as áreas do Estado - Direito, Diplomacia, Administração Interna e Defesa Nacional, além da colaboração dos restantes sectores - é uma responsabilidade de todos.
4. Todas devem ter um papel relevante, o autor fez referência ao texto que distribuiu no CEMC 14/15.
5. Evidentemente mais abrangentes, tal como é feito na AM em Portugal - programa é eclético, equilibrado entre as ciências exatas e as sociais e com uma componente operacional diversificada.
6. Fez uma referência para a consulta de diversos artigos seus, os quais foram incorporados na bibliografia do trabalho.

Tabela nº 11 – Quadro sinopse da entrevista ao Cor Pires

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Destaca que assim devia ser	-
Evolução temporal	Agora está pior	-
Grau de relevância das FA/ GC	Têm que ter a mesma relevância que outros atores	-
Grau de abrangência da formação dos oficiais	Muito abrangente	Com ciências sociais e exatas e parte operacional diversificada
Comentários	Não reflete diretamente	Remete a artigos seus

(24-03-2015) Tenente Coronel de Artilharia do Exército de Espanha Jesús Díez Alcalde (TCor D. Alcalde). Analista no IEEE. Diplomado de Estado-maior em Espanha e no Chile. Licenciado em Ciências da Informação pela Universidade de La Laguna (Tenerife, Espanha). Foi professor na Escola de Estado Maior do Exército e agora participa em várias universidades. Tem publicado inúmeros artigos sobre segurança e terrorismo. Participou em missões na Etiópia, Eritreia e no Líbano. As suas linhas de investigação são as estratégias de comunicação em Segurança e Defesa e a conflitualidade em África, nomeadamente no Sahel.

1. *Sin duda, nos enfrentamos a una amenaza de carácter transnacional que no ha conocido el mundo desde la Segunda Guerra Mundial. El carácter de la amenaza es radicalmente distinta, más difusa, está protagonizada por actores no estatales y no tiene límites geográficos. Todo esto hace que sea mucho más difícil de abordar y de erradicar y, por tanto, magnifica en gran medida su gravedad. La UE, y España dentro de ella, están también amenazadas por el terrorismo yihadista, (...). Sin embargo, y por la eficacia de nuestros sistemas de seguridad, es cierto que estamos más preparados para afrontarla dentro de nuestros territorios.(...). Dentro de la UE sí hay distintas percepciones sobre la amenaza yihadista y cómo afecta a nuestra seguridad. Es necesaria mucha pedagogía respecto a que el yihadismo, allá donde se encuentre, es una amenaza para la seguridad y la paz del mundo entero.*

2. *Hemos asistido a un cambio importante dentro del denominado movimiento de la yihad global. Antes estaba liderado por Al Qaeda, muy debilitada gracias a una poderosa presión internacional, y ahora ha emergido con fuerza el autoproclamado Estado Islámico, que además de enfrentarse al liderazgo de Al Qaeda, tiene una estrategia de terror muy diferenciada. Esta estrategia está marcada por tres grandes ejes. Por un lado, han demostrado su pretensión de ocupar territorio, de hacerse visibles, en una intención de proclamar y extender su maléfico califato. En segundo lugar, asesinan de forma indiscriminada, sin distinguir entre musulmanes y no musulmanes, pues sus ataques van contra todos aquellos que no profesan o no comulgan con su interpretación perversa, excluyente, violenta –y absolutamente minoritaria–. Por último, desarrollan una campaña propagandística orquestada que busca incrementar el terror en el mundo entero, y*



que además emplean para “centralizar” el mensaje desde Irak y Siria, dando a entender que controlan a aquellos grupos afines o afiliados en lugares como África.

3. En primer lugar, fortalecer nuestro mensaje de que esta lucha la vamos a ganar, porque nos asiste la fortaleza de nuestra libertad y nuestra democracia. Para luchar contra el yihadismo, además de eliminar y neutralizar la amenaza yihadista para que no pueda atacar a la población, es necesario derrumbar sus tres pilares, que son los que le permiten extenderse. Cada uno de ellos hay que enfrentarlos con distintos medios, y siempre con la premisa que las medidas de seguridad no acabarán definitivamente con el yihadismo, pues es necesario actuar en el ámbito político, social y económico.

En cuanto a los tres pilares, el primero es su capacidad de captación, que se nutre y sustenta en la frustración social de muchas poblaciones sometidas al engaño de los yihadistas. Una frustración que se alimenta de la pobreza, la desigualdad o la falta de expectativas, y que provoca que aumente el número de adeptos a la causa extremista. En este ámbito, es fundamental mejorar los niveles de buen gobierno, seguridad y desarrollo. El segundo es la radicalización en el ideario salafista yihadista, que debe de afrontarse desde dentro del mundo musulmán. Por último, hay que erradicar su capacidad de financiación, que mayoritariamente proviene de la extorsión sobre las redes del crimen organizado.

Por tanto, estamos ante una estrategia integral, que necesita de la coordinación de toda la comunidad internacional (CI), liderada por los gobiernos de los países donde se está expandiendo el yihadismo; que aúne los esfuerzos y la coordinación en el ámbito regional; que contemple acciones en los tres ámbitos referidos; y que atienda a las razones profundas de la conflictividad, que crean el sustrato del que se nutre el yihadismo.

4. Sin duda, las primeras medidas contra el yihadismo deben comenzar con la protección de la población local, que es la primera víctima de los terroristas. Para ello, hay que erradicar y neutralizar la amenaza mediante fuerzas policiales y de seguridad. En los lugares donde se extiende el yihadismo, es común la carencia de estas fuerzas, y por tanto requieren del apoyo de la CI. Desde esta perspectiva, las FA internacionales son una herramienta fundamental para luchar contra el yihadismo, dentro de una estrategia integral y siempre que el gobierno nacional del país que sufre la amenaza yihadista así lo solicite.

Además de esta actuación directa sobre la amenaza, las FA de los países occidentales pueden aportar adiestramiento e instrucción a otras fuerzas de seguridad nacionales, para que estas puedan actuar con mayor eficacia en la lucha contra el yihadismo dentro de sus fronteras. Sin duda, un buen ejemplo son las misiones que la UE despliega en África: EUTM Mali y EUTM Somalia (...).

5. La formación de las FA y la Guardia Civil debe siempre dirigirse a aumentar la eficacia y la operatividad en la lucha contra todo aquello que amenaza a la seguridad de la población, en este caso desde el exterior. Entre otras misiones referidas a la Defensa Nacional, las FA deben garantizar la seguridad exterior, mientras que la Guardia Civil tiene responsabilidades tanto en la seguridad interior como exterior.

En cuanto a la formación, creo que debe abordar, en primer lugar, un estudio profundo sobre la amenaza y el contexto donde esta se desarrolla y expande (escenario estratégico); así como las capacidades y procedimientos para enfrentarse a ella. Sin duda, la base fundamental para luchar contra el yihadismo debe ser un profundo conocimiento de la amenaza, porque es la única forma de comprender la estrategia integral, el papel de las fuerzas de seguridad dentro de ella; y también la mejor forma de articular, en su ámbito específico y en el marco del asesoramiento militar, la respuesta más oportuna.

Tabela nº 12 – Quadro sinopse da entrevista ao TCor D. Alcalde

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Grande importância UE: há diferentes visões	Direitamente relaciona o terrorismo internacional com o jihadista
Evolução temporal	Métodos mais evolucionados	-
Grau de relevância das FA/ GC	FA papel fundamental dentro de uma estratégia integral	Também em missões de apoio e treino a FA doutros países
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Conhecimento estratégico da ameaça	-
Comentários	-	-



(25-03-2015) Oficial Superior da Armada Espanhola (OF SUP AR). Diplomado de Estado-maior, com responsabilidades de comando na Armada. Foi Comandante de navio durante a Operação Atalanta de combate à pirataria em águas do Corno de África.

1. *Indudablemente, sí, creo que actualmente es uno de los de mayor riesgo y sin duda el de mayor probabilidad a nivel global. Para la UEy España en particular es además un problema interno, ya que como se ha visto en los recientes atentados, más que recibir ataques de extranjeros en nuestro territorio lo que vemos es que jóvenes europeos y / o españoles han sido captados por redes terroristas para atentar en su propio país en nombre de actores externos y lejanos.*

2. *Creo que se pueden considerar dos corrientes diferenciadas, por un lado el terrorismo de corte político (marxista, comunista, independentista (GRAPO/ETA/IRA), que tuvo su importancia en Europa hace unas décadas ha ido disminuyendo considerablemente mientras que el terrorismo que se conoce como islamista, ha ido migrando de un estilo más convencional y con más carga política que religiosa, hasta llegar a una cierta unión entre grupos terroristas/estados/estados paralelos (Hamás/Hizbullah/Talibán/IS), con un fuerte enfrentamiento entre corrientes diferentes del Islam (Chiies, sunníes, wahabistas) (...).*

3. *Considero se deben tomar dos líneas de acción diferenciadas, una externa, de apoyo a los países donde operan grupos terroristas e incluso de operaciones militares en aquellos territorios dominados por terroristas. Otra interna, de prevención y lucha contra la expansión de las redes terroristas dentro del propio territorio de los países occidentales. En ambos casos, la inteligencia y el ciberespacio son dos campos de actuación prioritarios, mientras que en el ámbito interno resulta primordial la educación en valores y la inclusión social de todos los ciudadanos de nuestros países en un marco de valores comunes.*

4. *Las FA son una herramienta fundamental de la acción exterior de los estados, debiendo actuar en apoyo de otros países allí donde sean requeridas, bajo mandato internacional, intervenir en contra de aquellos países que ofrezcan cobijo o promuevan el terrorismo. Dentro de las capacidades de las FA no solo se deben considerar las capacidades de combate sino la de formación, inteligencia, vigilancia, asistencia militar, etc.*

5. *Considero se debe formar a los Oficiales en dos vertientes, una la operativa, sobre como conducir operaciones tácticas antiterroristas con escenarios y supuestos concretos y realistas. Otra, más genérica y teórica, sobre los orígenes, las causas, las relaciones entre los diferentes actores, métodos de los diferentes grupos, las consecuencias de las acciones militares previas, (...).*

Tabela nº 13 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial Sup da Armada

(Fonte: autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Alta importância aos três níveis: global, europeu e nacional	-
Evolução temporal	Diminuição do terrorismo ideológico e crescimento do terrorismo islamista	Relacionamento do terrorismo islamista com alguns estados
Grau de relevância das FA/ GC	FA são uma ferramenta fundamental da ação exterior do Estado	Internamente: prevenção da radicalização. Capacidades complementares das FA
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Menciona duas vertentes: operacional e outra mais genérica	Comenta a dimensão histórica
Comentários	-	-

(17-03-2015) Oficial Superior da *Guardia Civil* (Of Sup GC). Mais de três décadas de serviço, algum deste tempo empregado na luta contra o terrorismo. Tem o grau de doutor em Paz e Segurança Internacionais.

1.- *El terrorismo internacional yihadista más que “una” amenaza de primer orden a la seguridad global, cabría entenderlo como “la” amenaza actual más clara y definida contra la paz y la seguridad mundial.*



La multiplicidad de amenazas surgidas tras la rotura del enfrentamiento entre bloques, hizo que muchas de ellas mostraran aspectos concretos más o menos inquietantes para derechos y libertades tradicionales en determinadas coyunturas localizadas o incluso regionales (proliferación/ADM, flujos migratorios incontrolados y desestabilizadores, cibercriminalidad y delincuencia organizada transnacional, etc.). Ahora bien, la única amenaza que agrupa vectores transversales a muchas de ellas, y además con la finalidad última de destruir todo tipo de referencia individual o social, y desde cualquier perspectiva moral o jurídica que pueda asociarse a un Estado democrático de Derecho, es el terrorismo salafista (...).

La UE, como espacio de libertad, seguridad y justicia represente la antítesis del califato a conformar desde el salafismo extremo. Europa significa la fortaleza derivada de la diversidad y de la tolerancia, y la cohesión anímica nacida de la comprensión de las diferencias y de su superación por la convivencia.

De ahí que la Unión sea vista por el yihadismo como la cuna de todos los males, el centro del cáncer a extirpar, y que la entiendan como muy nociva para sus predicamentos. Además, los extremistas islámicos ven en el espacio europeo, un terreno de fácil adoctrinamiento, movimiento y actuación (...).

Como país europeo, España es potencial objeto pasivo de cuanto se ha referido para el mundo y para Europa. En el Islam, no hay nada peor que renunciar a la fe verdadera desde dentro. Al –Andalus practicó y siguió las enseñanzas del profeta, por lo que los descendientes de aquella patria idealizada, ahora cristianos, son particularmente dañinos para la hegemonía de la verdadera religión. Es decir, en su desviación del concepto de yihad, en el que han sustituido la lucha interior hacia la perfección por únicamente la vertiente de la imposición de la fe a otros, España es un objetivo obligado.

2.- El terrorismo en la época más reciente tiene su origen en los mal llamados movimientos de liberación con que los bloques jugaron en una dinámica de “cerco-contracerco” a desnivelar los equilibrios geopolíticos a su favor. África, Asia o América Central y del Sur en las décadas de los sesenta y setenta, serán escenarios en los que estos grupos proliferarán con mayor o menor éxito, según los casos. En ese caldo de cultivo, vendrán a generarse de modo paralelo visiones radicalmente diferenciadas, que sustentaran grupos terroristas hasta casi el presente, y en los que a sensibilidades internacionalistas, asamblearias o anarquistas, se unirán fines separatistas y nacionalistas, sustancialmente en Europa (...).

Tanto Al-Qaeda (AQ) como el Daesh nacen de la desaparición del poder estatal concebido tradicionalmente. El menor análisis de ambos fenómenos los sitúa en su dirección en uno u otro momento, en el entorno de los antiguos dirigentes sociales y militares del baasismo de Sadam Hussein. Y no puede negarse que van hacia algo radicalmente distinto de sus orígenes, quienes pretenden el califato global desde postulados originarios impregnados de laicismo y socialismo. Esa huida hacia delante de sus líderes, esa voluntad de crear algo radicalmente diferente de lo existente es lo que puede hacer entender el desprecio por otras creencias y el odio sectario del mal llamado Estado Islámico (...).

3.- Las dos líneas de acción esenciales en la lucha contra el entramado yihadista deben ser la voluntad firme de preservar las señas identitarias que han hecho de nuestra civilización la más avanzada que haya existido sobre la faz de la tierra, y la segundo, sobre esa base de convicción, alcanzar la máxima concertación en la acción multilateral en los frentes militar, policial, social y económico.

Desarrollando brevemente estos dos ejes, el primero consiste en alcanzar una posición común de autoafirmación de nuestro sistema de valores y libertades fundamentales (...) y por ello, la necesidad de no renunciar a esos signos propios de libertad, igualdad y justicia, y a la clara separación entre la causa pública y las ideas religiosas, como fundamentos del Estado de Derecho (...).

Sobre el anterior cimient, en los distintos ámbitos de integración multilateral económicos, sociales, de seguridad y defensa, etc. la amenaza yihadista debe formularse y definirse como de necesaria acción coordinada en todos los planos de posible confrontación. Así, nunca criterios de carácter individual como facilidad para acceder a recursos primarios o alianzas regionales deben prevalecer en la mentalidad de los países occidentales sobre esa unidad contra la barbarie.

4.- Sin entrar en mayores valoraciones de fondo, dos son los elementos básicos y palpables que implican la necesaria intervención de las FA en el momento actual de lucha contra el terrorismo internacional encarnado por Al Qaeda y el Daesh:

a). La existencia de una pretensión de realidad estatal, sobre la base de un territorio “liberado” en el que iniciar el despliegue del Califato, (...) se deriva la necesaria liberación de esas extensiones territoriales, que solo puede plantearse mediante acciones que únicamente están al alcance de fuerzas militares.

b). La disponibilidad de medios militares que exceden el armamento ligero (lanzacohetes y piezas de artillería de campaña, misiles tierra-aire, algunos vehículos blindados de ruedas, etc.). Por ello, para sobreponerse a las acciones de estos movimientos, en escenarios como el entorno de Mosul, no cabe sino el uso de medios similares, solo disponibles en nuestras democracias en el seno de las FA.

Consecuentemente, en una 1ª fase de contención, reducción y neutralización de la extensión física del terrorismo yihadista en territorio/población, el papel de las FA –claro está, al servicio de una dirección política no sectaria y comprometida con el interés general- no solo es relevante sino esencial.



Seguidamente, en un proceso de consolidación estatal, la acción de las FA iría pasando a niveles de seguridad general del entorno y de apoyo general a esa acción estatal; paralelamente, la intervención de las Fuerzas de Seguridad iría ganando protagonismo, y en esa transición los Cuerpos de Seguridad (...), y particularmente los de carácter militar las que deben asumir un papel principal.

5.- Los distintos niveles de mando militar deben disponer de un sustrato formativo que facilite el mejor conocimiento de las coyunturas geopolíticas o estratégicas en las que se encuadra su acción operacional, o incluso táctica.

Por ello, la formación de la oficialidad militar para afrontar el yihadismo debe, por supuesto, contener aspectos operativos pues en ellos está la base de valor añadido que aporta el vector castrense, pero con igual consideración, aspectos geopolíticos y estratégicos que permitan la necesaria visión de conjunto y su intervención integrada en el mismo.

Igual que hace cuatro décadas, en las aulas de las Academia militares se estudiaba una geografía militar vinculada al terreno, y con una visión prácticamente limitada el territorio nacional, hoy la geopolítica ya no puede ser una materia exclusiva de las Escuelas de Estado Mayor, y en la enseñanza de formación del Oficial del siglo XXI deben estudiarse las bases de confrontación que representa la disposición de agua, petróleo o salidas al mar de los Estados. Es en ese contexto en el que hay que situar la preparación de nuestros Oficiales para aproximarse mentalmente desde sus primeras etapas de enseñanza al fenómeno del terrorismo internacional.

Tabela nº 14 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial Sup da GC

(Fonte: autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Alta, de primeira ordem.	Está a referir o t. jihadista
Evolução temporal	Evoluiu a um terrorismo identitário	-
Grau de relevância das FA/ GC	Relevância das FA e da GC em situações específicas.	Tem que compreender-se que é um conflito de identidades
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Muito abrangente, com conhecimentos de geopolítica e geoestratégia	Necessidade do conhecimento histórico
Comentários	-	-

(17-03-2015) Capitão-de-fragata da Armada Espanhola Federico Aznar Fernández-Montesinos (CF Aznar). Diplomado de Estado-maior. Analista principal do IEEE. Doutor em Ciência Política. Professor no CESEDEN. Professor visitante em várias universidades. Membro de várias instituições nacionais e internacionais, nomeadamente, do Conselho Editorial do IESM. Autor de inúmeros artigos e publicações, entre outros: *“Entender la guerra en el siglo XXI”*. Áreas de investigação: teoria da guerra, polemologia, conflito político e processos de radicalização, guerra assimétrica, estratégia naval e terrorismo.

1. El terrorismo es una amenaza. Pero siempre es una amenaza magnificada. En Ucrania, me temo, no estén muy preocupados por el Daesh o al Al-Qaeda. Pero son una amenaza, sobre todo sí consiguen armas nucleares. Eso sí sería una amenaza.

2.- El terrorismo siempre se reinventa así mismo y cuanto se estanca alcanza formas nuevas. La debilidad de Al-Qaeda nos ha traído el Daesh. Nada nuevo bajo el Sol.

3.- En el terrorismo el problema suelen ser las reacciones. No hacer nada, a veces, es vencer. No creo que sea un problema militar el del Daesh. Al final se fundirá solo víctima de sus propias contradicciones internas. Es más importante defender que atacar. Hay que preservar los principios.

4.- No lo creo, salvo puntuales funciones de contención.

5.- Aspectos más amplios. El terrorismo es siempre político. Si no se entiende esto, no se entiende nada.

6.- Cuando los conflictos, las guerras, eran dentro de un mismo mundo se “reducían” a un choque de voluntades que se resolvía en el campo de batalla; cuando se producen entre mundos distinto dejan de ser un choque de voluntades y se transforma en un choque de identidades que trasciende de la voluntad de las



partes y aun al resultado fijado en el campo de batalla. En el siglo XIII, la victoria de mongoles sobre los chinos produjo la asimilación cultural de los vencedores.

El campo de batalla no ofrece elementos que contribuyan a dirimir el problema que se le plantea, porque este es ideológico o cultural no militar. No es un plano de vehiculación correcto. Y es que el campo de batalla puede determinar que voluntad es más fuerte, puede destruir la voluntad de seguir luchando del adversario pero no puede resolver sus problemas de identidad; no cabe construir una identidad contra nadie; eso es aceptar dejarla coja, con muletas. No es esa su función.

El discurso de las partes subsiste después del combate porque no se ve alterado por su desarrollo ni aun por su desenlace. No hay un futuro diferente, no ya mejor, después de la victoria o de la derrota, porque no se ha resuelto el problema o, incluso, porque ni siquiera se ha planteado, simplemente se ha derramado sangre y satisfecho la emocionalidad de las partes. El problema subsiste, y esa es una razón para tal insatisfacción tras este. Continúa irresuelto porque no es militar sino cultural e ideológico y sobre estos aspectos no se ha cerrado, de hecho ni siquiera se ha abierto seriamente, el debate.

Aun es más el problema militar, se encuentra resuelto de antemano por el manifiesto desequilibrio de fuerza. Occidente ganaría esta guerra de existir interés real para ello (bien, por ejemplo, con armas nucleares bien desembarcando 6 millones de soldados como se hizo en la Segunda Guerra Mundial), es decir, sí el conflicto se plantea estrictamente en clave de eficacia (relación entre los objetivos alcanzados y los conseguidos, algo propio de los conflictos convencionales, ligados a la propia subsistencia) y no en términos de eficiencia (objetivos en relación a su costo), como cualquier actividad económica no vital.

Pero el problema que realmente subyace bajo el envite militar es mucho más complejo y difícil, ganar la paz. La herramienta militar lo único que permite es aplazar el conflicto real, dado que la aniquilación del contrario - que sería la única forma de lograrla de modo puramente militar - es contraria a los valores, al discurso, que precisamente los militares defienden. Ello sitúa a las FA ante una contradicción que se resuelve al limitar los efectos de su actuación al debilitamiento de la contraparte y a su contención, lo que a su vez permitiría ganar un recurso crítico para hacer posible la paz, el tiempo necesario para propiciar la transformación de las sociedades, eje sobre el que gravita el problema planteado. Son conflictos limitados.

Las operaciones militares precisan de una definición clara y nítida de sus objetivos. No basta con movilizar ejércitos, hay que definir lo que se pretende de ellos, el objetivo político que se les asigna y hacerlo con realismo. Es preciso definir la situación final deseada; esta no puede quedar consignada al albur de los Ejércitos que son los que, en permanente diálogo con el poder político, deben designar los medios para cumplimentar la misión que se les ha encomendado. Los Ejércitos no se dan misiones a sí mismos. Y, a su finalización, no se puede dejar un escenario igual o peor que cuando la misión comenzó. El postconflicto debe ser rigurosamente previsto, en términos políticos y de costes.

En cualquier caso, la solución de este tipo de problemas precisa de tiempo, a veces hasta generaciones (romanizar Afganistán implicaría actuar como lo harían los romanos: instalaciones permanentes y siglos de educación), y pasa sin duda por el reforzamiento de los Estados que alberguen a estas sociedades y su implicación en las labores de erradicación de la violencia, mientras se actúa sobre las causas que propician su origen y que están, a su vez, relacionadas con el colapso del propio Estado.

Y es que el debilitamiento del Estado, cuando no su fracaso, se encuentra en no pocas ocasiones entre las razones de los conflictos. Aun es más, siendo el Estado un instrumento integrador que las sociedades ponen a su servicio, la clave, el hecho decisivo, el centro de gravedad del problema, se sitúa en el reforzamiento de las sociedades a las que el Estado sirve. El Estado es un instrumento al servicio de las sociedades. Es su debilidad, cuando no su fractura en placas tectónicas, la raíz de múltiples conflictos.

Se produce la transformación de las misiones encomendadas a los militares y, con ello, de sus pautas de actuación. Deberán asumir roles civiles en un ambiente hostil y de violencia y contener esta, hasta que puedan dar paso (...) a miembros de las sociedades en los que tiene lugar este proceso.

Implicar a las poblaciones no es sólo una forma de legitimación, que también, sino que permite disminuir la presencia foránea que así queda al margen de cualquier exceso y asegura el cambio en el largo plazo; con ello se consigue también centrar la lucha con mayor precisión sobre su foco real, disminuir los niveles de violencia y racionalizarla, adaptarse mejor al escenario, preservando a la población civil, ganar legitimidad y reducir costos (de personal y económicos).

Resta pues en esta batalla confrontar la ideología que sirven a la vertebración de la contraparte y que dota de un peligroso espacio ético a la violencia. Aun es más, la batalla militar no es tan importante como el enfrentamiento ideológico y discursivo, porque es en este en el que se instalan los gérmenes de la violencia en el que se substancia la confrontación.

Su derrota o superación, así vista, supondría ganar definitivamente la paz. Pero para lograrlo es imprescindible comprender su lógica primero y saber cuáles son los propósitos, la finalidad de la lucha después, algo que, a veces, no está muy claro que se consiga o, incluso, que se intente. La levedad del peso de la pluma.



Tabela nº 15 – Quadro sinopse da entrevista ao CF Aznar

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	É uma ameaça, mais ampliada	Poderia ser verdadeiramente grave se tiveram ADM
Evolução temporal	O terrorismo sempre está a evoluir, não é uma novidade	-
Grau de relevância das FA/ GC	FA/GC não têm que ter um papel relevante, só tarefas de contenção	-
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Abrangente. O terrorismo é político	-
Comentários além das questões propostas	Conflito ideológico e cultural. A vitória militar não traz a derrota do t.	- Importância do relato histórico

(07-04-2015) Coronel Ignacio Fuente Cobo (Cor Fuente). Analista do IEEE. Diplomado de Estado Mayor. Esteve colocado no Estado-maior Conjunto como Chefe de Estratégia. Mestrado em Paz, Segurança e Defesa. Professor em várias universidades e autor de inúmeras publicações.

1. *El terrorismo entendido en los términos en los que lo define Michael Waltzer, como “la matanza deliberada de gente inocente al azar”, constituye hoy en día una de las principales amenazas para la seguridad nacional e internacional. Así viene recogido en los principales documentos de seguridad aprobados por las distintas instituciones internacionales y por los diversos estados. Por ejemplo los EUA en su Estrategia de Seguridad Nacional de febrero de 2015, lo considera uno de los principales riesgos estratégicos para sus intereses. Otro tanto ocurre en el ámbito de la UE que define al terrorismo una “amenaza capital” y que desde hace unos años tiene incluso designado a un alto funcionario como “Coordinador contra-terrorismo”.*

España no es diferente a esta esta aproximación internacional sobre la amenaza que supone el terrorismo para la seguridad nacional. La ESN del año 2013, recoge su importancia definiéndolo como amenaza directa para la vida y la seguridad de los ciudadanos, que socava nuestras instituciones democráticas y pone en riesgo nuestros intereses vitales y estratégicos, infraestructuras, suministros y servicios críticos.

Como indica la mencionada ESN, en España existen ciertos elementos que convierten a nuestro país en objetivo del terrorismo internacional, como son: “la relativa cercanía a regiones inestables como el Sahel, donde existen Estados fallidos que favorecen el desarrollo de actividades criminales y la propagación del extremismo violento; la posible radicalización de los emigrantes tanto de primera como de segunda generación que están asentados en España o en países de nuestro entorno cultural; la insistencia de los grupos fundamentalistas islámicos en presentar a España como parte del imaginario del Islam, así como nuestra implicación decidida en la lucha contraterrorista, dentro y fuera del territorio nacional”. No es de extrañar que prevenir, impedir y derrotar el terrorismo sea “un fin prioritario del Gobierno”.

Por ello, puede decirse que la principal novedad de España en los últimos años, es que se ha normalizado la visión nacional sobre este fenómeno aproximándola a la de los países de nuestro entorno. Ha disminuido la preocupación por el llamado “terrorismo autóctono”, que se encuentra estratégicamente muy debilitada. Por el contrario ha aumentado la preocupación por el llamado terrorismo yihadista que ha pasado a convertirse en una de las principales amenazas para la seguridad nacional.

2. *En los últimos años hemos asistido a una disminución del llamado terrorismo de los movimientos de liberación nacional o revolucionarios como pudiera ser el caso del IRA, la OLP, o ETA, organizaciones cuyo objetivo era extender el miedo a toda la población con vistas a forzar a los gobiernos a modificar sus posturas o a hacer concesiones políticas inaceptables, han desaparecido o se han debilitado grandemente.*

Sigue existiendo, e incluso se ha incrementado, el recurso al terror por parte de los gobiernos autoritarios como un instrumento para acallar a la oposición política. Sería el caso del “terrorismo de Estado” cuyos ejemplos actuales están en ciertos estados del sudeste asiático e incluso, en países como Venezuela.



Una modalidad más radical de este terrorismo de estado al que estamos asistiendo hoy en día, sería el “terrorismo de guerra” en el que se busca la rendición enemiga destruyendo su moral civil, por medio de la matanza de un gran número de personas. Esta modalidad, que ya vimos en los Balcanes o en diversos países africanos en los años noventa del pasado siglo, se aplica actualmente con toda su virulencia, en escenarios como Ucrania, Iraq, o Siria.

Finalmente, nos quedaría el terrorismo ideológico o religioso, cuya modalidad más característica es el llamado terrorismo yihadista, entendido como una ideologización radical del Islam. Su auge ha sido espectacular en los últimos años aprovechando las ventajas que ofrece la globalización para reclutar miembros, obtener recursos, ejecutar atentados, multiplicar sus efectos e influir en sociedades (...).

La principal característica que plantea el terrorismo yihadista es que, a diferencia de otros tipos, adopta en sus manifestaciones modernas la forma totalitaria de la política y de la guerra (...). El terrorismo se ha convertido en una opción, en una estrategia política, en el que, una vez que el enemigo ha sido creado, por medio del proceso de degradación ideológico o teológico de una serie de factores culturales, religiosos o políticos, se le puede asesinar, con independencia que se trate de gente ordinaria, hombres, mujeres o niños, combatientes o no (...). Por ello se convierte en la amenaza más peligrosa.

3. Hacer frente al terrorismo internacional exige adoptar una gama de respuestas de manera gradual, de las cuales la acción militar sería la última.

Estas comenzarían por una acción policial dirigida a proteger a la población y en la que predominaría el principio de efectividad, aunque ello suponga limitar, si bien en la menor medida posible, algunas de nuestras libertades civiles. La información sobre las actividades terroristas y la acción policial dentro de nuestros propios países, o en aquellos lugares donde los grupos terroristas cuentan con estructuras operativas, constituyen los pilares en los que se debe fundar esta lucha. Se trata de dismantelar las células terroristas antes de que estas se consoliden o de evitar que los grupos terroristas se consoliden y se conviertan en verdaderas estructuras para-estatales capaces de gestionar territorios amplios.

A este tipo de acciones seguirían unas acciones encubiertas (...) y diplomática encaminadas a aislar y castigar a los Estados que apoyan al terrorismo (...).

Una última acción sería la propiamente militar la cual es, para ser, eficaz exige cumplir al menos dos requisitos. Primero, que se puedan encontrar objetivos legítimos, es decir, personas o grupos empeñadas en preparar o planear acciones terroristas, y segundo, que se puedan actuar contra ellos sin dañar a las personas inocentes. Ello implica limitar sus efectos evitando daños innecesarios que, al final, se vuelven contra nuestros propios objetivos. Por ejemplo, el uso indiscriminado de drones, puede contribuir – y probablemente lo esté haciendo – a crear más terroristas de los que se eliminan (...).

Finalmente, este tipo de respuestas que descansan principalmente en los Estados debe ir acompañada de una “lucha ideológica” con vistas a deslegitimar la cultura del terrorismo y a impedir su apología al amparo de nuestras libertades civiles. Se trata de combatir los razonamientos que presentan a los terroristas como militantes idealistas que actúan en favor de los oprimidos frente a los opresores. De esta manera, el objetivo debe ser crear un entorno intelectual público que sea inhóspito para los terroristas, donde no encuentren argumentos para sus ataques ni un público que comprenda y justifique su moralidad. Únicamente hostilidad y rechazo, incluso en aquellos entornos sociales étnicos o religiosos que, a priori, les pudieran ser favorables (...).

4. Las FA juegan un papel un papel limitado, solo relevante en determinadas fases o en determinados aspectos de la lucha contra el terrorismo. El mayor peligro que presenta la depositar una excesiva confianza en las FA para luchar contra el terrorismo, es que ello normalmente se traduce en la definición de unos niveles de exigencia que resultan inalcanzables para las mismas. Es lo que podríamos denominar como la visión ideológica de la lucha contra terrorista, en la que, frecuentemente, se cae en el error de pensar que el terrorismo puede ser vencido con soluciones tan sencillas como es emplear principalmente fuerzas militares, lo que normalmente produce serios fracasos en los niveles estratégico y operacional. Además, los responsables políticos, pero también los jefes militares, que aplican esta doctrina terminan por hacerse intelectualmente arrogantes y operativamente rígidos (...).

5. Si la respuesta al terrorismo internacional debe ser integral, la formación que deben recibir los futuros Oficiales de las FA y de la Guardia Civil, también debe serlo. Esto significa que deben aprender en primer lugar, que es el terrorismo y que significa como amenaza para la seguridad nacional. Es decir se trata de un proceso de aprendizaje sistemático y reglado – académico – que incluya aspectos tan esenciales como la geografía e historia de los conflictos modernos, sus causas, las corrientes ideológicas que mueven el mundo actual, los fenómenos que se derivan de la globalización, el papel de las religiones, o la geopolítica de España y su papel en las relaciones internacionales.

Debe entenderse que los conflictos se deciden y se terminan en el nivel político (es lo que afirmara Clausewitz de que la “política es la inteligencia rectora” y “la guerra es solamente un instrumento”) y que el empleo de las fuerzas militares es solo una parte de la respuesta, pero no la única, ni siquiera probablemente la más importante (...).



(...) Los Oficiales deben ser unos auténticos maestros en el conocimiento y manejo de las redes sociales, cuyo empleo no es exclusivo suyo, sino también – y muy eficazmente – de los grupos terroristas. Es una dimensión donde deben acostumbrarse a dar – y ganar – las batallas (...). El ciber mundo constituye un nuevo campo de batalla, donde los soldados deben acostumbrarse a moverse, vivir y combatir tan fácilmente como lo haría en los campos de batalla tradicionales (...).

6. No es fácil vencer al terrorismo en las circunstancias actuales. Realmente, nunca lo ha sido. Hacerlo exige trabajo continuo y paciencia y, sobre todo, asumir que es un problema de seguridad con el que habrá que seguir conviviendo durante muchos años. Lo importante es que seamos, sino capaces de resolverlo (...), al menos sí de gestionarlo eficazmente de manera que sus efectos no superen el umbral de lo que es que es admisible en las sociedades democráticas.

Combatir el terrorismo no es un proceso que resulte fácil de poner en marcha o rápido en alcanzar el triunfo, y que exige un conjunto de respuestas graduales y un pacto social que las asuma. Pero, además, para los Estados prósperos y libres como son los democráticos, al interés nacional, le sigue la obligación. Si ahora aceptamos pagar un precio moral con nuestro silencio e inacción, mañana pagaremos un precio político cuando la inestabilidad y el conflicto golpeen a nuestros hogares. Cuanto antes se esté dispuesto a aceptar la necesidad de esta lucha y asumir su coste, antes las sociedades estarán en condiciones de conocer que es posible vencer al terrorismo y antes podrán sentirse libres de este azote.

Tabela nº 16 – Quadro sinopse da entrevista ao Cor Fuente

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Alta	Diminuição do terrorismo doméstico e crescimento da ameaça jihadista
Evolução temporal	Diminuição do terrorismo revolucionário. Crescimento do terrorismo de estado y de guerra	Novo terrorismo de carácter jihadista favorecido pela globalização
Grau de relevância das FA/ GC	FA têm um papel limitado. FA têm que ser a última opção	Necessidade de estratégia integral
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Muito abrangente	Conhecimento geopolítico e histórico do terrorismo
Comentários além das questões propostas	O fenómeno do terrorismo vai continuar no futuro	Necessidade de assumir uma luta longa e integral

(14-02-2015) Oficial Superior do Exército de Espanha (Of Sup Exe), com mais de 20 anos de serviço em unidades táticas e com estudos superiores militares de pós-graduação e estudos universitários civis de pós-graduação na área específica do terrorismo internacional.

1. La amenaza mayor a la que el mundo civilizado se enfrenta actualmente, es sin lugar a dudas, la del terrorismo internacional, o siendo algo más preciso, el terrorismo de tinte yihadista global. Y es quizá, por las particulares características de este tipo de terrorismo, por lo que los cánones de actuación que hasta hace 15 años se utilizaban para luchar contra los fenómenos terroristas, no son válidos. El elevado número de miembros de estados occidentales, más concretamente europeos, que se encuentran inmersos en procesos de radicalización, demuestra lo peligroso de esta tipología terrorista.

En el caso español, sucesos como los ocurridos esta misma semana con la detención de miembros de células yihadistas dispuestos a viajar a zonas en conflicto, vienen a constatar que lejos de estar ajenos a este fenómeno (...), somos objetivo prioritario de la acción terrorista global.

2. A finales de los años sesenta aparece el fenómeno de la internacionalización del terrorismo. Si antes existía, con motivo de los conflictos coloniales, una orientación internacional de una parte de las acciones terroristas circunscritas a un territorio determinado, ahora los terroristas se desplazaban a otros espacios políticos y geográficos para cometer atentados (...).

En el transcurso de los años siguientes el terrorismo preponderante responde a aparatos ideológicos identitarios, basados en el comunitarismo religioso y étnico-nacionalista. Al mismo tiempo el terrorismo de



Estado reaparece con fuerza a finales del siglo XX, como forma de guerra encubierta de los estados y como manifestación de grupos fundamentalistas que responde a planteamientos antioccidentales.

Finalmente el fundamentalismo islámico y los grupos cristianos de supremacía blanca, constituyen dos de los ejemplos más representativos de la acción terrorista en nuestros días.

3. Parafraseando la Estrategia contrterrorista de EUA, los principios básicos en los que cualquier sociedad democrática debe basar su actuación serían: a) respeto a los Derechos Humanos, b) La promoción de una Gobernanza participativa que responda a las necesidades de los ciudadanos es un postulado básico, c) Respeto derechos y libertades individuales, d) Equilibrio seguridad/ transparencia. (Un pueblo bien informado es una fuente de fortaleza importante), e) Imperio de la Ley.

4. Teniendo en cuenta la globalización del fenómeno terrorista actual, y siendo conscientes de que la “defensa adelantada” es una estrategia que se está utilizando desde hace ya más de una década, el uso de las FA parece no solo lógico, sino una necesidad en determinados escenarios donde solo los medios y doctrinas puramente militares tienen el efecto buscado (...).

5. No se puede pensar, en un entorno occidental como en el que nos desenvolvemos, que el único enfoque válido contra terrorista sea de operativa policial, sino que existen un gran número de disciplinas que son, no solo de obligada conocimiento por parte de los futuros Oficiales, sino que dentro de los planes de estudios, deberían estar contemplados en el caso de que no fuese así. Y me refiero en este punto a: El terrorismo como conflicto asimétrico. Estrategias y políticas contrterroristas. Límites constitucionales de aplicación en las intervenciones. Estudios y análisis de fenómenos multiculturales como germen de radicalización. Extremismo e Islamismo. Procesos de radicalización. Garantías constitucionales. Derechos fundamentales y excepciones y Normativa internacional aplicable.

Tabela nº 17 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial Sup Exe de Espanha

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Alta importância. Espanha como alvo específico	Destaca o terrorismo Jihadista
Evolução temporal	Internacionalização na década de 70.	Salienta a estratégia contra o terrorismo dos EUA
Grau de relevância das FA/ GC	FA relevantes em determinados cenários. Sim no exterior	Necessidade de uma estratégia integral
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Abrangente com ensino em áreas não estritamente militares	Terrorismo como conflito assimétrico
Comentários	-	-

(06-04-2015) Oficial da *Guardia Civil* (OF GC-1). Com mais de 16 anos de serviço dedicados diretamente à luta contra o terrorismo. Continua desenvolvendo este tipo de tarefas operacionais.

1. Efectivamente, el terrorismo internacional es, probablemente, una de las mayores amenazas a las que actualmente se enfrenta occidente. Los países de la UE, que a diferencia de España, no han sufrido desde hace tiempo ningún fenómeno terrorista doméstico, son plenamente conscientes de esta amenaza. España, todavía no parece haber tomado conciencia de su alcance real. Recientes sucesos en países vecinos parece que están haciendo que esto cambie.

2. El surgimiento de nuevos focos de conflicto y su ubicación, cada vez más cerca de Europa, hacen que su capacidad de afectar a nuestros países, ya sea a través de acciones directas contra los mismos, o como consecuencia de la atracción ejercida sobre algunos de nuestros ciudadanos, aumente con rapidez.

3. Coordinación de políticas a nivel interior. Coordinación y normalización legislativa a nivel internacional. Acción internacional decidida e inmediata para impedir el surgimiento de nuevos focos de conflicto y para extinguir los ya existentes.

4. Debido al alcance y gravedad de los conflictos, número de combatientes movilizados, armamento utilizado, etc., se hace imprescindible el recurso a las FA. Con distintas funciones, la Guardia Civil puede igualmente jugar un papel importante en esta lucha.

5. El aspecto operativo aborda aspectos relativos a la prevención y reacción ante acciones perpetradas por organizaciones terroristas. Para valorar adecuadamente estos aspectos se hace necesario



un conocimiento suficientemente profundo de la historia, evolución y situación actual de los focos de conflicto desde los que el terrorismo irradia sus letales efectos.

6. Esto que suena tan bien, además de decirlo hay que creérselo y actuar en consecuencia. En nuestro país, especialmente afectado por cuestiones culturales, históricas y geográficas, no parece, hasta hace muy poco tiempo y a pesar de haber sufrido el más grave ataque perpetrado en Europa, que las autoridades sean conscientes de la importancia de maniobrar con rapidez.

Tabela nº 18 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial da GC (OF GC-1)

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Alta importância. Maior consciência em Europa.	-
Evolução temporal	Surgimento de novos focos	-
Grau de relevância das FA/ GC	FA são relevantes em certas circunstâncias: combate com meios militares.	GC também tem papel relevante. Necessidade de coordenação legislativa internacional
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Mais abrangente. Atual ensino baseado na prevenção e reação	Necessidade de formação em história e evolução do terrorismo
Comentários além das questões propostas	Necessidade de atuar com prontidão e antecipação	-

(25-03-2015) Clarence Augustus “Gus” Martin (Prof Martin). Vice-presidente Associado de Gestão de Recursos Humanos na *California State University* (EUA). Livros de recente publicação: *Essentials of Terrorism*, 3/e *Understanding Terrorism*, 4/e - *Encyclopedia of Terrorism*, 2/e - *Terrorism e Homeland Security*. O doutor Martin é professor na Universidade. As suas áreas de ensino e especialização: terrorismo e extremismo, segurança nacional, administração de justiça e justiça juvenil.

1. *Yes, international terrorism is a major threat for security, primarily because it is unpredictable and very difficult to prevent. It is a threat for the EU in the modern era because of the ease in which borders can be crossed, and the steady increase in population migration into the EU. For the United States, symbolic American interests exist in many countries, and so US targets are available not only in the US but also in other countries. For the small/medium countries, international terrorists pose a threat because such targets would seem to be unexpected, thus giving terrorists an element of surprise.*

2. *In recent years, the motivation for international terrorism has become more religious rather than ideological or nationalist. Also, many international terrorists are now “home grown,” meaning that international terrorism can be carried out inside home countries by resident terrorists on behalf of an international cause. The home grown threat has been increasing in recent years. Finally, motivated movements continue to attempt to attack Western targets with sophisticated methods.*

3. *Cooperation is very important. Sharing information and methods must be continued. Also, it is necessary to create and communicate an environment where human rights are respected in order to undercut the appeal of violent extremists.*

4. *Military intervention is often necessary. Such intervention should arguably never be the first option, but there are environments and scenario which require military intervention.*

5. *Operational training is always necessary for instructing future officers. However, there is also a modern necessity for intensive cultural training in order to understand the causes of the modern international environment. This is necessary to successfully confront international terrorism over a long period of time.*



Tabela nº 19 – Quadro sinopse da entrevista ao Dr. Martin

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Alta. Seja nos EUA ou nos nossos países	Caráter de imprevisibilidade do TI
Evolução temporal	Evoluiu da ideologia ou nacionalismo até o caráter religioso	Importância do terrorismo feito dentro dos nossos países
Grau de relevância das FA/ GC	Não tem que ser a primeira opção.	Há cenários em que é necessário o uso das FA
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Operacional e cultural	Também refere a importância do ensino evolutivo
Comentários	-	-

(26-02-2015) Coronel de Infantaria do Exército Espanhol Julio Salom Herrera (Cor Salom). Diplomado de Estado-maior, Comandante de um Regimento de Infantaria. É o atual Comandante da Força Espanhola em apoio ao Exército do Iraque na missão de treino para a luta contra o terrorismo do Daesh (Operação *Inherent Resolve*).

1. *El terrorismo es la mayor amenaza global que tiene la seguridad global. No podemos ceñirnos a la Unión Europea y a España pues está presente en todos los escenarios.*

2. *De un terrorismo de corte comunista/revolucionario (...) hemos pasado a un terrorismo que basa su fuerza en la exclusión racial o religiosa. Es aquí el Yihadismo la principal amenaza. Lo que comenzó siendo una derivada el conflicto árabe-israelí, es un fenómeno global presente en todo tablero mundial.*

Pero este fenómeno de terrorismo Yihadista ha dado un giro esencial con la aparición del Daesh, puesto que ya no estamos ante un movimiento clandestino, ahora tenemos un movimiento terrorista con un territorio y acceso a fuentes de financiación “limpias” como la venta de petróleo o la recaudación de impuestos en su territorio. Además de lo anterior, este movimiento ha supuesto un cambio esencial en la guerra de la información. Ha dado una identidad heroica a sus muyahidines, los cuales salen a cara descubierta ejecutando inocentes (...).

La primavera árabe, el efecto “llamada” de estos movimientos en las juventudes musulmanas y la crisis de valores del mundo occidental son efectos añadidos a este nuevo fenómeno.

3. *Unidad ante la amenaza, atacar al terrorismo en sus bases de partida, control de sus redes de financiación, impedir los movimientos de jóvenes que acuden a la Yihad, guerra de información.*

4. *Las FA tienen que asumir el papel protagonista, esto es una guerra y para las guerras están los ejércitos. Estamos enfrentándonos ante un enemigo asimétrico que dispone de armas y municiones convencionales, que emplea técnicas militares y que se escuda en la población civil para defenderse, que basa su actuación en la extorsión y la acción encubierta, pero no es más que una faceta nueva de guerra subversiva. Tenemos la tendencia a diferenciar los roles; terrorismo: fuerzas de seguridad, guerra convencional: FA. No, esto es un error, esto es guerra subversiva, el enemigo exterior lo atacan los militares, por ello nuestro papel es esencial y para nada debemos aceptar un rol secundario o de apoyo. En estos momentos en el escenario de Irak (...) hay varias líneas de operaciones en las que se está actuado. Por una parte España ha asumido uno de los cuatro “Building Partnership Capacities” (BPC), es una misión en las que entrenamos a brigadas iraquíes que deben ir a combatir al Daesh en sus territorios (...). A ello hay que unirles la guerra de la información y las acciones de strike aéreo. No veo para nada un papel “relevante” sino principal.*

5. *Debe ser mucho más transversal, además de la operativa, debe incluir la guerra de mando y control, OPS psicológicas, OPS de información, liderazgo, inteligencia y contrainteligencia (...).*

6. *Todo lo que ha pasado en Irak se ha debido a la crisis de las Iraqi Security Forces (ISF), (...) que han desertado. Todo ello por tener un ejército de facciones, en el que se obedece a criterios de repartos de cuotas: chiitas /sunniess. Más que nunca vemos que unas FA fuertes y unidas son garantía de paz y seguridad.*



Tabela nº 20 – Quadro sinopse da entrevista ao Cor Salom

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	É a maior ameaça à segurança global	Não faz sentido falar a nível europeu ou nacional
Evolução temporal	Anterior terrorismo ideológico, agora com a componente religiosa, o yihadismo é a ameaça principal	Novas formas de atuação do Daesh
Grau de relevância das FA/ GC	As FA devem ter o papel principal porque é uma guerra subversiva	Outras ações dirigidas ao recrutamento, financiamento
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Abrangente dentro das capacidades militares	-
Comentários além das questões propostas	Necessidade de que os países tenham umas FA credíveis	-

(17-03-2015) Rogelio Alonso Pascual (Prof Alonso). Professor de Ciência Política na Universidad Rey Juan Carlos de Madrid. É diretor do Mestrado em Análise e Prevenção do Terrorismo em dita universidade. Doutor em Ciências da Informação pela *Universidad Complutense de Madrid* e *Research Fellow, Institute of Irish Studies, The Queen's University of Belfast*.

1. Sin duda alguna el terrorismo internacional constituye una seria amenaza en los tres ámbitos señalados. Además, un fenómeno como el terrorismo internacional comporta no solo amenazas de primer orden en todas esas esferas sino también riesgos de relevancia.

2. Desde la perspectiva española se puede apreciar que se trata de un fenómeno multifacético, esto es, que consta de numerosas facetas que por ello acrecientan su complejidad. Su naturaleza internacional y transnacional es fundamental en la comprensión del mismo. Además es muy relevante destacar el componente ideológico del mismo, pues se trata de un tipo de terrorismo motivado por una interpretación fundamentalista de una ideología tanto política como religiosa. En la evolución del fenómeno se aprecian diferentes dimensiones que permiten hablar de una dimensión endógena y de otra exógena. Conflictos internacionales en lugares como Siria e Iraq motivan a radicales en nuestro país y países cercanos a viajar a esos escenarios para involucrarse en actividades terroristas. Esta radicalización no se orienta solo al exterior, sino que también lo hace en el interior (...).

3. La naturaleza del fenómeno, definido por componentes ideológicos y dotado de un carácter transnacional e internacional obliga a un tipo de respuesta que tenga muy presentes esos factores distintivos. Por tanto, la respuesta obliga estrategias multifacéticas, integrales, que intenten prevenir y perseguir el fenómeno en distintos ámbitos (...). También en la cooperación entre servicios de inteligencia y de justicia (...). Se deben diseñar instrumentos frente a los riesgos y las amenazas. Se requiere mayor voluntad política para articular estrategias que no sean meramente reactivas y que tengan un contenido (...).

4. Como se ha explicado en las líneas precedentes, la seguridad interior está íntimamente relacionada con la exterior. La inestabilidad de focos de conflicto en el exterior puede acrecentar los riesgos y las amenazas en el interior. El papel de las FA en áreas en las que se desempeñan en la actualidad evidencia su importancia y la necesidad de seguir fortaleciendo su rol (...) así como de pedagogía que explique la necesidad de su muy relevante implicación.

5. Debe abarcar ámbitos que excedan el operativo (...). La correcta comprensión del tipo de fenómeno al que se enfrentan exige conocer los factores ideológicos que lo motivan. Si la naturaleza del fenómeno es ideológica, su respuesta también habrá de contemplar esa dimensión y exigirá por ello comprensión de la misma y preparación en este sentido. La perspectiva histórica es también muy relevante para conocer la evolución del fenómeno terrorista, entre ellos el yihadista (...). Se debe conocer el fenómeno en una dimensión más amplia para conocer cómo evoluciona el terrorismo contemporáneo y aprender de las lecciones que la experiencia en este terreno ofrece.



Tabela nº 21 – Quadro sinopse da entrevista ao Dr. Alonso

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Alta	Salienta a relação da ameaça com os riscos
Evolução temporal	Destaca a componente ideológica	Componentes internas e externas
Grau de relevância das FA/ GC	Um ator mais dentro de estratégias integrais	Necessidade de cooperação multifacetada
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Muito abrangente	Componentes sociais, da evolução e históricos
Comentários	-	-

(06-04-2015) Oficial da *Guardia Civil* (OF GC-2). Durante oito anos dedicado à luta contra o terrorismo e cinco em tarefas de ligação com serviços estrangeiros.

1. *El terrorismo internacional es una amenaza de primer orden tanto para la seguridad global como para España y los países de nuestro entorno. La baja incidencia del terrorismo independentista y la práctica desaparición de la amenaza de corte radical de las organizaciones de extrema izquierda unido a la presencia meramente testimonial de la amenaza anarquista, han convertido al yihadismo, como actor principal del terrorismo internacional, en la amenaza más importante para los países occidentales.*

2. *La evolución que se observa es sobre todo en la sofisticación de los métodos que utiliza así como el uso de tecnologías y medios de comunicación social (...).*

3. *La principal línea de acción debería centrarse en la unificación de la legislación antiterrorista de los distintos países y establecer procedimientos eficaces para el intercambio de datos y antecedentes de individuos sospechosos de realizar acciones terroristas, además del establecimiento de órganos de coordinación a nivel supra estatal para prevenir la radicalización.*

4. *La utilización de unidades militares en conflictos con trasfondo político, no propiamente militar, debe ser valorado con precaución y realizando un cuidadoso análisis (...) que subyace oculto tras el uso de la violencia. El desafío terrorista implica una propuesta política o social que es lo que debe derrotarse.*

El papel de las FA y de la GC en la lucha contra el terrorismo internacional debería centrarse en el apoyo, instrucción y formación de las fuerzas militares y de los cuerpos policiales y de seguridad locales.

5. *La formación debe centrarse en aspectos no solo operativos y tácticos o de uso de material militar; debería incluir el conocimiento de geopolítica y conocimientos en áreas relacionadas con la resolución pacífica de conflictos y de defensa de los derechos humanos.*

Tabela nº 22 – Quadro sinopse da entrevista a um Oficial da GC (OF GC-2)

Fonte: (autor, 2015)

Dimensão	Avaliação do perito	Observações
Grau de importância do terrorismo internacional	Ameaça de primeira ordem para os países ocidentais	Destaca a ameaça jihadista
Evolução temporal	Métodos mais sofisticados e ampla utilização mediática	-
Grau de relevância das FA/ GC	Meios militares têm que utilizar-se com precaução. FA e GC em missões de apoio	A derrota tem que ser política. Unificação legislativa e coordenação supraestatal
Grau de abrangência da formação dos Oficiais	Abrangente, com conhecimentos de geopolítica	Também resolução pacífica de conflitos e direitos humanos
Comentários	-	-



Apêndice E. Matriz de Análise Categorical ou Temática das entrevistas

Tabela nº 23 - Matriz da análise categorial das entrevistas

Fonte: autor, 2015

ENTREVISTADOS	TEMAS					Outros
	Importância do terrorismo internacional	Evolução temporal	Relevância das FA/GC	Abrangência da formação dos Oficiais		
1. Cor Pires	Alta	Piorou	Igual à de outros atores	Muito abrangente	-	
2. TCor D. Alcalde	Alta. Na UE há diferentes visões	Mais importante agora. T. utiliza métodos mais sofisticados	FA papel fundamental, mas como estratégia integral	Muito abrangente, com conhecimento geoestratégico	Missões das FA de apoio e treino	
3. OF GC-1	Alta	Surgimento de novos focos, com a sensação de proximidade à Europa	FA relevantes em certas situações: combate militar. GC também é relevante em certos cenários	Muito abrangente	É necessária a formação em evolução e história do terrorismo	
4. CF Aznar	É uma ameaça ampliada	O t. sempre está a evoluir. Não é novo	FA/GC não têm que ter um papel relevante	Muito abrangente. É um conflito político	No seu relato, menciona aspetos históricos, políticos e identitários	
5. Prof Alonso	Alta	Evolução ideológica	É necessária estratégia integral com muitos atores e abordagens. As FA são um deles	Muito abrangente	Salienta o aspeto do ensino histórico	
6. OF Sup GC	Alta. De primeira ordem. T. Jihadista	Mais complexo agora. Passou de um t. Ideológico a um conflito de identidades	FA só em determinadas fases: no combate militar. GC também noutras situações	Muito abrangente, com conhecimento de geopolítica /geoestrat.	No seu relato reflete a necessidade da formação histórica	



ENTREVISTADOS	TEMAS				
	Importância do TI	Evolução temporal	Relevância das FA/GC	Abrangência da formação dos oficiais	Outros
7. Cor Fuente	Alta	Diminuição do t. revolucionário. Crescimento do t. de estado, de guerra e Jihadista	FA: relevância limitada. Última opção, mas como estratégia integral	Muito abrangente, com conhecimento geopolítico e histórico	É necessário assumir uma luta integral e de longo tempo
8. OF Sup AR	Alta	Aumento do t. islamita	FA: emprego no exterior	Muito abrangente	Salienta a formação em história do TI
9. Cor Salom	Alta. É a maior ameaça	Antes ideológico, agora de carácter religioso. Mais complexo. Novas formas	FA: ator principal. É uma guerra subversiva. Também outras ações	Abrangente, mas dentro das capacidades militares	Necessidade de que as FA sejam uma ferramenta credível
10. Prof Martin	Alta.	Antes era ideológico, agora tem carácter religioso	Não deve ser a primeira opção. Mais há cenários nos quais devem ser	Muito abrangente no sentido operacional e cultural	Destaca a necessidade de ter conhecimento evolutivo do TI
11. OF GC-2	Alta. T. Jihadista	Métodos mais sofisticados e amplo emprego dos media	Meios militares têm que ser utilizados com precaução	Abrangente, com conhecimentos de geopolítica	
12. OF Sup Exe	Alta	Internacionalização desde os anos 70	FA relevantes em certos cenários	Muito abrangente	